

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"
Campus de Presidente Prudente - Faculdade de Ciências e Tecnologia
Programa de Pós-Graduação em Geografia



TERRITÓRIO CAFEIEIRO: transformações da paisagem e configuração de um habitat urbano-rural no Departamento de Risaralda, Colômbia

Luisa Fernanda Durán Montes

Presidente Prudente – SP
2016



Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Campus de Presidente Prudente - Faculdade de Ciências e Tecnologia
Programa de Pós-Graduação em Geografia

TERRITÓRIO CAFEEIRO: transformações da paisagem e configuração de um *habitat* urbano-rural no Departamento de Risaralda, Colômbia

Luisa Fernanda Durán Montes

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho FCT/UNESP – Presidente Prudente - SP, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia. Pesquisa realizada com financiamento da FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Aurelio Saquet

Presidente Prudente - SP
2016

FICHA CATALOGRÁFICA

D952t Durán Montes, Luisa Fernanda.
Território cafeeiro : transformações da paisagem e configuração de um habitat urbano-rural no Departamento de Risaralda, Colômbia / Luisa Fernanda Durán Montes. - Presidente Prudente : [s.n], 2016
196 f.

Orientador: Marcos Aurelio Saquet
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia
Inclui bibliografia

1. Território cafeeiro. 2. Transformações da paisagem. 3. Habitat urbano-rural. 4. Departamento de Risaralda. 5. Colômbia. I. Saquet, Marcos Aurelio. II. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Tecnologia. III. Título.

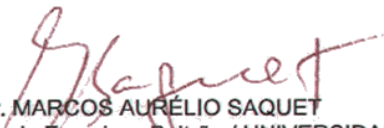
CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: TERRITÓRIO CAFEIEIRO: TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM E CONFIGURAÇÃO DE UM HABITAT URBANO-RURAL NO DEPARTAMENTO DE RISARALDA-COLÔMBIA

AUTORA: LUISA FERNANDA DURÁN MONTES

ORIENTADOR: MARCOS AURÉLIO SAQUET

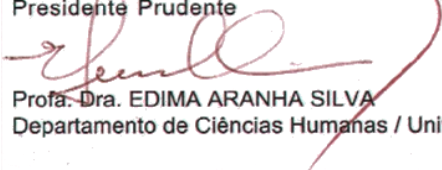
Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em GEOGRAFIA, área: PRODUÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO pela Comissão Examinadora:


Prof. Dr. MARCOS AURÉLIO SAQUET

Campus de Francisco Beltrão / UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ


Prof. Dr. MESSIAS MODESTO DOS PASSOS

Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente / Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente


Profa. Dra. EDIMA ARANHA SILVA

Departamento de Ciências Humanas / Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Presidente Prudente, 08 de dezembro de 2016

AGRADECIMENTOS

No final deste percurso são muitas as pessoas que gostaria agradecer, cada uma delas tem me ajudado de diversas formas a chegar até aqui. Meus agradecimentos começam na minha terra natal, pois sem a força espiritual que minha família e amigos me enviam em cada encontro seria difícil continuar esta caminhada desde o outro lado da fronteira.

No Brasil, gostaria de salientar o Prof. Dr. Marcos Saquet que sem me conhecer aceitou o desafio de me orientar, quero lhe agradecer por todo o apoio, aprendizado e paciência em cada passo desta bonita aventura. Também agradeço especialmente à comunidade colombiana e francesa da UNESP que sempre me fizeram sentir em família e mais perto de casa.

Assim como, os meus diferentes amigos brasileiros, argentinos, equatorianos e uruguaios com os quais compartilhei momentos inesquecíveis e experiências de vida, que me permitiram reivindicar nossa cultura latino-americana. Agradeço, aos professores e administrativos da UNESP com os quais intercambiei diversos espaços de diálogo, debate e amizade.

Igualmente, quero dar meus sinceros agradecimentos a todos os cafeicultores que participaram desta pesquisa, e me possibilitaram entender um pouco desse complexo mundo que se esconde atrás de uma bela montanha e uma gostosa xícara de café. Da mesma forma, agradeço a meu melhor amigo e companheiro de vida por todas as etapas alcançadas e os sonhos vividos.

Finalmente, agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e CAPES pelas bolsas de estudo concedidas durante o mestrado, a primeira com vigência da pesquisa no país processo nº 2014/06152-0. E, a segunda Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE) concedida pelo período de três meses processo nº 2015/24128-1, por meio da qual tive a oportunidade de estudar outros enfoques e metodologias, além de conhecer pessoas que aportaram tanto a minha experiência acadêmica quanto pessoal.

SUMÁRIO

RESUMO	11
ABSTRACT	12
RESUMEN	13
INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1. Aproximações teóricas e conceituais na compreensão da paisagem cafeeira	21
1.1 O referencial teórico-conceitual.....	21
CAPÍTULO 2. Análise do café e do campo: Colômbia, <i>Eje Cafetero</i> e o Departamento de Risaralda	33
2.1 Breve história do café na Colômbia.....	33
2.2 <i>Institucionalidade cafeeira: Federación Nacional de Cafeteros e a relevância da marca “Juan Valdez”</i>	39
2.3 <i>Eje Cafetero: Terra do café</i>	43
2.4 <i>Transformações da paisagem cafeeira na Colômbia e no Departamento de Risaralda (1991-2013)</i>	48
2.5 <i>Declaração Paisagem Cultural Cafeeira Colombiana, Patrimônio da Humanidade</i>	57
CAPÍTULO 3. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	68
3.1 <i>Pereira</i>	73
3.2 <i>Dosquebradas</i>	76
3.3 <i>Santuario</i>	79
3.4 <i>Apía</i>	82
3.5 <i>La Celia</i>	85
3.6 <i>Belén de Umbría</i>	88
CAPÍTULO 4. ORGANIZAÇÕES E COOPERATIVAS FRENTE À CRISE CAFEEIRA	92
4.1 <i>Setor: Acadêmico</i>	93
4.2 <i>Setor: Institucional – Produtivo</i>	96
4.2.1 <i>Fundación AQUI SOMOS PAZ</i>	112
4.2.2 <i>Cooperativa ASOAPIA</i>	122
4.2.3 <i>Empresa CAFE MONTE JAZMIN</i>	130

4.2.4 ASOCAFE MANANTIAL	144
4.2.5 AGROSOLIDARIA LA CELIA	146
4.3 Setor: Turístico	152
CAPÍTULO 5. GESTÃO E PLANEJAMENTO DA PAISAGEM.....	157
5.1 Experiência de desenvolvimento local e patrimonial na Itália: Cinque Terre e Alba-Barolo	157
5.1.1 Paesaggio vitivinicola de Langhe-Roero e Monferrato (Piemonte)	162
5.1.2 Cinque Terre (Ligúria).....	169
CONSIDERAÇÕES FINAIS	179
REFERÊNCIAS	182

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. ABORDAGEM TEÓRICA DA PESQUISA.....	32
FIGURA 2 - ZONAS PRODUTORAS DE CAFÉ	35
FIGURA 3 - MARCA DE CAFÉ JUAN VALDEZ, PROPRIEDADE DA FNC	40
FIGURA 4 - SLOGAN CAFÉ DE COLOMBIA	40
FIGURA 5 - LOCALIZAÇÃO DO EJE CAFETERO	44
FIGURA 6 – SLOGAN OFICIAL DA DECLARAÇÃO PAISAJE CULTURAL CAFETERO	57
FIGURA 7 - ÁREA DA PAISAGEM CULTURAL CAFEIEIRA (INCLUI OS DEPARTAMENTOS DE CALDAS, RISARALDA, QUINDÍO E VALLE DEL CAUCA).....	58
FIGURA 8 – DEPARTAMENTO DE RISARALDA (COLÔMBIA) E OS MUNICÍPIOS PESQUISADOS.....	69
FIGURA 9 – MAPA DE USO DO SOLO NO MUNICÍPIO DE PEREIRA NO ANO DE 2011.....	74
FIGURA 10- MAPA DE USO DO SOLO NO MUNICÍPIO DE DOSQUEBRADAS NO ANO DE 2011	77
FIGURA 11 - MAPA DE USO DO SOLO DO MUNICÍPIO DE SANTUARIO NO ANO DE 2011.....	80
FIGURA 12 - MAPA DE USO DO SOLO DO MUNICÍPIO DE APÍA NO ANO DE 2011	83
FIGURA 13 - MAPA DE USO DO SOLO DO MUNICÍPIO DE LA CELIA NO ANO DE 2011.....	86
FIGURA 14 - MAPA DE USO DO SOLO DO MUNICÍPIO DE BELÉM DE UMBRÍA NO ANO DE 2011	89
FIGURA 15 – CAFÉ ARABICA E ROBUSTA	101
FIGURA 16 – ÁRVORE DE CATURRA.....	103
FIGURA 17 – ÁRVORE DE TÍPICA	104
FIGURA 18 – ÁRVORE DE CASTILLO	105
FIGURA 19 – ÁRVORE DE VARIEDAD COLOMBIA	106
FIGURA 20 – ÁRVORE DE TABI.....	107
FIGURA 21 – ÁRVORE DE BORBÓN	108

FIGURA 22 – MAPA DA PAISAGEM VITIVINÍCOLA COM AS ÁREAS PRINCIPAIS E SECUNDARIAS.....	164
FIGURA 23 – MAPA DO PARCO NAZIONALE DELLE CINQUE TERRE	164

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 1 – FINCA PRODUTIVA EM BELÁLCAZAR, CALDAS, COLÔMBIA	100
FOTOGRAFIA 2 – FINCA DE LUXO NO LAGO CALIMA, VALLE DEL CAUCA, COLÔMBIA.....	100
FOTOGRAFIA 3 – PLANTAÇÃO DE CAFÉ CATURRA EM APÍA.....	103
FOTOGRAFIA 4 – ÁRVORES DE CAFÉ TIPICA NUMA FAZENDA (RISARALDA).....	104
FOTOGRAFIA 5 – ÁRVORES VELHOS DE CAFÉ CASTILLO EM PEREIRA	105
FOTOGRAFIA 6 – VEREDA ALGECIDAS, HUILA	106
FOTOGRAFIA 7 – HACIENDA ‘LA MILAGROSA’ (SANTA MARTA, SIERRA NEVADA).....	107
FOTOGRAFIA 8 – FAZENDA HORIZONTES NO MUNICÍPIO DE MARSELLA (RISARALDA).....	108
FOTOGRAFIA 9, 10 E 11 - LAVOURAS DE CAFÉ CASTILLA À MARGEM DA IMPORTANTE RODOVIA VARIANTE CONDINA QUE FAZ CONEXÃO COM A AUTOPISTA DEL CAFÉ, PERERIA-COLÔMBIA.....	110
FOTOGRAFIA 12 - VISTA PANORÂMICA DO MUNICIPIO BELÉN DE UMBRÍA, ESPECÍFICAMENTE DO CENTRO POVOADO QUE EVIDENCIA CASAS ANTIGAS	119
FOTOGRAFIA 13 - VALLE DE UMBRÍA. BELÉN DE UMBRÍA. COLÔMBIA.....	120
FOTOGRAFIA 14 - PAISAGEM CAFEIEIRA COMPOSTA DE PLANTAÇÕES DE CAFÉ, BANANA DA TERRA N O VALLE DE UMBRÍA, BELÉN DE UMBRIA, RISARALDA, COLÔMBIA	120
FOTOGRAFIA 15 - PAISAGEM NA ENTRADA DO MUNICÍPIO DE APÍA, RISARALDA	123
FOTOGRAFIA 16, 17 E 18 - SÍTIO ASSOCIADO À COOPERATIVA ASOAPIA.....	124
FOTOGRAFIA 19 E 20 – SEDE DA COOPERATIVA ASOAPÍA, LOCAL DE VENDA E COMPRA DOS SACOS DE CAFÉ EM GRÃO VERDE.....	126
FOTOGRAFIA 21 – ARROBAS DE CAFÉ COMPRADAS NA COOPERATIVA ASOAPÍA A SEUS ASSOCIADOS.....	128
FOTOGRAFIA 22 E 23 – INSTRUMENTOS DO LABORATÓRIO DE DEGUSTAÇÃO DA COOPERATIVA ASOAPIA, TORRADORA E TRITURADORA	128
FOTOGRAFIA 24, 25, 26 E 27 – LAVOURAS DE BANANA E NO FUNDO CAFÉ NO POVOADO DE PITAL DE COMBIA EM PEREIRA	131
FOTOGRAFIA 28 E 29 – COLHEITA MANUAL DO CAFÉ NO SÍTIO EL JAZMÍN.....	134
FOTOGRAFIA 30 – FERRUGEM NUM GRÃO DE CAFÉ.....	135
FOTOGRAFIA 31 – COMPOSTEIRA	135
FOTOGRAFIA 32 – MÁQUINA DESPOLPADEIRA TRADICIONAL DE CAFÉ	136
FOTOGRAFIA 33, 34 E 35 – BENEFICIADORA, CONVERTE A CEREJA EM PERGAMINHO SECO E O SILO COM CAFÉ NATURAL (OUTRO TIPO DE CAFÉ)	137
FOTOGRAFIA 36 E 37 – ESTRUTURAS PARA SECAR O CAFÉ EM ESTUFA.....	138

FOTOGRAFIA 38, 39 E 40 – PROCESSO DE DEBULHA E TORREFAÇÃO DA MOSTRA DOS GRÃOS DE CAFÉ DA EMPRESA FAMILAIR MONTE JAZMÍN NO SÍTIO.....	139
FOTOGRAFIA 41 E 42 – TRITURAÇÃO DOS GRÃOS DE CAFÉ PARA UMA DEGUSTAÇÃO.....	140
FOTOGRAFIA 43, 44 E 45 – PREPARO DO CAFÉ E PRONTO PARA DEGUSTAR.....	141
FOTOGRAFIA 46 E 47 – PANORÂMICA DA CIDADE DE LA CELIA, RISARALDA	147
FOTOGRAFIA 48, 49, 50 E 51 – LAVOURA DE CAFÉ NA RODOVIA PEREIRA-LA CELIA.....	148
FOTOGRAFIA 52 – COLHEITA NUM POVOADO CAFEEIRO DURANTE OS ANOS SETENTA.....	155
FOTOGRAFIA 53 – CARTAZ NA CIDADE DE BAROLO NA REGIÃO DO PIEMONTE SOBRE A DECLARAÇÃO DA UNESCO COMO PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE.....	163
FOTOGRAFIA 54 E 55 – IMAGEM SOBRE A PRIMEIRA PRODUÇÃO NOS VINHEDOS EXPOSTA NO MUSEO DEL VINO NA CIDADE DE BAROLO. SLOGAN QUE MOSTRA A IMPORTÂNCIA DA CULTURA DO VINHO NO LOCAL.....	165
FOTOGRAFIA 56, 57, 58 E 59 – PAISAGEM VITIVINICOLA NA CIDADE DE BAROLO	166
FOTOGRAFIA 60 – RUA PRINCIPAL NA CIDADE DE ALBA, PIEMONTE	167
FOTOGRAFIA 61 – HOTEL NA CIDADE DE BAROLO.....	168
FOTOGRAFIA 62, 63 E 64 – FOTOS ANTIGAS DO CULTIVO E COLHEITA DA UVA.....	170
FOTOGRAFIA 65, 66, 67, 68, 69 E 70 – PAISAGEM DE TERRAZZAMENTI NOS DIFERENTES POVOADOS DAS CINQUE TERRE.....	171
FOTOGRAFIA 71 – TRILHA VIA DELL'AMORE FECHADA.....	174
FOTOGRAFIA 72, 73, 74 E 75 – INSTALAÇÕES TURÍSTICAS AVARIADAS E FECHADAS.....	176

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – ÁREA DE CAFÉ TECNIFICADO CULTIVADO NOS MUNICÍPIOS PESQUISADOS E O DEPARTAMENTO DE RISARALDA EM 2014	72
GRÁFICO 2 – HECTARES (%) DE CULTIVOS PERMANENTES E TEMPORÁRIOS NO MUNICÍPIO DE PEREIRA, 2014.....	75
GRÁFICO 3 – ÁREA DE CAFÉ <i>TECNIFICADO</i> VS CAFÉ TRADICIONAL (2007-2014) NO MUNICÍPIO DE PEREIRA	76
GRÁFICO 4 – HECTARES (%) DE CULTIVOS PERMANENTES E SEMIPERMANENTES NO MUNICÍPIO DE DOSQUEBRADAS, 2014	78
GRÁFICO 5 – ÁREA DE CAFÉ <i>TECNIFICADO</i> VS CAFÉ TRADICIONAL CULTIVADO (2006-2014) NO MUNICÍPIO DE DOSQUEBRADAS.....	79
GRÁFICO 6 – HECTARES (%) DE CULTIVOS PERMANENTES E SEMIPERMANENTES NO MUNICÍPIO DE SANTUARIO, 2014	81
GRÁFICO 7 – ÁREA DE CAFÉ TECNIFICADO VS CAFÉ TRADICIONAL CULTIVADO (2006-2014) NO MUNICÍPIO DE SANTUARIO	88
GRÁFICO 8 – HECTARES (%) DE CULTIVOS PERMANENTES E SEMIPERMANENTES NO MUNICÍPIO DE APIA, 2014.....	84
GRÁFICO 9 – ÁREA DE CAFÉ <i>TECNIFICADO</i> VS CAFÉ TRADICIONAL CULTIVADO (2006-2014) NO MUNICÍPIO DE APIA	85

GRÁFICO 10 – HECTARES (%) DE CULTIVOS PERMANENTES E SEMIPERMANENTES NO MUNICÍPIO DE LA CELIA, 2014.....	87
GRÁFICO 11 – ÁREA DE CAFÉ <i>TECNIFICADO</i> VS CAFÉ TRADICIONAL CULTIVADO (2006-2014) NO MUNICÍPIO DE LA CELIA.....	88
GRÁFICO 12 – HECTARES (%) DE CULTIVOS PERMANENTES E SEMIPERMANENTES NO MUNICÍPIO DE BELEN DE UMBRIA, 2014.....	90
GRÁFICO 13 – ÁREA DE CAFÉ <i>TECNIFICADO</i> VS CAFÉ TRADICIONAL CULTIVADO (2006-2014) NO MUNICÍPIO DE BELEN DE UMBRIA.....	91

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – EVOLUÇÃO DAS ESTRUTURAS PRODUTIVAS E DA COMERCIALIZAÇÃO DO CAFÉ NA COLÔMBIA	38
QUADRO 2 – CARACTERÍSTICAS DOS SISTEMAS PRODUTIVOS CAFEEIROS NA COLÔMBIA.....	50

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – POPULAÇÃO DE RISARALDA EM 2015	70
TABELA 2 – A CAFEICULTURA EM RISARALDA 2015	99
TABELA 3 – VARIEDADES DE CAFÉ MAIS REPRESENTATIVAS EM RISARALDA 2015	102

RESUMO

A pesquisa foi realizada em Risaralda/Colômbia, departamento localizado no setor central da região centro-oeste andina do país. A maior parte dos municípios da área em estudo conservam como atividade primária o plantio, a colheita e a exportação de café que no passado representou o setor mais importante e significativo da economia do país; este habitat criado historicamente a partir de processos endógenos inerentes à construção social e cultural do território, convertendo-se no que se convencionou designar pela UNESCO de Paisagem Cultural Cafeeira, envolve áreas tanto rurais como urbanas. O objetivo principal da pesquisa é compreender as principais transformações da paisagem no território cafeeiro do departamento de Risaralda, no período entre 1991 e 2013, tentando gerar subsídios para a construção de uma gestão integrada da paisagem cafeeira a partir das suas configurações como habitat urbano-rural. Para este estudo foi utilizado o método sistêmico/integrado proposto por Vega (2001) a partir de uma abordagem territorial que junto às etapas de estudo, e complementado com os procedimentos dos dados auxiliares como levantamento e análise da bibliografia tanto do tema quanto a área da pesquisa; aquisição e análise de material cartográfico e as atividades de campo como registros fotográficos e aplicação de entrevistas e questionários. Desta forma, a análise permitiu uma compreensão holística e abrangente da Paisagem Cafeeira e as suas transformações no departamento e dos diferentes componentes econômicos, sociais, políticos e culturais e seus impactos com o propósito de subsidiar uma gestão integrada do território considerando as intervenções feitas e como essas têm sido vivenciadas pelas diversas partes interessadas.

Palavras-chave: Território cafeeiro; Transformações da paisagem; Habitat urbano-rural; Departamento de Risaralda; Colômbia.

ABSTRACT

This research was conducted in Risaralda/Colombia, department located in the central sector of the Andean West-Central region of the country. The majority of the municipalities conserve primary activity as planting, harvesting and export of coffee than in the past represented the most important sector of the economy. This habitat created historically from endogenous processes inherent to the social and cultural construction of the territory, becoming what is conventionally designated by UNESCO as Coffee Cultural Landscape that involves rural and urban areas. The main objective of this research is to understand the main transformations of the landscape in the coffee territory of Risaralda, between 1991 and 2013, trying to generate subsidies for the construction of an integrated management of the coffee landscape from their settings as urban-rural habitat. For this study we used the systemic/integrated method proposed by Vega Mora (2001) from a territorial approach with the study stages, and complemented with the procedures of the auxiliary data such as survey and analysis of the literature both the subject matter and the area search; acquisition and analysis of cartographic material and field activities like photographic records and application of interviews and questionnaires. In this way, the analysis allowed a holistic and comprehensive understanding of the Coffee Landscape and its transformations in the department and of the different economic, social, political and cultural components and their impacts with the purpose of subsidizing an integrated management of the territory considering the interventions made and how these have been experienced by the various stakeholders.

Keywords: Coffee land; Landscape transformations; Urban-rural habitat; Department of Risaralda; Colombia.

RESUMEN

La investigación fue realizada en Risaralda/Colombia, departamento localizado en el sector central de la región centro-oeste andina del país. La mayor parte de los municipios del área en estudio conservan como actividad primaria la plantación, cosecha y la exportación de café que en el pasado representó el sector más importante y relevante de la economía del país; este hábitat creado históricamente a partir de procesos endógenos inherentes a la construcción social y cultural del territorio, convirtiéndose en lo que se convenció designar por la UNESCO de Paisaje Cultural Cafetero, envuelve áreas tanto rurales como urbanas. El objetivo principal de este trabajo de investigación es comprender las principales transformaciones del paisaje en el territorio cafetero del departamento de Risaralda, en el período entre 1991 y 2013, intentando generar contribuciones para la construcción de una gestión integrada del paisaje cafetero a partir de sus configuraciones como hábitat urbano-rural. Para este estudio fue utilizado el método sistémico/integrado propuesto por Vega (2001) a partir de un abordaje territorial que junto a las etapas de estudio, y complementado con los procedimientos de los datos auxiliares como levantamiento y análisis de la bibliografía del tema como el área de la investigación; adquisición y análisis de material cartográfico y las actividades de campo como registros fotográficos y aplicación de entrevistas y cuestionarios. De esta forma, el análisis permitió una comprensión holística y abarcadora del paisaje cafetero y sus transformaciones en el departamento y de los diferentes componentes económicos, sociales, políticos y culturales y sus impactos con el propósito de contribuir a una gestión integrada del territorio considerando las intervenciones hechas y cómo estas han sido vivenciadas por las diversas partes interesadas.

Palabras clave: Territorio cafetero; Transformaciones del paisaje; Hábitat urbano-rural; Departamento de Risaralda; Colombia.

INTRODUÇÃO

O departamento¹ de Risaralda, centro do *Eje Cafetero*, e que historicamente formou parte da *Colonización Antioqueña*, processo de cerca de 150 anos que influenciou a criação de uma identidade no centro Oeste da cordilheira central, transformando a paisagem a partir dos cultivos de café e da adaptação para morar nas encostas, o que permitiu estabelecer um habitat especial de acordo às características culturais. Este sistema atualmente encontra-se ameaçado pelas constantes mudanças, fundamentalmente, econômicas e políticas tanto nacionais quanto internacionais.

Nesse contexto de mudanças, estudamos o período compreendido entre 1991 e 2013 para compreender os impactos de fatos e eventos ocorridos durante esse intervalo como a implementação do modelo de desenvolvimento a partir de políticas neoliberais, a conclusão do pacto cafeeiro que permitia estabilizar o preço do café no mercado internacional, os processos e gestão para obter a declaração da Paisagem Cultural Cafeteira pela UNESCO e o reajustamento dos Planos de Ordenamento Territorial nos municípios e departamento em questão, embora, é necessário explicitar que consideramos o passado retomando elementos histórico que permitiram analisar o recorte temporal e a projeção do futuro.

Em síntese, a problematização do caso estudado refere-se particularmente às condições econômicas, políticas e culturais atuais do Departamento de Risaralda, ressaltando que o território cafeeiro não é preferido pelo governo atual e, o processo produtivo não é rentável, deixando muitos produtores em crise a cada dia. Além disso, as políticas públicas não ajudam a prevenir ou evitar a queda dos preços, e os camponeses são pressionados a mudar seu sistema de produção ou a deixar suas terras. Tudo isto pode colocar em risco a declaração de Paisagem Cultural Cafeteira emitida pela UNESCO, ou seja, a presente questão é, claramente, uma problemática de desenvolvimento regional com sérios

¹ A Colômbia é uma república unitária de acordo com a Constituição Nacional de 1991. Não obstante, o país tem uma descentralização administrativa, como parte das políticas de desenvolvimento levadas a cabo pelo governo nacional, através da qual grande parte da administração do Estado é dividido entre as entidades administrativas-territoriais de nível inferior. Essas entidades, do mais para o menos importante, são os departamentos, municípios e territórios indígenas que conformam diferentes níveis de organização territorial da República (Departamento Administrativo Nacional de Estadística, 2000).

riscos em virtude da crise agrária e da administração inadequada da institucionalidade cafeeira. Os preços do café, normalmente baixos, desfavorecem os camponeses e poderão contribuir para mudar a estrutura principal da Paisagem Cultural Cafeeira caracterizada, até então, pelo predomínio do café. Precisa-se deste tipo de análise proposta para estudar a construção histórica da paisagem e do território cafeeiro, tentando gerar conhecimento de uma forma mais integrada que ultrapasse um simples diagnóstico levando em consideração as necessidades e a realidade do contexto vivido.

Esta pesquisa justifica-se, para a ciência geográfica, a partir da Geografia Agrária, primeiro por causa do método adotado que permitirá identificar os componentes do *sistema territorial* (urbano-rural), assim como entender as relações, as determinações e efeitos, aportando propostas para a compreensão dos desequilíbrios territoriais, desta forma poder-se-ia ter uma contribuição teórico-metodológica para futuras pesquisas sobre esta temática.

A análise será feita de forma integrada e sistêmica sobre como poderia funcionar a articulação da paisagem cafeeira reconhecida culturalmente com as necessidades dos produtores e o planejamento urbano-rural. Também, pela discussão acerca da ruralidade na Colômbia, que se trata da interpretação da conflitualidade da Paisagem Cultural Cafeeira e como fazer para conservá-la.

Nosso objetivo principal se constitui na compreensão das principais transformações da paisagem no território cafeeiro do Departamento de Risaralda (Colômbia), no período entre 1991 e 2013, tentando gerar subsídios para a construção de uma gestão integrada da paisagem cafeeira a partir das suas configurações como *habitat* urbano-rural. E, os objetivos específicos são: 1) Identificar os agentes e os processos que têm configurado a cultura cafeeira como espaço de construção social do habitat urbano-rural no período supracitado; 2) Caracterizar as principais transformações da paisagem cafeeira em relação às tendências de planejamento territorial no Departamento de Risaralda; 3) Analisar as políticas públicas que visam garantir a continuidade da Paisagem Cultural Cafeeira; 4) Subsidiar a construção de uma gestão integrada da paisagem cafeeira no âmbito das políticas de ordenamento do território ditadas pelo Estado colombiano.

Para o adequado desenvolvimento da pesquisa foi fundamental fazer um primeiro trabalho de campo, com o intuito de confirmar ou não as informações obtidas nos sites oficiais, relatórios e dados secundários quantitativos e qualitativos de instituições públicas e privadas (*Comité Departamental de Cafeteros, Universidad Tecnológica de Pereira, Sistema Universitario del Eje Cafetero, Cooperativas de Café, etc.*). Também realizamos novos contatos com a agremiação cafeeira e ampliamos a base cartográfica, estudamos os planos de ordenamento territorial, documentos de políticas públicas (leis, acordos, decretos), livros, jornais, artigos etc.

O trabalho de campo no Departamento de Risaralda foi feito em duas fases, a primeira a partir da exploração e o aprofundamento do objeto de estudo. Deste modo, fizemos 9 entrevistas com um roteiro previamente elaborado junto a pessoas relacionadas com os setores acadêmico, institucional e produtivo (APÊNDICE A). Os roteiros estiveram focados, principalmente, na procura de fatos recentes sobre a gestão e as questões políticas da Paisagem Cultural Cafeeira; além da identificação das estratégias utilizadas pelas organizações públicas e particulares, as relações de poder/conflitos e principais redes formadas entre as instituições; também precisamos de dados mais quantitativos como a quantidade produzida nas organizações escolhidas durante a última colheita, área utilizada, técnicas, tecnologias e número de trabalhadores.

Na segunda fase, para complementar o trabalho iniciado anteriormente, foi aplicado um questionário previamente definido (APÊNDICES B e C), enfatizado sobre detalhes como os selos de certificação obtidos, a percepção do turismo e a Paisagem Cultural Cafeeira, as variedades de café produzidas, número de trabalhadores ou associados, o processo da venda e os procedimentos para verificar a qualidade do grão (degustação), nesta vez foram questionados 6 atores-chaves da cultura cafeeira, produtores e camponeses. Ademais, escolhemos as organizações mais influentes baseadas nos impactos e as mudanças trazidas para o departamento, e alguns dos produtores independentes nas cidades de maior representação em Risaralda (Pereira, Dosquebradas, Belén de Umbría, Santuario, La Celia e Apía), servindo estes como meio de verificação das dinâmicas sociais, culturais, políticas e econômicas que influenciam e impactam o departamento e o país.

Durante os trabalhos de campo, as cidades do Departamento de Risaralda visitadas foram: Pereira, Dosquebradas, Santa Rosa de Cabal, Apía, La Celia e Belén de Umbría, as quais ainda conservam fortemente a atividade cafeeira e estão inclusas dentro das áreas reconhecidas como principais da declaração *Paisagem Cultural Cafeeira*.

O procedimento consistiu, primeiramente, na identificação dos casos de estudo a partir das organizações e cooperativas registradas na base de dados oficiais de instituições públicas como Corporación Autónoma Regional de Risaralda (CARDER) e Cámara de Comercio das cidades de Pereira e Dosquebradas e, também que tenham tido uma atuação relevante no Departamento de Risaralda. As escolhidas foram: *Fundación Aquí Somos Paz* no município de Belén de Umbría, *Asoapía* do município de Apía, *Asocafé Manantial* no município de Dosquebradas, *Organización Agrosolidaria* no município de La Celia e dois produtores independentes do município de Pereira e Santuario que não participam frequentemente de organizações ou cooperativas, e suas vendas são, especialmente, para as empresas ou pessoas que pagarem um melhor preço.

As organizações, produtores e funcionários entrevistados e questionados foram escolhidos a partir de alguns contatos de processos acadêmicos anteriores na Universidad Tecnológica de Pereria, e outros foram indicados por pessoas que estão envolvidas no setor cafeeiro do Departamento de Risaralda. Os casos de estudo, selecionados a partir das organizações foram determinados com base na identificação dos atores que participam direta ou indiretamente na produção cafeeira do departamento, e alguns dos casos apresentam maiores impactos do que os outros, porém levando em conta os diferentes percorridos de cada uma, suas características, conquistas e dificuldades. Um exemplo disto se mostra na capacidade para exportar ou a tentativa de organizar um grupo significativo de cafeicultores de um município para a criação de uma cooperativa, o que pode ser evidenciado nos resultados e discussões do trabalho de campo.

Adicionalmente, classificamos em grupos as pessoas nas quais se tinha interesse de entrevistar: acadêmico, institucional – produtivo e turístico. No primeiro grupo se complementou com a leitura de livros, artigos, cartilhas e folhetos escritos por diferentes

pesquisadores da região; no segundo, conseguimos ter uma proximidade com algumas cooperativas e produtores de café; no terceiro, entrevistamos pessoas que trabalham na instituição cafeeira e se teve acesso a uma pesquisa recente (2013-2014) das empresas particulares THR-*International Tourism Consultants* (Barcelona-Espanha) e INDICES S.A. (Bogotá-Colômbia) com o apoio do Sistema Universitario del Eje Cafetero-SUEJE (antes Red Alma Mater) de Pereira-Colômbia, que elaboraram o estudo: *Diseño y estructuración de productos turísticos del Paisaje Cultural Cafetero*; que permitiu complementar o trabalho de campo com informações recentes e noutra perspectiva sobre o turismo na região, a partir de um diagnóstico que descreve sua situação atual, as vantagens e desvantagens para estabelecer produtos turísticos de nível mundial referentes à paisagem declarada Patrimônio Cultural da Humanidade.

A pesquisa, no que se refere ao caráter teórico-metodológico, está baseada na abordagem territorial e crítica, foi determinada desta forma para atingir a compreensão da complexidade do objeto de estudos com base nos problemas territoriais. O processo histórico “exige” a identificação das relações sociais do contexto, os elementos que transformaram e ainda transformam o território, abrangendo tanto o campo quanto a cidade. Do mesmo modo, tentamos organizar a construção do arranjo teórico dos conceitos para que pudéssemos relacioná-los com a realidade e subsidiar na sua compreensão.

Portanto, para distinguir de um jeito aprofundado dita complexidade precisamos do enfoque sistêmico, o qual pode ser representado no método sistêmico/integrado, centrado na Teoria Geral dos Sistemas como ciência da “totalidade” que identifica problemas de organização, eventos locais, interações dinâmicas etc. Este método é caracterizado pela realização de uma série de atividades que, devidamente organizadas e relacionadas, visam alcançar um determinado objetivo ou um propósito comum. Embora, para a discussão que nós estamos fazendo, principalmente, sobre os conceitos de território e paisagem, é necessário fazer uma adaptação da teoria geral dos sistemas, pois esta discussão vai além e sua análise deve ser mais ampla e abrangente para compreender o caso de estudo pesquisado. Por conseguinte, a leitura da paisagem e o entendimento dos agentes e processos no território, são possíveis de uma forma mais detalhada por meio desse método,

pois “seu caráter de ciência que investiga as “inter-relações” dos componentes do espaço geográfico e das “correlações” natureza-sociedade” (BERTRAND e BERTRAND, 2009 apud VIEGAS, 2015).

Para complementar esta abordagem, decidimos abordar o enfoque de pesquisa holística apresentado por Jaqueline Hurtado, e o tipo de objetivo geral desta pesquisa reside no “holótipo” de investigação designado “Pesquisa Projetiva”. Portanto,

O holótipo de Pesquisa Projetiva consiste no desenvolvimento de uma proposta, um plano, um programa ou um modelo, como uma solução para um problema ou uma necessidade prática, seja de um grupo social ou instituição, ou uma região geográfica, numa determinada área do conhecimento, a partir de um diagnóstico preciso das necessidades do momento, os processos explicativos ou geradores envolvidos e das tendências futuras (HURTADO, 2000, p. 19, tradução nossa)

O processo da pesquisa envolve as seguintes fases conforme Hurtado (2000):

Exploratória e Descritiva: consistem em um estudo da realidade ou evento para mudar, tanto em seu aspecto específico quanto em seu aspecto evolutivo para identificar as prioridades, o potencial e realizar a descrição progressiva e adequada da realidade. Na pesquisa se inclui a revisão bibliográfica para a elaboração de um corpo teórico-conceitual pertinente à temática de estudo, e assim discutir conceitos principais como território, paisagem e *habitat*, bem como trabalhos e estudos sobre a Paisagem Cultural Cafeeira e a crise agrária na Colômbia, com o intento de situar a análise no tempo e no espaço. Isto resultou em uma lista de verificações e tabelas de referência além da observação e registro da situação atual. Finalmente, para esta fase construímos uma base de informação consolidada para fazer uma melhor interpretação da realidade percebida.

Comparativa: permite identificar os processos causais associados ao evento que se tente mudar, analisando as semelhanças e diferenças entre os grupos e situações que envolvem diferentes níveis do evento estudado. Nesta fase, foram classificados os processos da cultura cafeeira e a realização de pesquisas documentais para coletar dados secundários e informações em documentos acadêmicos, oficiais e de órgãos governamentais.

Analítica e Explicativa: possibilita analisar a situação e o evento para modificar de acordo com as expectativas, interesses, motivações, conflitos e alianças dos interessados para a incorporação na proposta e, portanto, facilita compreender os mecanismos de funcionamento interno e externo do caso de estudo. Aqui, realizamos os trabalhos de campo, entrevistas e aplicação de questionários para ter contato direto com o objeto; isto foi complementado com a realização de uma análise gnosiológica², que permite analisar e sintetizar os fatores e componentes da paisagem cafeeira para sua devida articulação com os planos de ordenamento do território e o planejamento no Departamento de Risaralda, e deste modo identificar e explicar os fatores que influenciam a paisagem cafeeira.

Prognóstica: baseia-se na elaboração do prognóstico da situação, para mudar em termos das consequências de possíveis intervenções com base no impacto de geração de processos e tendências. Para esclarecer as linhas de ação fizemos uma análise para definir os processos e os elementos que permitem a integração do território com o cenário da Paisagem Cultural Cafeeira.

Propositiva: pretende-se elaborar e sugerir recomendações, definidas como um conjunto de atividades articuladas e coordenadas. A proposta contempla a visualização do futuro e como poderia se chegar lá, para este caso as sugestões são feitas através de linhas estratégicas.

²É apenas a configuração do processo de análise sintagmática definitiva que é construído nas fases anteriores.

CAPÍTULO 1. Aproximações teóricas e conceituais na compreensão da paisagem cafeeira

1.1 O referencial teórico-conceitual

A emergência da abordagem territorial do desenvolvimento rural e urbano pressupõe que o nível de tratamento analítico e conceitual dos problemas precisa ser o espaço de ação, ou seja, espaço onde transcorrem as relações sociais, culturais, econômicas e políticas. Espaço construído a partir das ações existentes entre os indivíduos e destes com o ambiente onde estão inseridos, transformado, portanto, em território (RAFFESTIN, 1993). Por isso nesta pesquisa, prioriza-se o território como conceito central.

A construção de determinado território resulta de diversos fatores, tanto econômicos como políticos e culturais. Esses fatores são inerentes ao modo capitalista de produção e, ao mesmo tempo, há uma interligação entre o território e a paisagem. Esta última é composta por elementos e processos da natureza e das atividades humanas e, ao atuar nela e no espaço, por meio ou não do planejamento, precisamos considerar a interface sociedade-natureza.

Assim, como o território apresenta-se fragmentado e organizado em torno das funcionalidades historicamente definidas, a paisagem pode ser entendida como portadora destas mesmas funcionalidades. No entanto, a paisagem é reconhecida como forma de análise não dotada de independência, mas como um conceito por meio do qual a leitura do espaço reflete-se nas formas, nos objetos, nas atividades, nos elementos biológicos e culturais. Território e paisagem, assim, estão intimamente ligados.

Nessa esteira, a paisagem revela certas mudanças e permanências estabelecidas em um território através do tempo, num conjunto de objetos e formas concretas (passadas e presentes), as quais caracterizam e dão significados específicos à paisagem (MACHADO, 2009). A transformação da paisagem por meio das atividades humanas é correspondente à relação sociedade-natureza, que apresenta um caráter dialético e ao mesmo tempo complexo. Por isso, a estruturação da paisagem depende das necessidades básicas da sociedade e pode ser interpretada como:

(...) uma parcela fragmentada do real passível de ser apreendida a partir da observação, o que reforça a concepção de paisagem como dimensão aparente da dinâmica territorial. Também pode ser entendida como uma síntese concreta, sendo um conjunto de formas e objetos que expressam *tempos e territórios* diferentes (Machado, 2009, p. 45).

E, na procura de uma melhor compreensão desta relação, é substancial considerar o território, a partir da confluência dos elementos de arranjo político, econômico, cultural e ambiental. Uma das principais consequências dessa relação é visível na transformação da natureza, ou seja, a paisagem historicamente constituída nos processos de ocupação revela a formação do território (Figura 1, pág. 32).

Nesta pesquisa o entendimento do território envolve principalmente aspectos culturais, apoiando-se em Gouëset (1999, p. 48) que concebe este como “modo de apropriação humana no espaço geográfico”; interpretação que é reafirmada e complementada com definições como a de Zambrano (2010) que considera um território como aquele em que convergem diferentes espaços culturais, sociais e políticos, produzindo formas particulares de identidade territorial. De acordo com o exposto, Ardila (2003) descreve o território como uma produção cultural, que se revela na forma de paisagens, todas refletindo relações ideológicas e de poder construídas ao longo do tempo, como uma parte fundamental da vida cotidiana. Os conceitos, portanto, servem de orientação para a apreensão do objeto de estudo.

Os conceitos de território e lugar são fundamentais, juntamente com os de espaço e tempo tanto para a pesquisa e interpretação do real como para subsidiar a construção de processos de desenvolvimento que tenham base nos princípios de participação, cooperação, solidariedade, distribuição da riqueza, recuperação e preservação ambiental (SAQUET, 2011, p. 9).

Por isso, a abordagem territorial é considerada por Saquet (2011, p. 175) como “um caminho para se compreender as relações e complementaridades que acontecem entre o espaço urbano e rural, seus conflitos, as redes, as relações de poder, enfim, a unidade rural-urbana e das tramas territoriais”.

No local da pesquisa, o Departamento de Risaralda, o processo de apropriação e construção social do território, sobretudo, o arranjo e a transformação das relações sociais, têm sido feitos desde o agir entre o rural e o urbano. Esta dinâmica permitiu a criação de cidades muito pequenas, e de atividades principalmente agrárias, caracterizados por uma vida significativa camponesa.

Destarte, o urbano se compõe de uma *morfologia material*, representado na cidade e, ao mesmo tempo, de uma *morfologia social* (tecido de relações), demonstrando que não existe sociedade sem organização do espaço. Em relação ao rural, o campo denota a *morfologia material* e as relações à *morfologia social* (AZEVEDO, 2012). A morfologia tanto material quanto social, refere-se aos *conteúdos* e aos estilos de vida, que envolvem os dois espaços, ou seja, estas se superpõem conforme as relações existentes entre o campo e a cidade. Esses espaços podem ser identificados como “superpostos, amalgamados e intrinsecamente relacionados, razão pela qual são agora espaços urbanos/rurais” (SPOSITO, 2010, p. 122). Em síntese, a dinâmica dos conceitos mencionados está em constante transformação, mormente pelas formas de organização da sociedade, que não são homogêneas e contínuas no tempo.

Em virtude do exposto, vale ressaltar a seguinte reflexão:

O urbano e rural não devem ser interpretados como opostos ou como espaços e modos de vida separados e sem contato. O modo de vida produzido na cidade, o urbano, é influenciado, em certa medida, pelo modo de vida produzido no campo, o rural (WIRTH, 1987, p.96).

Para abranger a compreensão da tensão dos agentes identificados na pesquisa, é preciso analisar a base da conflitualidade, e assimilar o conceito de território inerente ao conceito de poder, dessa forma, o primeiro conceito “é um trunfo particular, recurso e entrave, continente e conteúdo, tudo ao mesmo tempo. O território é o espaço político por excelência, o campo da ação dos trunfos” (RAFFESTIN, 1993, p. 59-60). E, o segundo se pode reconhecer a partir de uma organização, como a luta contra a desordem feita pelo Estado que, também nas palavras de Raffestin (1993), precisa ser explicado como multidimensional, já que sua atuação se encontra com outras dimensões do poder,

incluindo as práticas e relações cotidianas sociais (GALVÃO; FRANÇA; BRAGA, 2009, p. 34). Em consequência, essa luta demonstra um poder paralelo que não é facilmente identificável, e “(...) que está presente em cada relação, na curva de cada ação, que utiliza todas as fissuras sociais para se infiltrar” (IBIDEM, p. 39).

Nesse contexto, a abordagem territorial relacional que é construída por Claude Raffestin, fundamenta-se no território que é formado pelas relações multidimensionais de poder e pelas redes de circulação e comunicação; a territorialidade corresponde a estas relações, compreendida por meio da relação espaço-tempo, com as características particulares dos indivíduos e dos grupos que fazem parte de cada território. Por conseguinte, “em toda relação circula o poder que não é nem possuído nem adquirido, mas simplesmente exercido” (RAFFESTIN, 1993, p. 7).

Aprofundando as relações de poder (aleatórias e dissimétricas), encontram-se dois tipos de atores que desempenham as articulações, os *sintagmáticos* e os *paradigmáticos*:

O ator sintagmático combina todas as espécies para “produzir”, *latu sensu*, uma ou várias coisas. O Estado é um ator sintagmático por excelência quando empreende uma reforma agrária, organiza o território, constrói uma rede rodoviária etc. A empresa é um ator sintagmático quando realiza um programa de produção. (...) esses atores sintagmáticos são, portanto, constituídos por atores-indivíduos que se integram ou são integrados num processo programado. (...) um ator paradigmático deriva de uma divisão classificatória operada com base em critérios que os indivíduos têm em comum. Não estão integrados num processo programado. (RAFFESTIN, 1993, p. 40-41).

No entanto,

(...) tudo reside na relação concebida como processo de troca e/ou de comunicação. Processo que precisa da energia e da informação, processo que permite aos atores satisfazerem suas necessidades, ou seja, proporcionar a eles um ganho, mas também um custo. Se ganhos e custos se equilibram, as relações são simétricas, do contrário são dissimétricas (RAFFESTIN, 1993, p. 161).

No processo estudado, é possível diferenciar estas relações e suas temporalidades, no qual os protagonistas têm sido, principalmente, os camponeses cafeicultores, as organizações públicas (inclusive o Estado) e privadas. Os resultados dessas relações

influenciaram de acordo com a época de forma mais ou menos intensa, os aspectos econômicos, políticos e culturais da região estudada e da Colômbia.

Para tanto, de forma a subsidiar nossa abordagem, evidencia-se que Saquet (2007) destaca algumas contribuições italianas para a discussão de paisagem. De acordo com o autor, percebe-se uma interação entre os conceitos de território, paisagem e espaço geográfico. Em suas reflexões faz uma análise sobre a abordagem de Raffestin (2005) e conclui:

O homem cria, com o desejo e a vontade de construir uma paisagem *ideal*, na qual possa reconhecer suas histórias, sua cultura. [...] A paisagem significa estas imagens do *real* ou do próprio imaginário [...] o que revela, simultaneamente, uma forma uma ligação da paisagem com o território, como abstração e representação no desejo por novas paisagens e na projeção do futuro. Porém, a paisagem não significa o aparente, o sensível do território; é sentida e representada (SAQUET, 2007, p. 145).

Ao mesmo tempo, é relevante destacar como a paisagem é concebida por Milton Santos:

Um conjunto de formas naturais e artificiais. Quanto mais complexa a vida em sociedade, mais artificial tornam-se as paisagens. No entanto, para transformar o natural em artificial, são necessários instrumentos de trabalhos fixos além de possuir o domínio das técnicas, materializado na tecnologia (SANTOS, 1998, p. 54).

Nesse sentido, enfatiza-se a contribuição de Milton Santos, concepção entendida como crítica, em que a paisagem corresponde àquilo que é perceptível pela visão, ou seja, está materializado, juntamente com os sons e tudo o que está contido nela. Afirma, também, a inexistência da paisagem natural, ou seja, aquela que ainda não foi modificada pelo homem.

Desta forma, ainda sobre a paisagem, Luchiari (2001, p. 12) explica que “no processo de construção da paisagem pelo imaginário social, ela não se revelou apenas como quadro onde se desenvolve a trama das práticas sociais: configurou-se na própria representação de práticas sociais que lhe dá novo conteúdo, transformando-a em espaço geográfico”, porque

as mudanças morfológicas na paisagem não podem ser analisadas de forma independente das práticas sociais.

Esta produção apresenta como resultado um *novo* contexto que modifica a forma/paisagem porque incorpora *novas* funções, valores e objetos. Segundo Luchiari (2001, p. 12-13) “esses objetos, formas dotadas de conteúdo, permeadas pelas ações e contextualizadas por um sistema de valores, são imbuídos de significação e intencionalidade. A noção de intencionalidade estabelece uma estreita relação entre ação e objeto”. Entretanto, Santos (1996, p. 75) baseado em Hågerstrand (1991 b), aponta que “a ação é ação em uma paisagem e é a paisagem que dá forma à ação”, isto descreve um *sistema material das formas*, assim, o espaço corresponde a um *sistema de objetos e ações*. A paisagem em si mesma é um vetor passivo, e quando é atribuído o valor social é transformada em espaço, assim sendo um processo ativo da dinâmica social (LUCHIARI, 2001).

Ainda conforme argumenta Santos (1998, p. 25), “a paisagem é diferente do espaço. A primeira é a materialização de um instante da sociedade. [...] o espaço contém o movimento; é igual à paisagem mais a vida nela existente; é a sociedade encaixada na paisagem, a vida que palpita conjuntamente com a materialidade”. Assim, pode-se afirmar que algumas compreensões da paisagem se referem às interações dialéticas entre os elementos da natureza e os socialmente produzidos, interação concebida no tempo e no espaço numa organização visível que pode revelar a combinação invisível, concepção adotada na pesquisa, na tentativa de complementar a compreensão de território.

Com o intuito de complementar a discussão sobre o conceito de paisagem, se pode estabelecer que esta tem se tornado numa base do desenvolvimento da sociedade e, ao não ser um objeto passivo determinado pela base natural, cabe salientar que sua relação cultural sempre vai além e é possível distinguir características dela conforme argumenta Gandy (2001, p. 86): “paisagem é o lugar de superposição de jogos de poderes e de símbolos que têm influência na imaginação dos homens”. Assim sendo, “a paisagem contém um complexo de estímulos, produto da simbologia gerada desde a cultura que é sedimentada no lugar. Estes estímulos orientados ao sujeito, provocam nele, uma reação que se

manifesta através da percepção e a representação da paisagem”. (VALLEGA, 2003, p. 225, tradução nossa).

Por conseguinte, Passos (2013) argumenta que a paisagem é *polissêmica*, pois apresenta relações com questões como qualidade de vida, aspectos estéticos e sua dimensão patrimonial, assim como seu possível valor no ordenamento territorial, aliás, das identidades desenvolvidas pelo o local de vida. Dessa forma, “a paisagem representa o espaço-tempo da cultura, da arte, da estética, do simbólico e do místico. Ela é o *ressourcement* de tempo longo, patrimonial e identitário” (PASSOS, 2013, p. 23).

Em nossa pesquisa, já se pode reconhecer a maneira como a Paisagem Cafeeira denota claramente uma relação de poder, que inclui diferentes agentes do contexto nacional (principalmente atores públicos e privados), bem como processos históricos de ocupação, que têm possibilitado o estabelecimento de um grupo e a criação de uma cultura, transformando por mais de 100 anos a morfologia da região, construindo uma identidade no território e que atualmente é denominado *Región Eje Cafetero*.

Com a finalidade de aprofundar o entendimento da noção de identidade, é necessário considerar sua relação com o território, conceito que permite vincular aspectos simbólicos com a realidade e as experiências vivenciadas:

Toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das idéias quanto no da realidade concreta, o espaço geográfico constituindo assim parte fundamental dos processos de identificação social. De uma forma muito genérica podemos afirmar que não há território sem algum tipo de identificação e valoração simbólica (positiva ou negativa) do espaço pelos seus habitantes (HAESBAERT, 1999, p. 172)

As práticas culturais no espaço representado são produto de uma identidade social que por meio dos seus imaginários, colocando a cultura do café no centro da sua existência, redefinindo as características naturais e os costumes, que são transformados continuamente durante várias gerações, porém, ainda conservam especificidades como as

técnicas na agricultura, o sistema de propriedade da terra, a construção das moradias, o trabalho familiar na lavoura, e a forma de se conformar a institucionalidade cafeeira.

Autores importantes como Santos (1996), Haesbaert (2004) e Saquet (2007) ressaltam a importância de construir, no pensamento geográfico, uma visão *multidimensional* da realidade e sugerem que a reflexão sobre o território precisa envolver as dimensões econômica, política e cultural que o modificam; dimensões que se inscrevem no espaço a partir da história, das ações de apropriação e ocupação que operam no mesmo.

Na história, a humanidade tem influenciado a criação de paisagens, gerando a transformação da natureza em objetos culturais, e o imaginário social traduz e transforma a natureza em artefatos (PEREIRA, 1998). Adicionalmente, “as representações de mundo são construídas na produção desses objetos culturais que, reunidos no tempo e no espaço, transformam a paisagem em lugar” (LUCHIARI, 2001, p. 22). Essa menção ao conceito de lugar tem uma ligação bastante estreita com o conceito de *habitat*.

Nessa perspectiva, retoma-se o conceito de lugar, salientando-se a sua importância, essencialmente porque “contém múltiplas relações e revela-nos os processos sociais mais gerais, os conflitos, os territórios e os tempos” (SAQUET, 2002, p. 229). Essas relações são distintas, e podem ser caracterizadas pelo poder manifestado na autoridade ou soberania, e a sujeição tanto nos aspectos políticos, econômicos quanto culturais. Além disso, “[...] o lugar abre a perspectiva para se pensar o viver e o habitar, o uso e o consumo, os processos de apropriação do espaço. Ao mesmo tempo, posto que preenchido por múltiplas coações, expõe as pressões que se exercem em todos os níveis” (CARLOS, 2007, p. 14).

No lugar se manifestam as diferentes relações históricas da apropriação social, que foram e ainda são estruturadas pelo cotidiano, essas relações eminentemente econômicas, políticas e culturais podem ser reconhecidas como processos convergentes e divergentes, mesmo assim, “o lugar está intimamente ligado ao *viver* e ao *estar* no espaço, aos laços do homem com seu *habitat*.” (SAQUET, 2002, p. 18).

Portanto, para nós, a noção de *habitat* também é importante, não apenas como simples objeto material. Por meio desta, podem-se abordar fenômenos materializados em ações, relações, processos, significados e apropriações (FIQUE, 2008). A partir desta perspectiva, alguns autores sugerem a compreensão do *habitat* humano como um conjunto de fatores materiais e institucionais que determinam a existência de uma população humana localizada.

Assim, é importante acrescentar:

O habitat tem sido considerado como o território onde fica uma comunidade de seres vivos e uma população humana, impondo suas determinações físicas e ecológicas para o ato de viver. Neste contexto, o habitat é definido para ser habitado, e os hábitos de vida definem e geram sentidos existenciais que levaram a co-evolução das culturas com seu meio, através das formas de propriedade de seu ambiente. O habitat é, portanto, território habitado, gerado pela coabitação de populações humanas com seu meio (LEFF, 2004, p. 68, tradução nossa).

À vista do exposto, o *habitat* abarca tanto a singularidade quanto a pluralidade, começa com a organização no espaço escolhido para morar, com a formação de uma linguagem que permite aos habitantes estar e ser, desse modo, a simbologia e os imaginários, juntamente com as ações que impactam o lugar, formam territórios de vida cotidiana.

Em síntese, o conceito de *habitat* pode ser analisado a partir das considerações da autora Anne-Catherine Chardon:

O habitat representa muito mais que o habitáculo, o teto, a casa ou a moradia; o hábitat abrange dimensões além do contexto físico-espacial, pois também é a expressão das dinâmicas que o homem estabelece com seu entorno, assim o hábitat lhe permite viver num território com significado, onde os habitantes além de poder estar, também possam ser. O hábitat, certamente, tem que propiciar as condições necessárias para o habitar, ou seja, mais que ocupar um lugar, habitá-lo é se apropriar dele, transformá-lo e acondicionar o entorno de vida com o intuito de procurar otimizar suas condições para melhorar o nível de vida, num contexto legal, seguro e sustentável (CHARDON, 2002, p.14, tradução nossa).

Os processos de apropriação e transformação da natureza, pelos quais se configura um *habitat*, têm, desta forma, caráter produtivo. Assim, um processo produtivo do *habitat* se materializa no conjunto de ações e retroações, materiais e simbólicas, realizadas numa paisagem específica entre vários atores (sociais, empresarias, institucionais e até o mesmo indivíduo) na procura do desenvolvimento e utilização (apropriação) de recursos para a gestão, planejamento, produção, e transformação (adequação) da plataforma natural (FIQUE, 2008).

Entretanto, o autor Carlos Mario Yory apresenta uma perspectiva mais aprofundada sobre o *habitat* e propõe a noção de *topofilia* baseado na obra do francês Gaston Bachelard “*La poétique de l’espace*”, do ano 1957, e descreve que

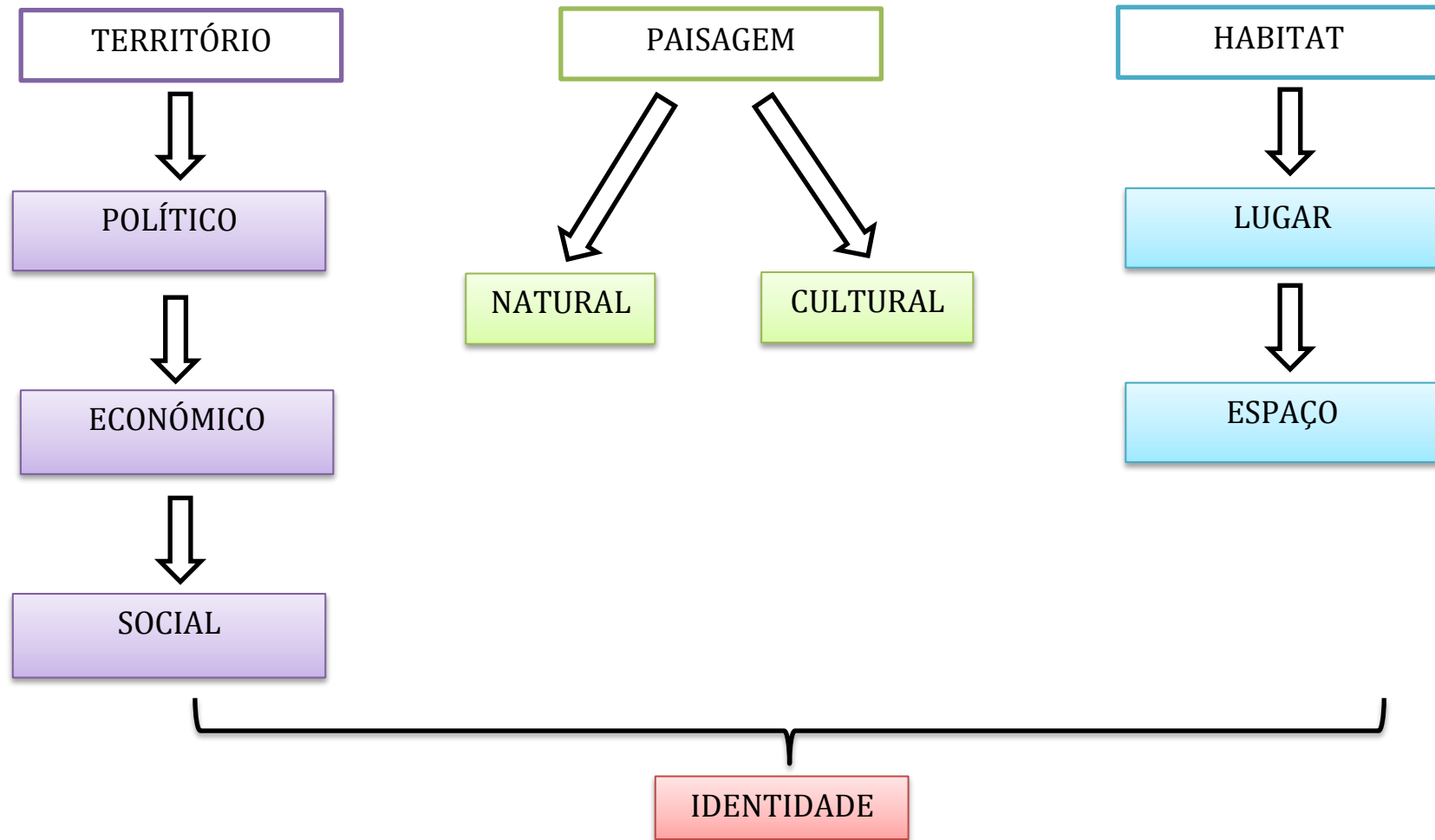
(...) para Bachelard a topofilia é uma categoria poética do espírito desde a qual a percepção do espaço se mediatiza, não somente pela experiência sensível que possa se ter dele (sua “positividade”), senão pela forte carga imaginativa através da qual se poderia afirmar que este “entra em valor”; em outras palavras, em “apropriada significação”; condição que lhe permite diferenciar-se do espaço mesurável da física ou da geometria para ostentar a categoria de “espaço vivido”, ou espaço vivenciado (YORY, 2007, p. 49, tradução nossa).

A relação que temos com o espaço onde habitamos não se desenvolve exclusivamente no âmbito emocional (psicológico), senão que atinge a dimensão do ser (ontológica) como Heidegger denomina “*ser no mundo*”, onde as formas de habitar transcendem de si mesmo para o outro. E, com a noção de *topofilia* –*topo*: espaço habitado e *filia*: relação entre o ser humano e o mundo–, busca-se passar da simples ação de ocupar um lugar, a fim de atribuir um sentido a partir da dimensão emocional dado pela cultura. Por conseguinte, a *topofilia* pode ser determinada como “o ato de co-apropriação originária entre o ser humano e o mundo mediante o qual o mundo se faz mundo, na abertura que dele realiza o ser humano em sua natureza *histórico-espaciante* e o ser humano se faz humano em seu *espacializar*” (YORY, 2007, p. 56, tradução nossa).

Em suma, o conceito de paisagem é por nós entendido como: “uma tradução do conteúdo visível que se expressa na forma (padrões na configuração, estruturas na corporização), é materialidade mediada pelas práticas sócio-espaciais” (ALZATE; DURÁN,

2015, p. 212). Estas práticas que são influenciadas pela dimensão simbólica, que não pode fugir da subjetividade, manifestadas no trabalho e operacionalizadas por meio da técnica, demonstram elementos da materialidade vivida que constrói o território e transforma a paisagem; estas transformações são influenciadas pelas relações de poder. Há, aí, uma relação muito clara entre paisagem e território.

A compreensão da tríade *território-paisagem-habitat* implica para a pesquisa um olhar complexo, permitindo estudar de um jeito abrangente o objeto estudado, o qual requer da caracterização contínua e permanente das mudanças, que são feitas pela cultura sob o controle dos recursos e que, ao interagir com a natureza gera suas próprias dinâmicas territoriais refletidas, sobretudo, na apropriação social, a geração de identidade e significados, as ações espaciais e processos históricos. No contexto cafeeiro, a materialidade apresenta um cenário com uma longa história e diversos atores, que com base nas suas relações econômicas, políticas e culturais produzem territorialidades que implementaram modelos de desenvolvimento que são objeto de análise.

FIGURA 1. ABORDAGEM TEÓRICA DA PESQUISA.

Fonte: Elaboração própria, 2016

CAPÍTULO 2. Análise do café e do campo: Colômbia, *Eje Cafetero* e o Departamento de Risaralda

2.1 Breve história do café na Colômbia

No campo colombiano, especificamente, na região da cordilheira dos Andes se tem desenvolvido a cafeicultura como atividade principal da agricultura no país. E, nas palavras de Palacios (2009), a comercialização do grão foi iniciada no final do século XIX, o qual tem produzido mudanças significativas ao longo do tempo, aproximadamente, 150 anos na composição do ecossistema de acordo com as condições climáticas, geológicas, ecológicas, culturais, políticas e econômicas que configuraram um *habitat* particular, reconhecido como paisagem cafeeira. A configuração desse *habitat* começa com a identificação das práticas produtivas do café, as quais são classificadas por Guhl (2008) como *cafeicultura tradicional* e *cafeicultura intensiva ou tecnificada*, tema que será retomado mais adiante.

Com o intuito de avançar na compreensão da formação do café na Colômbia, vamos utilizar a proposta de Palacios (2009) e subdividir em quatro etapas os traços gerais do mercado cafeeiro mundial e como este configura a história cafeeira colombiana: 1650-1850, “entrada” tardia ao país no sistema mercantil colonial; 1850-1940, a supremacia brasileira; 1940-1989, o mercado administrativo; 1989 - período atual, o retorno ao livre mercado.

Como explica Palacios (2009), os holandeses introduziram o café no século XVIII na América do Sul, espalhando-se desde o Suriname para países como a Venezuela e o Brasil, outros territórios como a Martinica e o Haiti depois de um século da planta ser introduzida pelos franceses, a ilha passa a comandar a produção mundial. A introdução do café na Colômbia como produto colonial se deu na expansão europeia dos séculos XVII e XVIII como consequência de um mercado mundial alimentado pela demanda dos países modernos e de crescimento capitalista, era a bebida da aristocracia, políticos, escritores, etc. Os novos hábitos de sociabilidade encarnados no invento do “café da manhã”, como salienta Palacios (2009), desencadeia o comércio do *produto colonial*, um cultivo de fronteira da maior parte dos países latino-americanos que saciou a sede mundial por esta bebida. Após a década de

1870, o cultivo de café propaga-se pela Cordilheira Oriental desde o Departamento de Santander em direção ao ocidente colombiano, num segundo ciclo (1910-1960), conecta outros espaços dos Andes com o Mar do Caribe pelo Río Magdalena e pelo transporte ferroviário ao Oceano Pacífico (Figura 2).

Outro ponto a destacar, é que a planta de café “exige” condições geográficas específicas e que o desenvolvimento do melhoramento genético ao longo do tempo permitiu uma adequada adaptação nos países tropicais e às exigências do mercado, além de não ser um produto de primeira necessidade, nem estratégico geopoliticamente, desenvolvido principalmente com mão de obra nacional, sem um controle estrangeiro direto e com baixa elasticidade na demanda e oferta, a relação terra-trabalho-capital teria um desenvolvimento bastante distintivo; em nível nacional, o café seria visto como um meio civilizador e integrador (desenvolvimento do transporte, da indústria, do emprego, etc.), em compensação com a fragilidade do Estado.

Um segundo ciclo entre 1850-1940, caracterizou-se pela supremacia brasileira, país que optou pela cultura do café uma vez que a beterraba substituíra o consumo de açúcar de cana na Europa e, com um amplo inventário de escravos para torná-lo um produto ainda mais rentável. Neste período, a concentração da produção do Brasil e o sistema de livre mercado estabelecido no comércio internacional conjugam-se com o papel de liderança dos intermediários, papel representado pelas casas comercializadoras vinculadas aos bancos. O Brasil não era só um simples produtor e consolidou o poder do mercado estabelecendo o preço mundial do café (PALACIOS, 2009). Após a abolição da escravidão, a mão de obra não seria um problema, as políticas federais limitariam o acesso à terra aos imigrantes, e incentivariam o mercado laboral de europeus. Conforme o referido autor, com o aumento do preço mundial originado pelas políticas intervencionistas do Brasil, o mercado da Colômbia e Centro América centrado nos cafés *suaves*, levando em conta o diferencial de preços, aproveitou esta situação para desenvolver seu sistema de exportação.

FIGURA 2 - ZONAS PRODUTORAS DE CAFÉ



Fonte:

[http://www.cafedecolombia.com/particulares/es/el-cafe-de-colombia/un-cafe-sobresaliente/;](http://www.cafedecolombia.com/particulares/es/el-cafe-de-colombia/un-cafe-sobresaliente/)
 acessado em: 30 de outubro de 2015

Ora, tratando-se da demanda, aparece os Estados Unidos entre 1940-1946, resultado da sua expansão com a II Guerra Mundial, a relação da Europa com seu circuito comercial colonial sofre uma forte fragmentação, abrindo, deste modo, a possibilidade para outro acordo comercial multilateral no hemisfério ocidental, aliança denominada Acordo Interamericano do Café, em que se garantiam preços rentáveis para o café produzido na América Latina. Após este período, do qual a Colômbia se beneficiou amplamente, no contexto mundial do pós-guerra, acumulou-se uma grande quantidade de café nos inventários dos países produtores, como frisa Palacios (2009), implicaria entre 1948-1950 um período de escassez e aumento dos preços internacionais. Entre 1963-1989 entra em vigor o Acordo Internacional do Café, tendo ainda como principal consumidor os Estados Unidos com um mercado de exportação garantido na América Latina. Já em 1989, mudava de novo o panorama internacional, o livre mercado passa a regular a economia mundial do café, a estrutura do consumo muda significativamente. Assim, a institucionalidade cafeeira colombiana sofre grandes alterações.

Estudando mais detalhadamente a cafeicultura colombiana, cabe esclarecer que o modelo colombiano é, desde o começo, predominantemente exportador, formado por fazendas que orientaram a institucionalidade cafeeira, materializando-se principalmente na Federación Nacional de Cafeteros (FNC) e representando as classes dominantes do país.

Estes agentes espalharam o cultivo de café, criando uma consciência em torno a sua produção e comercialização, e respondendo a uma demanda e a uns interesses de viabilizar a mobilidade e acesso da produção e comércio, estes elementos terminaram moldando a paisagem e estabelecendo uma rede de comunicação com saída aos principais pontos comerciais (como os portos) e intermediando no mercado mundial. Porém, beneficiando-se também os pequenos produtores com este tipo de adequação, é uma realidade que os agentes comerciais que representavam as fazendas – que em sua totalidade não participavam significativamente da produção – não eram quem realmente captavam a crise do modelo agroexportador, e sim os camponeses que dentro de um sistema explorador, absorvem-na repetidamente.

Como explica Palacios (2009), de forma contrária ao Brasil, a Colômbia não conseguiu estabelecer um controle da mão-de-obra, representando sempre uma exploração da mão-de-obra familiar: apenas entre 1945 e 1970, diferentes pesquisas mostram que os preços do café favoreceram os camponeses, em relação com os termos de troca no comércio internacional, a partir de 1975 o benefício voltaria para a mesma classe social, formada por intermediários e grandes fazendeiros.

Em um país com instituições estatais fracas como a Colômbia na primeira metade do século XX, é evidente que se o produto de exportação tem uma base camponesa, as saídas às crises serão menos traumáticas para o Estado, pois o camponês assume *motu proprio* ou custo da queda dos preços, reduzindo ainda mais sua renda pessoal (PALACIOS, p. 41, 2009, tradução nossa).

A natureza do trabalho camponês na Colômbia é de subsistência e não de acumulação, o que acontece claramente com a intermediação papel que, como apresentamos anteriormente, também assume a *Federación Nacional de Cafeteros* – FNC. Em resumo, a história da cafeicultura colombiana encontra-se fortemente ligada ao comércio mundial, e seu dinamismo, seja protecionista – regulado pela produção ou pelo consumo – ou de livre mercado, esteve sempre sitiado pelos interesses de uma classe dominante, mesmo com uma intensiva modernização da cultura de café (a *Federación Nacional de Cafeteros* inserindo pacotes tecnológicos da revolução verde), os pequenos produtores, camponeses que representam a maior porção da produção total do país ficam estagnados no desenvolvimento das políticas nacionais e absorvem a pior parte das crises, uma e outra vez.

Com o intuito de conhecer melhor a trajetória do sistema produtivo e as diferentes formas de comercialização do café na Colômbia, no Quadro 1 se apresenta uma síntese desses fatos com base nas análises do professor Palacios (2009).

Quadro 1- Evolução das estruturas produtivas e da comercialização do café na Colômbia

Transformaciones del mercado mundial	Jerarquía de productores	Jerarquía de empresarios comerciales en el país	Reglas básicas del juego cafetero
<i>“Libre comercio” siglo XIX. Intervención invisible de Brasil, 1850-1907</i>	1. Haciendas dominantes 2. Campesinos 3. Aparceros 4. Cosecheros campesinos	1. Hacendados 2. Casas comerciales	Intentos fallidos de gravar con impuestos las exportaciones. Los hacendados y las casas comerciales establecen las calidades del café verde.
<i>Intervención abierta de Brasil, 1906-1937</i>	1. Campesinos predominantes 2. Hacendados remanentes 3. Cosecheros-campesinos	1. Tostadoras de EE.UU. 2. Casas comerciales 3. Hacendados	Creación de la FNC. Certificación oficial de calidades conforme a las reglas internacionales. Instituciones de crédito bancario y de manejo temporal de inventarios. El gremio maneja impuestos cafeteros.
<i>Intervención multilateral hemisférica, 1940-1946 (EE.UU. Y América Latina)</i>	1. Campesinos predominantes 2. Hacendados remanentes 3. Jornaleros itinerantes	1. Exportadores privados 2. Tostadoras de EE.UU.	Ampliación del manejo gremial de impuestos con la creación del Fondo Nacional del Café. Tasas de cambio múltiples y dólar cafetero. La FNC es el principal comprador de la cosecha nacional y controla las principales variables del mercado interno: precio, inventarios e información.
<i>Intervención multilateral mundial: 1962-1989 (Principales países productores y consumidores en el mundo)</i>	1. Empresarios en ascenso 2. “Clase media cafetera” 3. Campesinos marginados 4. Jornaleros itinerantes	1. La FNC y multinacionales 2. Exportadores privados	La FNC se convierte en el principal comprador y exportador directo y administra la revolución verde de la caficultura con base en estudios de Cenicafé.
<i>“Mercado Libre” Dominio de las multinacionales de alimentos</i>	1. Campesinos predominantes 2. Empresarios en crisis 3. Jornaleros itinerantes	1. Multinacionales 2. Exportadores privados 3. La FNC 4. Cooperativas	Fin de las tasas de cambio múltiples y del dólar cafetero. La FNC sobrevive. Disminuyen sus recursos y principales funciones reguladoras. Rearfirma la política de “calidad” y se reorienta hacia la comercialización del producto final.

Fonte: Palacios, 2009, p. 45

2.2 Institucionalidade cafeeira: *Federación Nacional de Cafeteros* e a relevância da marca “Juan Valdez”

A *Federación Nacional de Cafeteros* nasceu no ano de 1927 e foi criada no *Segundo Congreso Nacional Cafetero*, com o objetivo de viabilizar de forma eficiente e concorrente a produção do café nacional, sua constituição foi feita com o apoio da *Sociedad de Agricultores de Colombia* e dos governos tanto nacional quanto regional. Suas funções desde o começo estão voltadas a ser o representante legal do grêmio cafeeiro, além de coordenar a política cafeeira do país tanto interna quanto externa. Aliás, é responsável por conseguir verbas que possam melhorar o setor da cafeicultura desde as condições do cafezal até a vida do camponês na roça, a partir de investimentos e execução de programas técnicos.

A *Federación Nacional de Cafeteros* é definida como:

Uma instituição de carácter gremial, de direito privado, apolítica, sem ânimo de lucro, integrada pelos produtores de café das distintas regiões do país que acreditem dita condição com a cédula cafeeira, que se inscrevem como membros dela e que, como cultivadores permanentes, possuam ou explorem cafezais de pelo menos 0,5 hectares ou 1.500 pés de café (Revista Cafeicultura, 2007, p. 1, tradução nossa).

Para integrar os *Comités Municipales* e os *Departamentales de Cafeteros*, é preciso fazer uma eleição com todos os cafeicultores que tenham a identidade cafeeira expedida pela mencionada instituição, e os elegidos escolhem os membros ao *Congreso Nacional Cafetero*, o qual é a autoridade superior da instituição cafeeira. Aproximadamente, a contagem dos *Comités* pode ser descrita da seguinte forma, são 15 *Comités Departamentales* e 356 *Comités Municipales*, os quais contam com 6 membros principais e os seus substitutos, e sua função, basicamente, consiste em representar os interesses dos cafeicultores, executar programas e políticas nacionais (Revista Cafeicultura, 2007, p. 1).

Ressalta-se a gestão da *Federación Nacional de Cafeteros*, pois tem feito parte de importantes foros internacionais, acordos como o *Pacto de Cuotas* de 1940 e o *Acuerdo Internacional del Café* de 1962 até 1989, assim como participado da criação da *Organización Internacional del Café* (OIC) em 1963. Contudo, o gerenciamento da instituição também inclui atividades como estabelecer o preço do café não processado, emitir as licenças de

exportação e conceder o selo certificado e reconhecido internacionalmente como *Café de Colombia*, marca que iniciou em 1932 a partir de um decreto nacional para todo o café que se fosse exportar. E como estratégia publicitária para o posicionamento internacional do café é criada a marca *Juan Valdez* (Figura 3) no ano de 1959, e na década de 1980 o slogan *Café de Colombia* (Figura 4).

FIGURA 3 - MARCA DE CAFÉ JUAN VALDEZ, PROPRIEDADE DA FNC



Fonte: <https://seeyoulaterbrazil.wordpress.com/2015/03/03/santiago-do-chile-cafeteria-juan-valdez/>;
acessado em: 26 de dezembro de 2015

FIGURA 4 - SLOGAN CAFÉ DE COLOMBIA



Fonte: <https://www.juanvaldez.com.co/>;
acessado em: 26 de dezembro de 2015

A marca *Juan Valdez* mostra uma figura “padrão” do cafeicultor colombiano, o qual se baseia nos colonizadores *antioqueños* que chegaram à região desde o século XIX e, segundo, com as diferentes crises de cada momento da história foi usada como estratégia para estimular no país e no mundo a identidade produtiva, que se materializa na paisagem. A figura nasceu no final dos anos de 1950, como já foi mencionado, assim surgiu na crise reconhecida por vivenciar um desequilíbrio entre a produção e o consumo: “A colheita

mundial em 1958 atingia os 52 milhões de sacas, enquanto o consumo, este se estimava em apenas em 38 milhões. Era necessário, por conseguinte, acordar um sistema capaz de prevenir o colapso das cotizações (SANTOS, 1989, p. 266-267 apud TOCANCIPÁ-FALLA, 2010, p. 117, tradução nossa). Além disso, na mesma crise vendeu-se a ideia do que o café da Colômbia é “*el más suave del mundo*”, especialmente, pela localização na região andina e as propriedades físicas do solo, pois são terras com camadas de cinzas vulcânicas e seu processo produtivo que se caracteriza por ser tradicionalmente úmido, este processo será explicado mais adiante nos resultados do trabalho de campo.

Salienta-se que a imagem foi criada, inicialmente, para o público internacional, pois alguns dos cafeicultores não a conheciam e outros nem se identificavam com dita figura, por isso foi necessário fazer, por parte da *Federación Nacional de Cafeteros*, campanhas para a sua socialização, recentemente, com o surgimento dos *Cafés Especiais* a marca tem contado com maior aceitação no nível nacional. No entanto, para o cafeicultor ou uma cooperativa usar o slogan *Café de Colombia* é necessário solicitar uma licença à instituição cafeeira, e é concedida de acordo com o cumprimento de alguns requisitos e exigências, as vantagens de usá-la é que pode “facilitar a comercialização e promoção de marcas de café cuja origem seja 100% *Café de Colombia*, para poder aceder a novos canais de venda e a melhores preços pela matéria prima vendida.” (TOCANCIPÁ-FALLA, 2010, p. 123, tradução nossa).

Conforme o contexto cafeeiro colombiano, analisa-se que na sua história o controle do grêmio tem estado nas mãos do “*Cinturón Cafetero*”, porém, com o recente surgimento dos *Cafés Especiais*, pretende-se que seja uma oportunidade para destacar o pequeno cafeicultor e as características tanto naturais quanto culturais de cada região; outra questão que pode resolver o posicionamento dos Cafés Especiais no mercado é a não dependência dos momentos críticos para procurar a consolidação dos produtores. Por isso, nesta primeira parte desenvolvida da pesquisa deu-se ênfase aos diferentes casos de associações ou cafeicultores independentes de Risaralda que tentam abrir caminho no mercado dos *Cafés Especiais* e têm alcançado algumas conquistas significativas.

Para finalizar, conclui-se que a instituição cafeeira desde seu início gerou benefícios tanto ao grêmio cafeeiro quanto ao país, suas políticas permitiram a execução de projetos e

programas que fortaleceram o setor, destacando-se a criação do *Fondo Nacional del Café* em 1940 a partir das contribuições que fazem os produtores de acordo a uma porcentagem da venda de cada saca de café, a qual é estabelecida por lei e tem variado historicamente. Inicialmente, a *Federación Nacional de Cafeteros* investia com esse fundo na execução de programas que permitiam melhorar as condições socioeconômicas do cafeicultor, bem como na construção de rodovias e rede de esgotos, ademais levou água a povoados muito distantes, e desenvolveu programas técnicos e tecnológicos que possibilitaram o melhoramento das plântulas de café e, em 1938, é criado o *Centro Nacional de Investigaciones de Café* (Cenicafé), o qual tem objetivo de gerar, adaptar e transferir conhecimentos científicos e tecnológicos ao grêmio, assim sendo sua maior conquista a criação da *Variedad Colombia* e *Castillo*, as quais foram criadas para serem resistentes à ferrugem e contribuíram à expansão do *Sistema Tecnificado*.

Outro ponto para destacar é a constituição de cooperativas de cafeicultores em cada cidade, as quais garantem a compra do café dos produtores de acordo com os preços estabelecidos pela instituição, e também fornecem a venda das ferramentas, adubos e fertilizantes aos cafeicultores. A importância da instituição cafeeira chegou a níveis tão altos como o apoio para a formação de entidades para a comercialização, produção e crédito no setor rural. Por outro lado, no ano de 1965, cria-se a *Fundación Manuel Mejía*, a qual é responsável da formação da comunidade rural, a partir de programas que apoiam a capacitação tanto da população cafeeira, geralmente, adulta quanto os trabalhadores da instituição cafeeira. Igualmente, salienta-se que a cultura do café possibilitou o crescimento econômico do país, tornando-se o principal produto agrícola que tem representado nos últimos anos, aproximadamente, o 20% do PIB, porém para o ano de 2007 e conforme os dados publicados na Revista Cafeicultura: “(...) a FNC representa os interesses de mais de 560 mil famílias produtoras (aproximadamente 2 milhões de pessoas) que dependem diretamente da produção do grão. Assim, 94% delas têm cafezais de extensões menores com cinco hectares” (Revista Cafeicultura, 2007, p. 1, tradução nossa).

Nos próximos subcapítulos, trata-se dos resultados dos trabalhos de campo, da pesquisa documental e os cafeicultores entrevistados que, principalmente, manifestam as

falhas da estrutura da instituição, as mudanças que têm afetado o setor, as dificuldades enfrentadas pelo pequeno produtor para acessar os créditos, e também o fundo que foi criado há tantos anos de acordo com propósitos específicos, que funcionou por muito tempo, agora é alvo de polêmicas pela precária administração. Esta situação demonstra uma crise interna tão forte na *Federación Nacional de Cafeteros* que, para solucioná-la, precisa de profundas mudanças políticas.

2.3 Eje Cafetero: Terra do café

O nome de *Eje Cafetero* foi dado a esta região (Figura 5), pela forte presença do cultivo de café, configurando um processo cultural e histórico, especificamente nos Departamentos de Caldas, Quindío e Risaralda³, localizados no centro-ocidente na cordilheira central e ocidental, que antes de 1966⁴ conformaram o departamento de *El Gran Caldas*, o qual se caracterizou pelos sucessos obtidos na exportação do grão de café. A área integra 12.906 km² que corresponde a 1,3% do país, sendo 53 municípios e, segundo os dados do DANE para o ano de 2005, conta com uma população de 2.810.768 habitantes, que representa 6,1% da população nacional. Assim, para o ano de 2005 a porcentagem da população que morava na parte urbana era de 73,73% e na rural de 26,27%, mostrando uma forte migração para as cidades principais (ROBLEDÓ, 2008, p. 20-21), e segundo as projeções do DANE, para o ano de 2010, a estimativa da população foi de 2,5 milhões.

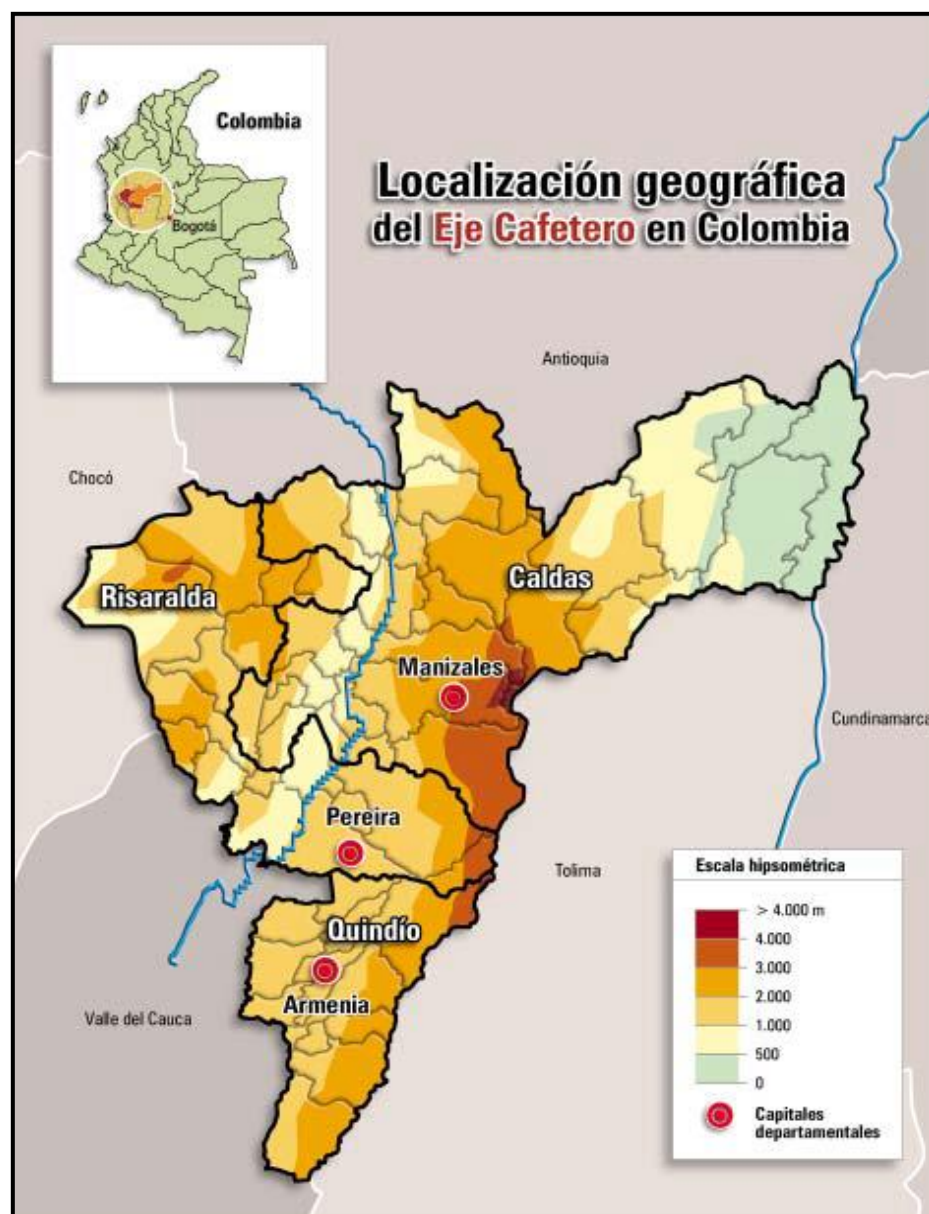
Conforme a pesquisa do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD (2006) durante os anos de 1993 até 2005, 14 municípios da região apresentaram um crescimento menor a mil habitantes, diminuindo consideravelmente a população rural e mais 12 municípios mostraram uma população menor a 10.000 habitantes, os quais tiveram

³ Os departamentos de Caldas, Quindío e Risaralda estão localizados numa zona designada como “*Triángulo de Oro de Colombia*”, pois é ponto da passagem entre as três cidades principais do país, Bogotá, Medellín e Cali, que para o ano 2005 reunia o 49% da população total do país.

⁴ Em 1966, consolida-se a produção cafeeira e devido a gestas cívicas iniciadas em Armenia e Pereira (cidades do Grande Caldas) se produz a separação do Departamento, criando-se os novos Departamentos de Risaralda e Quindío e dando passo a uma história de entidades territoriais autônomas sobre as quais hoje nos questionamos sobre a existência de uma região no imaginário de seus habitantes (ROBLEDÓ, 2008, p.26, tradução nossa).

uma taxa superior ao nível nacional, atingindo quase 90%. Por outro lado, a região conta com a presença de comunidades indígenas e afrodescendentes, sendo no ano de 2005 para o primeiro grupo 65.000 habitantes e, o segundo grupo, mais concentrado no departamento de Risaralda, no total uma população de 80.000 habitantes.

FIGURA 5 - LOCALIZAÇÃO DO EJE CAFETERO



Fonte: PNUD. Informe Regional de Desarrollo Humano, Eje Cafetero, 2004. Pág. 27

O *Eje Cafetero* possui uma variação altimétrica (Figura 5) de mais de 4000 m, com áreas acima dessa cota e outras no nível do mar, pois a região está na Cordilheira dos Andes,

num grande vale, circundado por dois setores da Cordilheira dos Andes, tanto a leste como a oeste. O departamento do Valle del Cauca divide os dois setores da cordilheira, sendo que a porção do extremo leste e sudeste apresenta intervalos altimétricos que variam entre 3000 e 4000 m. O setor oeste da cordilheira apresenta intervalos altimétricos mais baixos, quando comparados com a porção leste. Já as cotas altimétricas que variam entre 500 m até 3000 m podem ser encontrados com maior frequência na região, principalmente ao longo dos vales por onde perpassam os rios Cauca e Cundinamarca, nas porções sul, na cidade de Armenia, no centro, a oeste da cidade de Manizales, e no norte. O nordeste é nitidamente a área mais baixa com grande porção territorial ao nível do mar, e algumas localidades com altitude de até 1000 m. Assim, as características topográficas, climáticas e da altitude fazem que esta região seja idónea para a agricultura, especialmente, a cultura do café.

Com o cenário da crise cafeeira dos anos 90, esta região teve que repensar sua estratégia de desenvolvimento, gerando processos e projetos de integração territorial que, de acordo com a regionalização criada no país desde a década de 1980, permitiram a criação da figura maior composta por mais dois departamentos (o Norte do Tolima e o Norte do Valle) nomeada *Ecorregión Eje Cafetero*. A região do *Eje Cafetero* apresenta um cenário histórico que é aproveitado pelas empresas de turismo, a partir das imagens deslumbrantes do passado e algumas fazendas que ainda conservam características iniciais da cultura cafeeira, estas empresas mostram um imaginário que já não existe mais, até nem sentimentos de pertença por parte das novas gerações.

Nesta região o café chegou a partir de um processo interno de deslocamento populacional, conhecido como *Colonización Antioqueña* durante o século XIX, inicialmente o café era um cultivo de autoconsumo que foi se espalhando entre as roças, aumentando sua extensão na produção agrícola durante o século XX. Para o ano de 1850 começa a presença de empresários do café na região, que chegaram por causa das guerras civis do país. Estes empresários foram caracterizados por possuir lavouras em grandes fazendas e contar com uma quantidade importante de peões, desta forma e a partir da acumulação de capital, além da significativa mão de obra disponível se produz um aumento da produção cafeeira, bem como o posicionamento do grão como produto basilar de exportação (ROBLEDO, 2008).

Destaca-se que a mão de obra dessa época estava dirigida às fazendas cafeeiras, e estas apresentavam dois tipos de contratação, uma individual temporária e outra com parceria familiar permanente, sendo esta última conhecida por ser um “núcleo sócio laboral amarrado à pequena e média propriedade” (RAMÍREZ, 2008, p. 179, tradução nossa). Este tipo de contratação familiar permitiu a organização e estabelecimento dos camponeses em pequenos terrenos, e assim ter uma dedicação exclusiva nas culturas de café. Na estrutura familiar cafeeira existe uma divisão de trabalhos e atividades, no início, a mulher só tinha uma preocupação, sua família e os afazeres da casa que fazia junto a sua filha. Depois a mulher se tornou uma peça fundamental no trabalho agrícola, participando da colheita e do despulpamento do café, e também ficava encarregada da horta e alimentava tanto os animais quanto os trabalhadores da fazenda, esta etapa do trabalho podia ser compartilhada com as crianças.

No contexto geral, o café representou no auge de produção e do bom preço internacional, aproximadamente, 30% do PIB do *Eje Cafetero* e também concentrou 50% da produção nacional do grão, tendo como benefícios importantes investimentos que permitiram atingir altos índices de qualidade de vida e desenvolver infraestruturas de serviços, assim nos últimos 25 anos do século XX a *Federación Nacional de Cafeteros* fez 2.000 quilômetros de estradas, construiu 1.000 escolas nos pequenos povoados e zonas rurais chamadas de *veredas* e levou eletricidade a 95% do território (TORO, 2005). Após a ruptura do *Pacto Internacional del Café* no final da década de 1980 passou a representar 12% do PIB regional, essa situação gerou um aumento no índice de pobreza de 2,8%, passando de 21,5% a 24,3% na década dos anos 90, significando que para essa região havia uma quantidade de pessoas em situação de pobreza de 304.000 e 115.000 em extrema pobreza, e o cálculo do emprego informal entre 1994 e 2000 aumentou em 8% a população que trabalhava no setor agropecuário (PNUD, 2004). De acordo com o relatório do Ministério de Agricultura da Colômbia no ano de 2006, o café registra taxas negativas de participação tanto no mercado mundial quanto no PIB nacional, que representava 17,6% no setor da agricultura e 2,8% no nível nacional no ano de 1990, e para o ano de 2004 o PIB do setor agropecuário passou a representar 12% e o nacional 1,7%, e para o ano de 2006 representou 12% no setor agropecuário. Portanto, salienta-se que apesar das dificuldades

que tem vivenciado a cafeicultura no país, esta cultura ainda é produzida na maioria das áreas rurais, pois desde o processo da colheita até a comercialização precisa-se de uma importante quantidade de mão de obra. Aliás, outro aspecto que também tem afetado a região é explicado no seguinte trecho:

O deslocamento forçado pode considerar-se uma das expressões mais evidentes desta crise: “durante el período 1985-1993 más de 600 mil personas se desplazaron continuamente hacia y desde la ecorregión. Risaralda recibió un 29% de inmigrantes, en segundo lugar se encuentra Tolima con 28%, Caldas con 22% y Quindío con 15%” (Corporación Alma Mater: 2004). Para o ano 2000 o número de deslocados forçados que chegam a Caldas, Quindío e Risaralda e em especial a suas capitais, superam em mais de sete vezes a soma dos anos anteriores. No ano 2002 surpreenderam as cifras com um total de 19.781 deslocados na região, dos quais mais de 16.000 foi consequência da violência (CASTRILLÓN, 2004 apud ROBLEDÓ, 2008, p. 32, tradução nossa).

Neste sentido, foi determinado que a taxa de homicídios na região é superior com relação à média nacional causada pela violência, a qual é explicitada pela expansão do narcotráfico por meio da posse de terras, que antes eram destinadas para a produção de café e, nas últimas décadas, esta situação tem desencadeado um ciclo de pobreza, deslocamento, violência e marginalidade, que evidenciam os conflitos sociais, políticos e econômicos do *Eje Cafetero* (ROBLEDÓ, 2008).

Contudo, o turismo na região foi desenvolvido, inicialmente, por meio de festas como a *Feria de Manizales* e a *Feria del Café* em Quindío, e outras menos famosas internacionalmente mas importantes no país como a *Fiesta de la Cosecha* na cidade de Pereira. Da mesma maneira, as atividades turísticas têm estado focadas em alguns locais naturais como o *Nevado del Ruiz* e os *Termales de Santa Rosa de Cabal*, e atrações como o *Zoológico Matecaña de Pereira*. Sem embargo, no começo da década de 1990, foi pensado noutro tipo de turismo como resposta à crise cafeeira, assim sendo desenvolvido um turismo rural com base na cultura cafeeira e a paisagem da região, aproveitando a infraestrutura de algumas roças e fazendas, além disso, foram criados parques temáticos regionais, o *Parque Nacional del Café* em 1995 na cidade de Montenegro (Quindío) e o *Parque Nacional de la Cultura Agropecuaria – PANACA* em 1999 na cidade de Quimbaya

(Quindío). Dessa forma, o *Eje Cafetero* conseguiu se destacar no setor turístico e, atualmente, tornou-se o segundo destino turístico no país depois da *Costa Atlántica* (ROBLEDO, 2008).

Para resumir, pode-se notar que desde há pouco tempo as 3 capitais departamentais têm desenvolvido atividades específicas, apesar de ter compartilhado uma história conjunta, uma mesma atividade agropecuária que significou progresso econômico e permitiu o estabelecimento de melhores condições de vida para seus habitantes e os imigrantes que durante vários anos foram se assentando, porém, cada departamento está se perfilando de acordo com uma atividade econômica, por exemplo, Manizales, capital do departamento de Caldas está sendo definida e projetada como a cidade educadora, pois ali tem presença diversas universidades regionais e nacionais; a cidade de Armenia, capital do departamento de Quindío e junto com este estão sendo catalogados como destino turístico nacional e internacional e, por último, a cidade de Pereira, capital do departamento de Risaralda está sendo administrada e projetada como um centro de negócios, comercial e de empreendimentos imobiliários da região.

2.4 Transformações da paisagem cafeeira na Colômbia e no Departamento de Risaralda (1991-2013)

Na Colômbia, o começo da consolidação da cultura do café caracterizou-se por ser um processo lento em relação com países como o Brasil, a Venezuela ou a Costa Rica, embora o café foi introduzido pelas missões jesuíticas no século XVIII na região dos *Llanos Orientales*, porém, a expulsão deles no ano de 1767 fez com que o café ficasse nessa região por vários anos (PARSONS, 1968 apud GUHL, 2006). A expansão do café iniciou-se nos primeiros anos do século XIX, pelos departamentos de Santander e Norte de Santander que limitam com a Venezuela e, depois, o café foi se espalhando pela Cordilheira Oriental até chegar ao sul. As datas mais relevantes e que sobressaem deste processo são as que seguem:

Entre 1840 e 1860 o café já era cultivado por grandes fazendeiros em Cundinamarca, Tolima e Cauca. Em 1862 apareceram as primeiras plantações de café em Huila. Na mesma década, empresários estadunidenses estabeleceram fazendas cafeeiras na Sierra Nevada de Santa

Marta. Para 1870 o café tinha chegado ao Departamento de Antioquia e, portanto, tornou-se o cultivo por excelência entre os pequenos produtores. Na segunda metade do Século XIX, a área mais importante de produção cafeeira se localizou em Cundinamarca e Santander e em 1900, 60% da produção do país vinha deste último Departamento. Entre 1880 e 1910 o cultivo do café se expandiu para o sul do Departamento de Antioquia, particularmente Caldas, Risaralda, Quindío e o Norte del Valle. No Século XX, a produção cafeeira se concentrou em esta zona e para o final dos anos sessenta, 75% da produção vinha de estes Departamentos. Para finais do Século XX e princípios do Século XXI, o café continua sendo muito importante nesta região, onde têm surgido novas zonas produtivas nos Departamentos de Tolima e Huila. (GULH, 2006, p. 193, tradução nossa).

A transformação da paisagem cafeeira, que se deu na Cordilheira dos Andes, apresenta duas etapas, a primeira está relacionada à formação e alicerçamento da economia cafeeira (1850-1970), e a segunda corresponde à intensificação da produção do grão (1970-atualidade). Nestas fases a paisagem é transformada pelas particularidades dos sistemas produtivos implementados (Quadro 2), desta forma, a primeira estava acompanhada por um sistema tradicional, ou seja, de cultivos de café sombreados ou também conhecidos como *cafetal com sombrío*, enquanto na segunda fase o sistema produtivo está demarcado como cultivos de café a pleno sol ou *cafetal tecnificado* (GUHL, 2006).

É necessário acrescentar que, nos dois sistemas produtivos expostos, as culturas de café têm estado rodeadas de outras culturas alimentares para o consumo familiar, como milho, mandioca, feijão, legumes, frutas, e poteiros e áreas de bambu ou florestas de galeria, conformando culturas consorciadas. Destarte, a maior parte da paisagem cafeeira exibe uma mistura de culturas que é chamada de “*colcha de retazos*”, e só é possível encontrar grandes extensões de hectares de café nos locais que mostram um processo de intensificação na produção (GUHL, 2006).

Quadro 2 - Características dos sistemas produtivos cafeeiros na Colômbia

SISTEMA TRADICIONAL (CAFETAL CON SOMBRÍO)	SISTEMA INTENSIVO/ADENSADO (CAFETAL TECNIFICADO)
Cafetos sembrados con árboles de sombrío	Cafetos sembrados con muy poca sombra o sin ella
Densidades de siembra bajas (<2500 cafetos/ha)	Densidades de siembra altas (hasta 10.000 cafetos/ha)
Variedades tradicionales (porte alto)	Variedades de porte bajo
Poco uso de abonos e insumos químicos	Requiere una gran cantidad de abonos e insumos químicos
Es menos exigente en cuanto a sus condiciones agroecológicas	Necesita condiciones agroecológicas más estrictas
Cafetal con ciclo productivo largo (> 10 años)	Cafetal con ciclo productivo corto (< 7 años)

Fonte: Guhl, 2006, p. 194

Durante a primeira etapa, a formação e alicerçamento da economia cafeeira estavam baseadas em duas classes de produtores, o pequeno e o grande produtor, essa categorização mostra o início da paisagem cafeeira e a sua distribuição nas diferentes regiões do país, por exemplo, os departamentos de Santander, Norte de Santander, Huila, Cauca e Cundinamarca se caracterizam por ter tido uma forte presença de fazendeiros. E, os pequenos produtores surgiram nos departamentos que formaram parte da *Colonización Antioqueña*, sendo o lugar de início o departamento de Antioquia, e depois foi se espalhando para os departamentos de Caldas, Risaralda, Quindío, o norte do Valle e o Tolima (DURÁN, 2015).

A estratégia dos grandes produtores, que na verdade eram comerciantes, consistia em dar o dinheiro necessário a uma família que não tivesse terra, para trabalhar numa nova parcela de café, com esse dinheiro, primeiro, construía-se uma casa e cultivava diferentes culturas para autoconsumo, e após começava o ciclo da produção cafeeira, desde a semente

até o cafezal conformando uma parceria. Desta forma, a família desempenhou um papel importante nestas parcelas virando mão de obra nesse processo produtivo, que podia durar até cinco anos. Assim, o fazendeiro comprava o cafezal produzido ao camponês, e dava outra parcela da fazenda à família para cultivar mais cafezais, e aumentava aos poucos a área de café na fazenda (PARSONS, 1980, apud GUHL, 2006).

No fim do século XIX, a relevância dos pequenos produtores é maior na produção de café e está totalmente involucrada com o processo de expansão chamado de *Colonización Antioqueña*, o qual consistia no deslocamento de camponeses até o sul do país, na procura de terras sem proprietário, estabelecendo roças no meio de áreas de florestas de galeria. Com o intuito de criar um habitat que permitisse o assentamento na zona, foi necessário o desmatamento de uma porção das florestas e, para a construção de moradias, construíram-se casas e cultivaram culturas e hortas para o autoconsumo. Neste sistema de pequenos produtores, ressalta-se que eles não tinham interesse de produzir o grão de café, pois não significava nenhuma garantia, não era para seu consumo e nem conseguiam vendê-lo, especialmente, pelo fato de morar em locais afastados (PARSONS; ROBLEDO, 1997).

Nesses sítios, a dinâmica de produção agrícola estava determinada pela demanda de culturas alimentares como milho, cana e rapadura, além de pastagens para as mulas e cavalos que levavam os produtos aos destinos mais próximos das zonas de mineração do departamento de Antioquia (GUHL, 2006). Uma particularidade relacionada como este modelo produtivo trata sobre os pequenos produtores que estabeleciam as roças em zonas de montanha, ou seja, terras em pendentes muito altas que por causa da erosão só aguentavam por pouco tempo, alguns anos, a produção de diferentes cultivos.

O desmatamento das florestas era cada vez maior e, com a ajuda da erosão, novas parcelas de culturas se espalhavam e as antigas se utilizavam como poteiros com restolhos, e depois de certo tempo o solo recuperaria a sua produtividade. Contudo, esta dinâmica produtiva trouxe consequências diretas na fertilidade do solo e os recursos que fornecia o ecossistema, para melhorar esta situação foi introduzida a produção de café nas pendentes das Cordilheiras dos Andes, este processo apresentou as mesmas características do sistema dos fazendeiros, que iniciava com a preparação das sementes até a árvore ficar plantada

junto a espécies arbustivas que geram sombra. A grande diferença entre os fazendeiros e os pequenos produtores centrou-se que nas áreas cultivadas de café dos primeiros eram terras reservadas para a agricultura, enquanto os segundos cultivavam em terrenos praticamente virgens.

A cultura de café tornou-se uma opção de trabalho mais rentável, pelo alto valor do grão no mercado e pela sua durabilidade nos armazéns, porém, é possível concluir que:

Desde o ponto de vista ambiental, o café oferecia um cultivo permanente que mantinha o solo das encostas protegido. Adicionalmente, com a presença de árvores sombreados se contribuiu à proteção dos solos, com hábitat para distintos organismos e com a economia familiar, já que as árvores com sombreado e seus produtos associados representam entre 20% e 30% dos ingressos de um pequeno produtor (RICE, 2000). Apesar de ter sido uma alternativa ambientalmente amigável, o café não foi adequado para todas as zonas de encosta do país e em muitos lugares acabou com os solos. Estas áreas foram recuperadas com poteiros de pastos africanos como *yaguará* e *guinea* (GUHL, 2006, p. 197, tradução nossa).

Segundo Palacios (1980), no ano de 1932, 98% dos produtores cafeeiros eram pequenos produtores que forneciam 70% da produção total no mercado, embora as diferentes mudanças nas políticas internas e externas, que estavam ligadas às rupturas dos diferentes acordos, expõem que para o ano de 1970 os pequenos produtores representavam 71,3% e sua participação tinha baixado a 29,5% na produção total. Adicionalmente, entre os anos de 1930 e 1970 surgiu uma “transição gradual da fazenda diversificada à fazenda especializada e o cultivador está agora muito mais integrado e dependente dos fatores do mercado que dos ciclos naturais das safras conforme ao clima e outros fatores naturais” (PALACIOS, 2009, p. 470, tradução nossa).

Germán Toro (2005) analisa a trajetória da produção cafeeira nacional desde 1970 até o ano de 2004 e conclui que:

A cafeicultura colombiana, que é tudo um movimento econômico e social ao redor da produção e comercialização do café, é essencialmente uma atividade que convoca minifundistas. 95% dos 500.000 produtores exploram aproximadamente 1 ha do cultivo e representam o 62% da área semeada. “En 1970, el porcentaje de fincas con menos de una hectárea en café era 12,6% frente al 60,6% actual. Mientras la participación de las explotaciones mayores a 20 has era 16,5% frente a un 0,5% de hoy”³. A

proliferação de produtores que para alguns significa a democratização do negocio, têm sido constante nos últimos 30 anos, pois, em 1970, embora fossem já numerosos, não alcançava mais de 300.000 (TORO, 2005, p. 131, tradução nossa).

No final da década de 1970, surge o fungo nomeado de “ferrugem-do-café” ou *roya* (*Hemileia vastatrix*), que já tinha atacado os cafezais noutros países como a Costa Rica e o Brasil, não obstante, a economia do país nesse momento dependia, aproximadamente, 63% das exportações do grão de café (BANREP 2002a, 2002b apud GUHL, 2006). Ante este obstáculo, o centro de pesquisa *Cenicafé* da *Federación Nacional de Cafeteros*, estudou outras possibilidades de sistemas de produção de cultivos que fossem mais resistentes à ferrugem do café, e como resultado foi determinado diminuir os cultivos com sombreado e implementar o *sistema tecnificado ou intensivo*, no qual o fungo não se espalharia, e a estratégia consiste em plantar mais arbustos em menos hectares e, principalmente, variedades de *porte bajo*⁵, que são produtos das modificações genéticas das variedades existentes nos laboratórios de CENICAFÉ e, também, caracterizam-se por precisar de mais adubos e fertilizantes, além de serem renovados os cafezais num tempo superior, pois o ciclo de vida se acelera e pode afetar a produtividade.

Nos departamentos de Antioquia, Caldas, Quindío e Risaralda se adotou este modelo de *intensificación* a partir da década de 1970 (FNC 1970, 1983 apud GUHL, 2006). E “[...]Transformaram-se mais de 340.000 hectares, correspondentes a mais da terceira parte da área semeada de café em 1970. “Simultaneamente, a área semeada de café diminui, e a terra disponível se usa para outros cultivos” (GUHL, 2006, p. 199, tradução nossa). Por outro lado, na década seguinte (1980), não só atuava a ferrugem do café senão que apareceu a broca, portanto, este sistema produtivo foi disperso por todo o país, sem embargo, as consequências foram as seguintes:

⁵ “Nos sistemas de produção de café, um fator determinante na produtividade é a densidade do cultivo, a qual depende do porte da planta. Em café, existem variedades de porte alto, tales como Típica, Borbón e Tabi e variedades de porte baixo como Caturra e Variedad Castillo®, que são as mais semeadas em Colômbia. Uma planta de una variedad de porte baixo, tem una menor expansión de galhos que una planta de porte alto, é por isso que as variedades de porte baixo podem semear-se com maior densidade” (RAMÍREZ, 2011, p. 2, tradução nossa).

Para o período 1980-1997, a área semeada de café diminuiu mais rapidamente. Enquanto, para 1970 haviam 1'067.113 hectares semeados em café, para 1980 haviam 1'003.940 hectares e para o final do último censo cafeeiro em 1997 só haviam 869.158 hectares (FNC 1970, 1983, 1997). A adoção do sistema intensivo tem sido bastante generalizado, já que no último censo cafeeiro perto de 70% da área semeada em café correspondia ao sistema tecnificado (FNC, 1997 apud GUHL, 2006, p. 199, tradução nossa).

Durante esta mesma época (1989), ocorre a ruptura do *Acuerdo Internacional del Café* que, resumindo, tratava-se da regulação do preço da venda do grão no exterior, este fato afetou significativamente a estabilidade rural do país e, por meio da *Federación Nacional de Cafeteros*, conseguiu-se manter por alguns anos um subsídio que permitia restabelecer o preço no mercado interno, com o pagamento do chamado *sobre precio*⁶ ao produtor.

Depois desta crise econômica no campo, as mudanças tanto sociais quanto na paisagem foram inevitáveis, pois uma boa parte dos cafeicultores deixava o cultivo do grão por outras culturas alimentares como frutas e legumes ou estabeleciam poteiros para gado. Com ajuda da *Federación Nacional de Cafeteros* a partir de 1998 até 2000, começou um processo de renovação – 196.000 hectares – dos cafezais que, aproximadamente, demora cinco anos e nesse período não há produtividade, assim deu-se tempo a que o mercado internacional se restabelecera, pois os camponeses acreditavam e ainda acreditam neste setor da economia rural, sobretudo, pela sua importância histórica e é um produto com um comprador nacional garantido, a *Federación Nacional de Cafeteros*, por meio de um preço determinado. De acordo com os dados de García (2003) e que são citados por Guhl (2006), o registro nas bases de dados da *Federación Nacional de Cafeteros* demonstrou que a área de café para o ano de 2002 foi de 775.000 hectares enquanto no ano de 1970 a área semeada de café correspondia a 1.607.000 hectares, o que evidencia uma diminuição representativa em 32 anos.

⁶ O *sobre precio* consiste em pagar uma porcentagem a mais do valor estabelecido pelas sacas de café ao produtor, esse valor a mais é calculado de acordo com a qualidade do café produzido.

As características principais de efetivar o *sistema tecnificado* ou *intensivo* são, claramente, a diferenciação socioeconômica entre os pequenos e grandes produtores, pois para este modelo o camponês tem de dispor uma boa quantidade de capital, mas essa situação só é possível para os medianos e grandes fazendeiros (comerciantes), fazendo com que o camponês (pequeno produtor) se torne mais um trabalhador na fazenda, sem embargo, a conservação dos seus cafezais estaria relacionada a uma afeição aos bons tempos do passado. Com relação à paisagem, existem duas particularidades para salientar, a primeira sobre a diferenciação das parcelas, umas maiores com cafezais ao pleno sol (*sistema tecnificado*) e outras menores sombreadas (*sistema tradicional*), com essa fragmentação do território a descrição da paisagem como uma “*colcha de retalhos*” torna-se cada vez mais visível, e conforme os censos cafeeiros feitos pela *Federación Nacional de Cafeteros* se obteve que

[...] em 1970 o tamanho médio da fazenda cafeeira era de 24,2 hectares, para 1997 o tamanho era de apenas 11,7 hectares. Dado que a produção tecnificada de café é mais rentável para os medianos e grandes, isto também sugere que a produção se está concentrando nas fincas maiores. [...] estes fatos mostram que a paisagem cafeeira é atualmente muito mais dinâmica e cambiante que em 1970 (GUHL, 2006, p. 203, tradução nossa).

Por último, parece que a paisagem cafeeira tem importantes mudanças através do tempo e, atualmente, com a crise estão sobressaindo-se respostas ante este impasse, as quais se manifestam na participação do mercado de cafés especiais (orgânico, comércio justo, boas práticas ambientais, etc.). Esta participação é feita por pequenos produtores que procuram receber um melhor preço pelo seu café do *sistema tradicional*, que preservam de um melhor jeito a fertilidade do solo e a biodiversidade. No trabalho de campo da pesquisa, este fato é considerado e, por isso, foi necessário entrevistar alguns produtores de cooperativas ou associações para conhecer essa nova dinâmica, a qual tenta garantir uma melhor condição de vida aos cafeicultores, sobretudo, pela questão de falta de jovens no campo, este assunto e outro sobre o turismo serão discutidos a seguir.

A relação entre a produção cafeeira e o território tem permitido sua configuração institucional e, os laços históricos dessa produção e a institucionalidade nacional na região

são indiscutíveis, pois o ordenamento territorial de cada município cafeeiro foi se estabelecendo de acordo à consolidação da produção do grão. Assim sendo,

os Comitês de Cafeteiros tem sido os responsáveis, a sua maneira, do ordenamento territorial rural que hoje se observa nesta região. Eles têm comprado e manejado terras de proteção; têm promovido diferentes formas de uso do solo; têm financiado programas ambientais e, de uma ou outra maneira, têm impactado com suas tecnologias de cultivo do grão a biodiversidade (CARDER, 2004, p. 24, tradução nossa).

Além disso, é preciso acrescentar que,

Nos planos municipais de ordenamento territorial da zona cafeeira, trabalhou-se sem visualizar a crise que hoje têm nossos municípios. Além disso, todo indica que na grande maioria dos casos, os planos locais não se ocuparam dos problemas próprios do ordenamento territorial rural e, ainda menos, das mudanças que nos anos recentes têm acontecido, produto de novos usos do solo, surgimento de novos cultivos e uma tendência a uma maior concentração da propriedade agrária (CARDER, 2004, p. 24, tradução nossa).

A crise deste setor produtivo tem afetado a identidade da região, pois a zona cafeeira tem sido referente de desenvolvimento nacional, além de representar um motivo de orgulho, por isso destaca-se as seguintes palavras do estúdio da *Ecorregión Eje Cafetero* (2004):

Transformado em símbolo de nossa própria nacionalidade, por aquilo de que a Colômbia é *café*, o *Eje Cafetero* compendiava as melhores virtudes da terra colombiana. A prosperidade associada com o produto bandeira de nossas exportações servia como referente para muitas outras regiões do país, órfãs de produtos que empurravam seu desenvolvimento e permitiram satisfazer as necessidades básicas de seus moradores. Na zona cafeeira, concentraram-se por muitos anos uns invejáveis indicadores de qualidade de vida, projetados às pessoas boas e laboriosas (IBIDEM, p. 27, tradução nossa).

Em virtude do exposto, a crise começou a se manifestar desde o ano de 1995, momento no qual a arroba de café tem perdido a metade do seu valor em pesos. Embora, as predições sobre a infertilidade do solo, afetação da biodiversidade e, sobretudo, o aumento

desmedido da oferta que tem diminuído o preço no exterior; assim sendo, que os estudos de competitividade da região se retrasaram e os programas de diversificação agrícola, industrial e comercial foram desvalorizados. Em consequência, na última década os cafeicultores têm se empobrecido muito além da média nacional dos agricultores, ademais de ter que fazer frente às mudanças climáticas e a presença da violência no campo como grupos armados que atuam fora da lei.

2.5 Declaração Paisagem Cultural Cafeteira Colombiana, Patrimônio da Humanidade

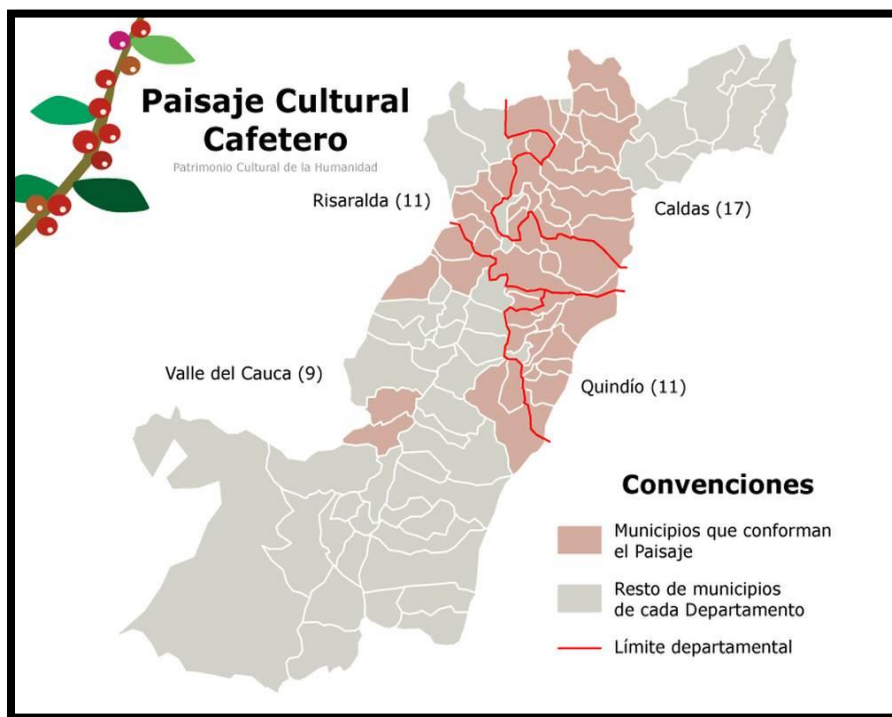
Risaralda, junto com os Departamentos de Caldas e Quindío, constituem a região chamada *Eje Cafetero*, que, no ano de 2011, com o departamento do Valle Del Cauca foram declarados pela UNESCO –Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura– como área de Paisagem Cultural Cafeteira (Figura 6) e está inscrita na Lista do Patrimônio Mundial (Figura 7).

FIGURA 6 – SLOGAN OFICIAL DA DECLARAÇÃO PAISAJE CULTURAL CAFETERO



Fonte: <http://www.rutasdelpaisajeculturalcafetero.com/info/rutadelcafe/media/img3973.png>;
acessado em: 19 de dezembro de 2015

FIGURA 7 - ÁREA DA PAISAGEM CULTURAL CAFEEIRA (INCLUI OS DEPARTAMENTOS DE CALDAS, RISARALDA, QUINDÍO E VALLE DEL CAUCA)



Fonte: Red Alma Mater, 2012

O espaço é configurado por uma área principal com uma extensão de 141.120 hectares e inclui áreas de 47 municípios, das quais 1.074 hectares correspondem à área urbana e 140.046 hectares à área rural. A área rural compreende 416 povoados onde se localizam aproximadamente 24.000 roças e fazendas de café com uma população aproximada de 80.000 habitantes, cuja atividade central é a produção de café, mas essa paisagem também está integrada por mais 4 municípios numa área denominada de secundária (MINISTERIO DE CULTURA E FEDERACIÓN NACIONAL DE CAFETEROS, 2009).

Estas áreas declaradas se localizam entre 1.000 e 2.000 metros acima do nível do mar na cordilheira dos Andes, e fazem fronteira na parte alta com terras para gado, cultivos de amora, granadilha, batata e plantios florestais. Localizam-se quatro parques nacionais e uma Reserva da Biosfera: “Parque Nacional Natural de Los Nevados” (criado em 1973), “Parque Nacional Natural Las Hermosas” (criado em 1977), “Parque Nacional Natural Tatamá” (criado em 1987), “Parque Nacional Natural Selva de Florencia” (criado em 2005),

e o “Complejo de Humedales Laguna del Otún” (declarado Reserva da Biosfera em 2008). Na parte baixa as terras são destinadas para gado, cana e usos suburbanos como condomínios fechados, parques temáticos, fazendas turísticas, lojas comerciais de comida típica e artesanatos da região, restaurantes, etc. (RODRÍGUEZ, 2014).

Ali destaca-se a tradição da cafeicultura, que se reflete nas parcelas dos cultivos que cobrem as montanhas, bem como no desenho urbano e na arquitetura das cidades. Isto ocorre devido à adaptação dos primeiros migrantes que há mais de 150 anos efetivam as plantações de café nas encostas e montanhas devido às condições topográficas da região. A expansão das plantações de café foi por meio da criação de *Policultivos de la Caficultura Tradicional*, refere-se ao desenho de agroecossistemas que se tornaram patrimônio material e imaterial da humanidade, expressando a relação sociedade (cultura) - natureza a partir da adaptação do homem às pendentes do terreno montanhoso, que levaram essas diversas associações agroflorestais a se tornarem um processo cultural de várias gerações, as quais foram construindo uma herança “natural” que transformou não só a estrutura da paisagem, mas também a função dos *policultivos* de acordo com os diferentes contextos econômicos, sociais e políticos tanto nacional quanto internacional.

A importância da cafeicultura tradicional para a preservação da paisagem e da declaratória da UNESCO é explicitada por Rodríguez e Duque (2009):

(...) A conservação da cafeicultura tradicional, entendida como a melhor opção para conservar os recursos genéticos e a diversidade alimentar, assim como talvez a única possibilidade de conservar aos agricultores tradicionais, os que fazem parte do patrimônio natural, quer dizer, do patrimônio cultural (RODRÍGUEZ; DUQUE, 2009, p. 123, tradução nossa).

Os sistemas agroflorestais cafeeiros são trabalhados em distintos países, sobretudo, nos tropicais que possuem uma alta diversidade biológica, desta forma, os sistemas começam a ser conformados pela implementação da horta familiar com cultivos que acompanham os arbustos de café; durante o ano os cultivos podem variar, porém, o café se tornou numa cultura permanente que traz apoio econômico e social no agroecossistema (RODRÍGUEZ; DUQUE, 2009). O elemento cultural nos agroecossistemas é acrescentado, a

partir das expressões locais de cada região, pois o café é produzido em várias partes do país, só que a sua configuração depende da estrutura de cada território e o grupo de pessoas que conformam o mesmo. Por isso, como frisam os autores, Diana Rodríguez e Andrés Duque (2009, p. 124, tradução nossa): “[...] A cafeicultura de policultivo é uma expressão de formas engenhosas tradicionais que configuram uma paisagem cultural”.

Os sistemas agroflorestais que constituem a paisagem estão formados, fundamentalmente, por espécies transitórias como a banana e banana-da-terra que dão a sombra necessária que o arbusto de café precisa, também na paisagem encontram-se árvores de frutas ou florestais tanto naturais quanto plantadas, que fornecem a sombra permanente para o cultivo de café. Uma característica importante dos policultivos de café refere-se à possibilidade de se estabelecer nos plantios de floresta secundária e não precisar da sua tala completa. No entanto, esse tipo de agroecossistema apresentou mudanças consideráveis com a chegada da Ferrugem aos cultivos de café, fungo que substituiu o sistema tradicional pelo sistema tecnificado, o qual incrementou a produção por hectare, processo que teve início na metade da década de 1970 e que, para o ano de 1997, a conversão foi de 70% do plantio de café a esse sistema de produção, conforme é mencionado no ponto anterior [2.3] (RODRÍGUEZ e DUQUE, 2009). Não obstante, é importante acrescentar que o processo da conversão do sistema produtivo também foi conhecido como “revolução verde”, na qual foram deixados de lado os conhecimentos ancestrais dos camponeses sobre as plantas, a seleção de sementes, os ciclos da lua, e as instituições responsáveis pelo setor agrícola forneceram os agroquímicos e incentivaram o plantio a pleno sol, trazendo como consequências uma dependência tecnológica, econômica e alimentar (RODRÍGUEZ et al., 2008).

Em virtude do exposto, tornar patrimônio uma paisagem agrícola é sinônimo de desafios para manter a integridade de seus recursos básicos, mas essa integridade e, ao mesmo tempo, a sua sustentabilidade são condições importantes para a sua preservação. No caso da Paisagem Cultural Cafeeira, apresentam-se certas vantagens que têm relação com a pouca área (30%) de roças que ainda conservam o sistema tradicional ou pelo menos estabelecem áreas semitecnificadas, desta forma representam, numa oportunidade para

aproveitar e aperfeiçoar questões como a qualidade do café, as funções ambientais do território, as produções locais, a tradição, a história como um conjunto que dá um valor diferenciado num mundo globalizado e de consumo massivo (AGUILAR, 2008 apud RODRÍGUEZ, 2009).

De acordo com essa recente inclinação mundial, a *Federación Nacional de Cafeteros* tem trabalhado na produção de cafés especiais, atingindo 12% da produção nacional, aliás, da obtenção da denominação de origem do Café da Colômbia no ano de 2005, e a inauguração do mercado das lojas ou pontos de venda Juan Valdez, sendo aproximadamente 122 em diferentes partes do mundo. A declaratória da UNESCO permite, além de fortalecer a qualidade do café, também estimular processos de identidade coletiva e incluir novas funções nos espaços rurais. No entanto, na década de 1990 começaram processos de produção de cafés especiais, formação de organizações sociais e o fortalecimento do turismo rural, porém, só na década de 2000 essas iniciativas apresentaram progressos muito significativos. A questão do turismo, desenvolvida recentemente, traz novas práticas de consumo cultural e da natureza da paisagem cafeeira, mas é necessário considerar sua viabilidade e os possíveis impactos tanto naturais quanto culturais desta atividade (RODRÍGUEZ, 2009).

A cultura do café também está presente nas diversas manifestações intangíveis como alimentos, músicas, mitos e lendas, ofícios tradicionais, etc. (BOHÓRQUEZ, 2006). Ressalta-se que nesta paisagem combinam-se esforço humano, familiar e gerações de agricultores com o apoio permanente de instituições como a *Federación Nacional de Cafeteros*, de modo que foi desenvolvida uma cafeicultura baseada na pequena propriedade, tamanho médio de 4,6 hectares. Estas propriedades estão localizadas em um habitat estratégico e diversificado para a conservação da biodiversidade, com abastecimento de água e forte atividade tectônica em condições climáticas, ambientais e produtivas que proporcionam uma beleza cênica caracterizada pelo terreno ondulado e pelas plantações em declives acentuados; assim, a produção do café foi estabelecida a partir do cultivo sombreado, passando pelo sistema semitecnificado nos cultivos com algum nível de sombra, até monoculturas de café com alta tecnologia, respondendo à variedade de ecossistemas, às condições topográficas,

climáticas e socioeconômicas. Não obstante, a combinação do método moderno com o tradicional nos plantios traz novas adaptações e inovações, por isso não é possível representar a Paisagem Cultural Cafeeira como uma paisagem homogênea senão como um conjunto de várias formas de saber fazer a cultura do café. A dificuldade neste processo consiste em:

Garantir que estas cafeiculturas, numa gama de opções, apliquem formas de manejo (bem sejam tradicionais ou modernas) que contribuam a manter a integridade ecológica da base natural da paisagem, constituem um desafio para os interessados em sua sustentabilidade ecológica e cultural. Para eles, resulta imperativo avançar em processos de ativação cultural e de comunicação ambiental, assim como na aplicação de políticas culturais, ambientais, agropecuárias e econômicas que enfatizem no manejo integral da base natural da paisagem, num marco de um enfoque agroecossistêmico (RODRÍGUEZ; DUQUE; CARRANZA, 2009, p. 8, tradução nossa).

A maioria dos povoados que compõem essa paisagem é caracterizada pela extensão do café plantado em mais de 60% da área da vila. É comum encontrar fazendas com plantio de café, milho, banana da terra, feijão e outras culturas alimentares, porém o café é o produto predominante nas fazendas e sítios. Por isso, essa atividade produtiva é considerada como uma das maiores empregadoras no espaço rural colombiano, com 17% do emprego no setor agrícola do país (MINISTERIO DE CULTURA; FEDERACIÓN NACIONAL DE CAFETEROS, 2009). Para o departamento de Risaralda, no ano 2008, a área de café cultivada abrangeu 55.128 hectares, e são 11 municípios que fazem parte deste processo cultural.

Os elementos de adaptação social a uma única utilização da terra e implantação de tradições culturais são concretizados em torno da produção específica do café, revelando um valor excepcional. A coesão destas características e resistência à mudança, apesar de sofrer o impacto da crise de preços temporários do café, demonstram um alto nível de integridade local. Pertencer à Lista do Patrimônio Mundial implica os seguintes compromissos: avaliar a cultura do café de modo que se possa contribuir para a sua conservação, sustentabilidade, integridade e autenticidade como uma paisagem em constante evolução, viva. É identificada dentro do sistema uma série de atividades que servem a este propósito como: garantir a permanência da cultura do café, fomentar um

sentimento de pertença, promover a coesão social, realçar a apreciação da beleza cênica, abrigar a população, estimular as atividades produtivas locais, contribuir para a continuidade do cultivo de café, fortalecer a denominação de origem Café da Colômbia, contribuir para a proteção da biodiversidade, da água e uso racional da terra (SALDARRIAGA; DUIS, 2010).

O processo de patrimonialização da cultura cafeeira trouxe mais relevância e atenção para esta região, tanto nacional quanto internacional, porém oculta diversos problemas relacionados com a descontextualização do setor agrário do país e de algumas práticas culturais, a constante crise política (institucional) e cafeeira produzida desde 1989 até hoje, e de acordo com a declaratória tornam-se como modelo econômico o turismo e o *marketing* territorial dos principais municípios (aproximadamente 16), que ficam perto das capitais dos departamentos como Pereira, Manizales e Armenia e contam com adequadas rodovias, neste sentido o turismo está se concentrando no trecho percorrido da importante *Autopista del Café*, a qual comunica as importantes cidades nomeadas do *Eje Cafetero*, e os demais municípios não fazem parte da atividade turística formal das entidades privadas e dos governos, especialmente pelo conflito armado e a falta de acesso. A estratégia de massificar o turismo por parte, principalmente do investimento privado, incrementou 118% no período entre 2004 e 2012 o movimento dos visitantes ao *Eje Cafetero*, conforme o *Consejo Nacional de Política Económica y Social* (CONPES, 2014 apud RODRÍGUEZ, 2014).

Após 4 anos da declaração da região como “*Paisaje Cultural Cafetero*”, o *Consejo Nacional de Política Económica y Social* –CONPES, no ano de 2014, elaborou o relatório, no qual informa que nesse local moram 500.000 pessoas, a taxa de desemprego de 15% é superior à média nacional, o Índice de Pobreza Multidimensional (IPM) atinge 46% e, no caso da produção, a cultura do café e o tamanho dos sítios têm diminuído desde há mais de 10 anos, porém, o território está passando por um processo de terceirização no qual se teve um incremento do turismo (CEPEDA, 2012; AGUILERA; BALLESTEROS, 2013 apud RODRÍGUEZ, 2014). No entanto, o turismo é apresentado, comumente, desde uma perspectiva da promoção de férias, festas e concursos, deixando do lado outras expressões turísticas como as relacionadas com a reivindicação da natureza.

O documento oficial da declaratória nomeado de “*Expediente del Paisaje Cultural Cafetero*” apresenta que

[...] para o momento da declaração existiam na zona principal e de *buffer* 37.046 cafeeiros e 44.475 fazendas e roças, distribuídas em 51 municípios e 840 povoados. Os dados se referem a “cafeeiros”, quer dizer, a proprietários de fazendas e roças adscritos à FNCC. Com este, o expediente invisibiliza (deleita) às mulheres e às pessoas que não fazem parte da FNCC. A ideia do “cafeeiro” e “sua família” – dentro da que se supõe incluídas as mulheres, relegando o trabalho produtivo feminino a uma função secundária —, reflete o domínio do discurso patriarcal e essencialista implícito na “identidade corporativa” da FNCC (RAMÍREZ, 2014, p. 2968, tradução nossa).

Esta situação permite observar que vários fatos importantes não estão sendo visibilizados nos documentos oficiais, como a consideração da verdadeira quantidade de cafeeiros, pois é necessário contabilizar o total das pessoas no setor, só que não todos são membros da *Federación Nacional de Cafeteros*, além de não mostrar os deslocamentos dos produtores a outros departamentos, as dificuldades da terceirização nas atividades econômicas como o turismo, que parece mais uma exploração do que uma atividade sustentável. Desta forma, são muitas as problemáticas que giram em torno deste processo, mas está se questionando, primeiro, que seu valor cultural não representa todas as pessoas envolvidas neste cenário, assim o ciclo de desigualdade segue em aumento; segundo, as novas gerações não querem continuar com esta tradição, por isso procuram oportunidades de estudo ou trabalho nas cidades, esta situação traz como consequência mudanças no uso da terra e o envelhecimento das unidades de produção que irão lentamente mudando a paisagem, e essa mudança de cultivos pode causar um aumento dos impactos ambientais pelo uso em maior quantidade de adubos, fungicidas e outros venenos que podem pôr em risco a população camponesa, a biodiversidade e os consumidores (RAMÍREZ, 2014).

Finalmente, é importante fazer uma crítica ao processo de patrimonialização da Paisagem Cultural Cafeeira por parte das instituições oficiais internas e externas como são a UNESCO, o Ministério de Cultura da Colômbia e a *Federación Nacional de Cafeteros* que têm apresentado falhas em distintos âmbitos, principalmente, por não ter envolvido de uma forma mais próxima os

atores diretos deste território. Nesta perspectiva, ressalta-se a homogeneidade na qual se quer mostrar a cultura e a paisagem da região, além de estabelecidas em diferentes políticas como o plano de manejo que de acordo com as diretrizes da UNESCO deve contar com condições de integridade e autenticidade, e ter um sistema de proteção e gestão que garanta sua preservação. Assim, o Estado colombiano no plano de manejo nos seus objetivos estipula os seguintes pontos:

a) Fomentar a competitividade e sustentabilidade da produção cafeeira, b) Promover o desenvolvimento da comunidade cafeeira e seu entorno, c) Conservar, revitalizar e promover o patrimônio cultural e articular este no desenvolvimento regional, d) Fortalecer o capital social cafeeiro, e) Impulsar a integração e desenvolvimento regional e f) Apoiar a sustentabilidade produtiva e ambiental da PCC (RAMÍREZ; SALDARRIAGA, 2013, p. 116, tradução nossa).

Com esses objetivos se pretende que exista uma homogeneidade de condições para os diferentes atores que fazem parte desta paisagem, por tanto nem todos são os realmente beneficiados, gerando-se tensões sociais manifestadas pelas desigualdades na formação e apropriação do patrimônio, desse modo se deve analisar esta realidade “como espaço de luta material e simbólica entre as classes, as etnias e os grupos (GARCÍA, 1999 apud RAMÍREZ; SALDARRIAGA, p. 117, 2013, tradução nossa)”. Por outro lado, a construção do patrimônio na maioria dos casos não parece ser um processo social que realmente envolva a todos os integrantes de uma comunidade, e está determinado por grupos políticos e institucionais específicos.

A crítica ao processo de patrimonialização da Paisagem Cultural Cafeeira se concentra na preocupação de que “derive em experiências de artificialização a favor de setores reduzidos, não porque o patrimônio deva ser tirado dos circuitos comerciais, senão porque em função desta dinâmica se podem perder os usos e significados que vinculam às sociedades com seu patrimônio” (RAMÍREZ; SALDARRIAGA, p. 118, 2013, tradução nossa).

Neste caso, são identificados dois tipos de vínculos na paisagem, o direto e indireto, no primeiro se desenvolvem laços afetivos porque se faz parte da cotidianidade tanto no sustento quanto nas manifestações (arquitetura, comidas, festas, conhecimentos

tradicionais, etc.). E, no segundo vínculo, é possível identificar duas classes, nas quais uma cria o vínculo a partir da sua proximidade com a paisagem, sendo esta física ou afetiva dada pela cercania de algumas zonas urbanas ao campo e por relações familiares que ainda conservam a roça herdada pelos pais ou avós. Na outra classe de vínculo, destaca-se o observador que não tem uma relação material com a paisagem, mas gosta e consegue valorá-la seja por diferentes motivos como atividades turísticas, negócios ou planejamento de políticas.

A configuração da declaratória foi feita, inicialmente, com atores que tinham um vínculo indireto primário, mas o plano de manejo foi construído por atores relacionados com atividades econômicas ou políticas, e a participação dos atores com vínculo direto foi a partir de oficinas de valoração que foram utilizados como consulta social para a realização deste plano:

Neles se pretendeu recolher informação primária, respeito às formas em que as pessoas valoram seus elementos culturais materiais e imateriais, se perguntava o que elementos da sua vida eram importantes, o que atributos tinham, o que significava para eles cada elemento e que proporcionavam para seu bem-estar. (RAMÍREZ; SALDARRIAGA, p. 120, 2013, tradução nossa).

Segundo o exposto, encontram-se contradições permanentes no território entre os atores e o uso que dão para a paisagem, alguns atores procuram satisfazer suas necessidades em relação à produção cafeeira e, porventura, ao mesmo tempo participam do turismo local, oferecendo visitas ou alugando a casa na roça, enquanto outros atores que não têm vinculação direta desenham políticas que não levam em conta as condições dos cafeicultores e diminuem as possibilidades da sua renda, e estes últimos atores que trabalham na parte turística prestando um serviço sustentado na beleza cênica da paisagem, contam com investimento privado e aproveitam as instalações e a infraestrutura pública feita com o dinheiro do Estado, dessa forma não reintegram os benefícios econômicos obtidos, chegando até a prejudicar as condições atuais da paisagem.

Assim, as três contradições principais da declaração estão ligadas, primeiro com a homogeneidade das plantações cafeeiras e que faz relevância na paisagem, e para dar

continuidade a esse postulado se deveria ter este como único uso do solo. Porém, “... se sabe que um único uso da terra não só deteriora a qualidade visual ecossistêmica, se não que é economicamente insustentável para proprietários de parcelas de tamanho reduzido” (RAMÍREZ; SALDARRIAGA, 2013, p. 122, tradução nossa). No segundo lugar, as atividades turísticas podem trazer um risco para os verdadeiros construtores desta paisagem, pois se não é um turismo controlado que conte com a sua verdadeira participação, poderia mudar a dinâmica dos camponeses (a sua ruralidade) a partir da intervenção urbana e seus novos visitantes.

O aspecto anterior se pode explicar a partir da falta de jovens no campo, pois eles se deslocam para as cidades principais, e a idade dos cafeicultores que atinge, aproximadamente, 53 anos e tem aumentado o número de produtores acima dos 60 anos, que representa 33% da população cafeeira (MINISTERIO DE CULTURA, 2011, apud RAMÍREZ; SALDARRIAGA, 2013). Deste modo, o fato de que alguns produtores têm deixado suas culturas, sobretudo autoalimentares, buscando melhorar e adequar sua própria roça para um mercado externo que lhe permita sobreviver em tempo de crise, sem importar que este tipo de negócio seja temporário. Alguns grandes cafeicultores, cansados das constantes crises e na procura de melhores condições, estão trocando a cultura de café pelo gado, enquanto outros confiam que o turismo é uma alternativa complementar para sair da crise, mas ficando na realidade do campo.

CAPÍTULO 3. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

O Departamento de Risaralda (Figura 8) está localizado sobre as cordilheiras ocidental e central dos Andes, com uma extensão de 365.300 ha, representa 0,36% do território nacional, encontra-se na porção central da região andina, no ocidente do país e possui de acordo com os dados para o ano de 2015 do Departamento Administrativo Nacional de Estadística (DANE) uma população de 951.945 habitantes, da qual a urbana corresponde a 745.269 habitantes (78,28%) e a rural a 206.676 habitantes (21,71%), representando 2,02% da população nacional. O departamento é formado por 14 municípios, e a cidade de Pereira é a capital que responde por 49,4% da população total, as principais cidades são Dosquebradas, Santa Rosa de Cabal e La Virginia, e a porção da população na Área Metropolitana Centro Occidente (Pereira, Dosquebradas e La Virginia) atinge 73,8%; para as áreas rurais a divisão política e administrativa é chamada de “*Corregimiento*”, e o departamento tem sob sua responsabilidade 19 corregimientos (DIAGNÓSTICO DE RISARALDA, 2012).

O departamento limita pelo Norte com os departamentos de Antioquia e Caldas, a Leste com Caldas e Tolima, pelo Sul com os departamentos de Quindío e Valle del Cauca, e pelo Oeste com o departamento de Chocó (Figura 8). Com esses departamentos, compartilha partes das cordilheiras Ocidental e Central, além de rios como o Cauca e outros como La Vieja, Risaralda, Quinchía, Campo Alegre, Otún, Opirama e San Francisco. Assim, o ciclo hidrológico é caracterizado por ser sazonal com diferentes distribuições em todo o departamento, destacando-se que Risaralda conta com vários ambientes: quente, temperaturas amenas e mais frias, bem como concorrência de neves; desta forma o relevo se caracteriza por sua diversidade, contando com vales, serras, escarpas, morros, montanhas e vulcões (Quindío e Santa Isabel) numa altitude entre 4.800 m e 5.100 m, estes, quando entraram em erupção, foram formando camadas antigas de cinzas vulcânicas que produziram solos muito férteis e em boas condições para o desenvolvimento da cafeicultura colombiana (ANDRÉS MARTÍNEZ, 2005, apud GOBERNACIÓN DE RISARALDA, FONDO PARA EL FINANCIAMIENTO DEL SECTOR AGROPECUARIO, INSTITUTO GEOGRÁFICO AGUSTÍN CODAZZI, S/D).

Durante o trabalho de campo os municípios visitados foram Pereira, Dosquebradas, Santa Rosa de Cabal, Apía, La Celia e Belén de Umbría. Conforme a Tabela 1, os municípios com maior população como Pereira com 469.644 habitantes, Dosquebradas e Santa Rosa de Cabal com 198.874 habitantes e 72.228 habitantes, respectivamente, são industrializados e mais urbanos, pois fazem parte da área metropolitana, porém conservam áreas rurais para diferentes atividades distribuídas da seguinte forma: bosques (48%), pastagem (17%), áreas agrícolas de policultura até 25 ha (15%), cultivos permanentes como o café (11%) e os cultivos temporários como legumes, mandioca, batata, milho e tomate (0,1%) (DIAGNÓSTICO DE RISARALDA, 2012); e a maioria da população do departamento mora nessas cidades principais. Contrariamente, os restantes municípios visitados são identificados por serem mais rurais do que urbanos, a população é menor, por exemplo, os municípios de La Celia com 8.590 habitantes e Balboa com 6.631 habitantes são os municípios do departamento com menor população, e 60% dessa população mora na área rural, e por esse fato a maioria trabalha em atividades referentes ao campo.

TABELA 1 - POPULAÇÃO DE RISARALDA EM 2015

Município	Total	Urbano	Rural
Pereira	469.644	396.187	73.457
Apía	18.976	8.236	10.740
Balboa	6.331	1.846	4.485
Belém de Umbría	27.721	13.126	14.595
Dosquebradas	198.874	190.388	8.486
Guática	15.306	3.969	11.337
La Celia	8.598	3.430	5.168
La Virginia	32.039	31.505	534
Marsella	23.299	13.348	9.951
Mistrató	16.177	4.252	11.925
Pueblo Rico	13.283	3.338	9.945
Quinchía	33.754	8.195	25.559
Santa Rosa de Cabal	72.228	60.191	12.037
Santurario	15.715	7.258	8.457
Total Risaralda	951.945	745.269	206.676

Fonte: DANE, proyección de población, 2005

Organização: Durán, 2015

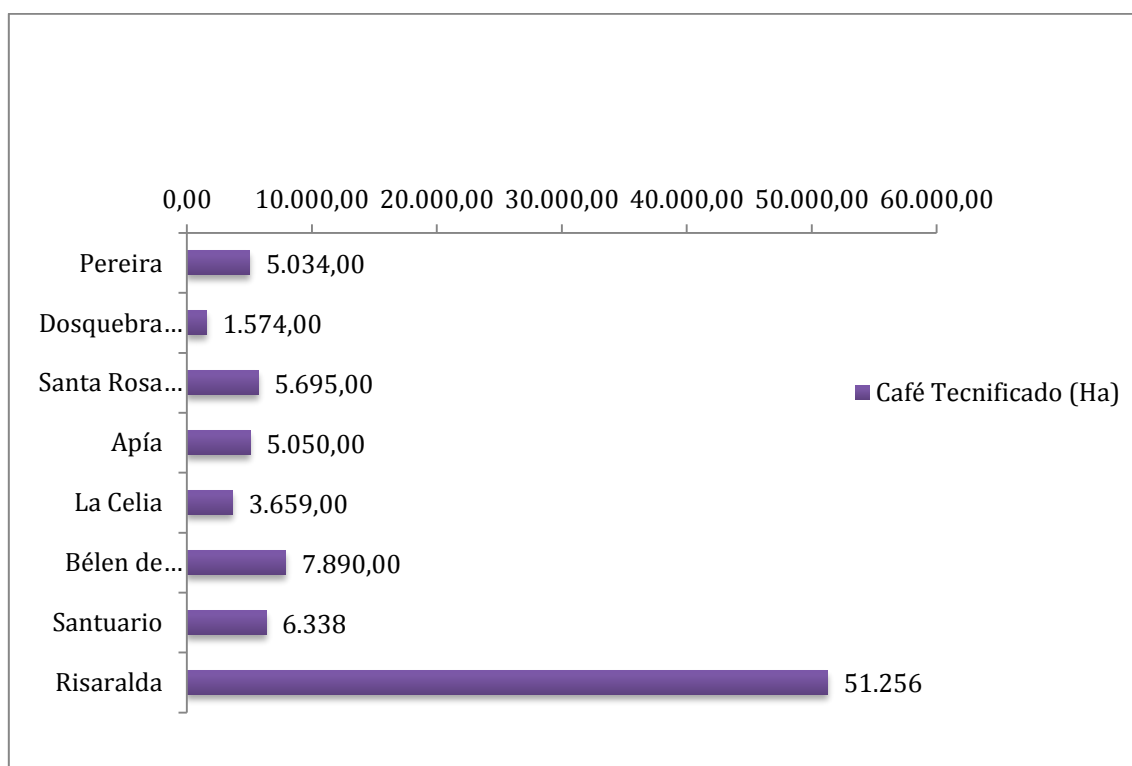
No contexto geral de Risaralda se pode fazer a seguinte leitura, para o ano 2010 o departamento participava do PIB nacional com 1,5%, do qual seu crescimento econômico está baseado no setor da construção de moradias e infraestrutura (8,2% anual) e serviços (saúde e educação privada, consultoria, empresas, etc.), esse setor no mesmo ano contribuía 25% ao PIB departamental. No setor rural, em 2010 registrou uma participação de 9,3% mostrando uma perda da importância com relação à participação do ano 1990 com 18,1% (Diagnóstico de Risaralda, 2012). Esta situação é explicada a partir da crise cafeeira que começou com a implementação das políticas neoliberais e a ruptura do Pacto Econômico dos países produtores e consumidores de café que fixavam o preço e depois passou à bolsa de Nova Iorque.

A cafeicultura no ano de 1990 representou 72% do PIB departamental e, no ano de 2010, passou a representar 42,5%, além da crise do setor esta situação é explicada pelo fato da diminuição dos números de hectares chegando a 24.647 e afetando os empregos diretos. Embora, o subsetor pecuário (especificamente gado bovino e avícola) tenha ganhado participação e passado de 10,6% no ano 1990, para 22,5% no ano 2010. Com o aumento da atividade de gado e, ao mesmo tempo, o aumento da área de pastagem (55,6% para o ano 2010), é evidente a deterioração do solo sob a exploração de gado, tendo como consequência erosão e maiores terrenos em declive. Apesar disso, nos últimos anos na área agrícola têm surgido novos cultivos de importância comercial como abacate, flores e cafés especiais. Outro aspecto importante para salientar é a alta taxa de desemprego do departamento, que para o ano 2010 atingiu 18,3%, e nas áreas rurais o emprego é considerado 75% como informal; por outro lado, como é observado na cafeicultura, é uma questão geral de todas as culturas que os trabalhadores do campo estão envelhecendo, e as gerações mais novas estão migrando para as cidades principais na procura de melhores condições de vida (DIAGNÓSTICO RISARALDA, 2012).

Conforme os dados fornecidos pela Corporación Autónoma de Risaralda –CARDER para o ano de 2014, no Gráfico 1 apresenta-se a quantidade da Área de *Café Tecnificado* tanto nos municípios pesquisados quanto no departamento. Os valores permitem evidenciar que os municípios com maior área plantada são Belén de Umbría (7.890

hectares), seguido por Santuario (6.338 hectares), Santa Rosa de Cabal (5.695 hectares), Apía (5.050 hectares) e Pereira (5.034 hectares), e os municípios com menor quantidade de área cultivada são Dosquebradas (1.574 hectares) e La Celia (3.659 hectares). De acordo à dinâmica econômica, social e política de cada município, esses valores foram mudando, por exemplo, o município de Belén de Umbría apresenta a maior área cultivada de café, por isso existem várias marcas de café local e no caso do município de La Celia, que apresenta a menor quantidade de área cultivada de café e tem maior população rural do que urbana, mostra que o cultivo principal e que movimenta a economia do município é a banana-da-terra, seguido pelo café e em poucas proporções a cana e o abacate.

GRÁFICO 1 – ÁREA DE CAFÉ TECNIFICADO CULTIVADO NOS MUNICÍPIOS PESQUISADOS E O DEPARTAMENTO DE RISARALDA EM 2014



Fonte: Elaboração própria com dados do Departamento de Risaralda – Secretaría de Desarrollo Agropecuario, 2014

Para focalizar melhor o contexto do departamento, foi feita uma exposição muito breve dos municípios do departamento de Risaralda que temos estudado, a partir das organizações escolhidas, o trabalho de campo e informações secundárias fornecidas por instituições governamentais como prefeituras municipais e a governação do departamento. Assim, podemos entrever as características gerais, a história, a influência da área urbana e rural, a produção agrícola e, sobretudo, cafeeira dos municípios escolhidos.

3.1 Pereira

Capital do departamento de Risaralda, localiza-se na região sudoeste do departamento na vertente da cordilheira central e as suas encostas descem ao rio Cauca, o município compreende uma área de 60.765,9 hectares e a temperatura média é de 21° C. Sua fundação foi no ano de 1863 e, desde o seu começo, a cidade se mostrou como um polo de crescimento econômico com relação às cidades próximas que posteriormente conformaram o “*Eje Cafetero*”. Depois, aproximadamente, no meado do século XX, foram se assentando empresas estrangeiras como *Hilos Cadena S.A.*, além desta e outras empresas nacionais como *COLPAPEL*, *Vidriera del Otún* e *PIMPOLLO* contribuíram na expansão da cidade às áreas mais rurais. Atualmente, Pereira é conhecida como uma cidade comercial e de negócios, sede de empreendimentos como Hipermercados, Shopping Center e negócios imobiliários.

A superfície total do município é de 60.765,9 hectares (Figura 10), dos quais 58.228,8 hectares correspondem à área rural e, portanto, 2.537,1 hectares à área urbana, representando em porcentagem de 95,82% e 4,18% respectivamente. Apesar de Pereira ser uma capital departamental, com uma perspectiva comercial e um crescimento notório no setor de serviços, apresenta uma forte influência do setor agrícola, especialmente nas culturas como café tecnificado, banana-da-terra associada tradicional e tecnificada, e também abacate (Gráfico 2).

FIGURA 9 - MAPA DE USO DO SOLO NO MUNICÍPIO DE PEREIRA NO ANO DE 2011

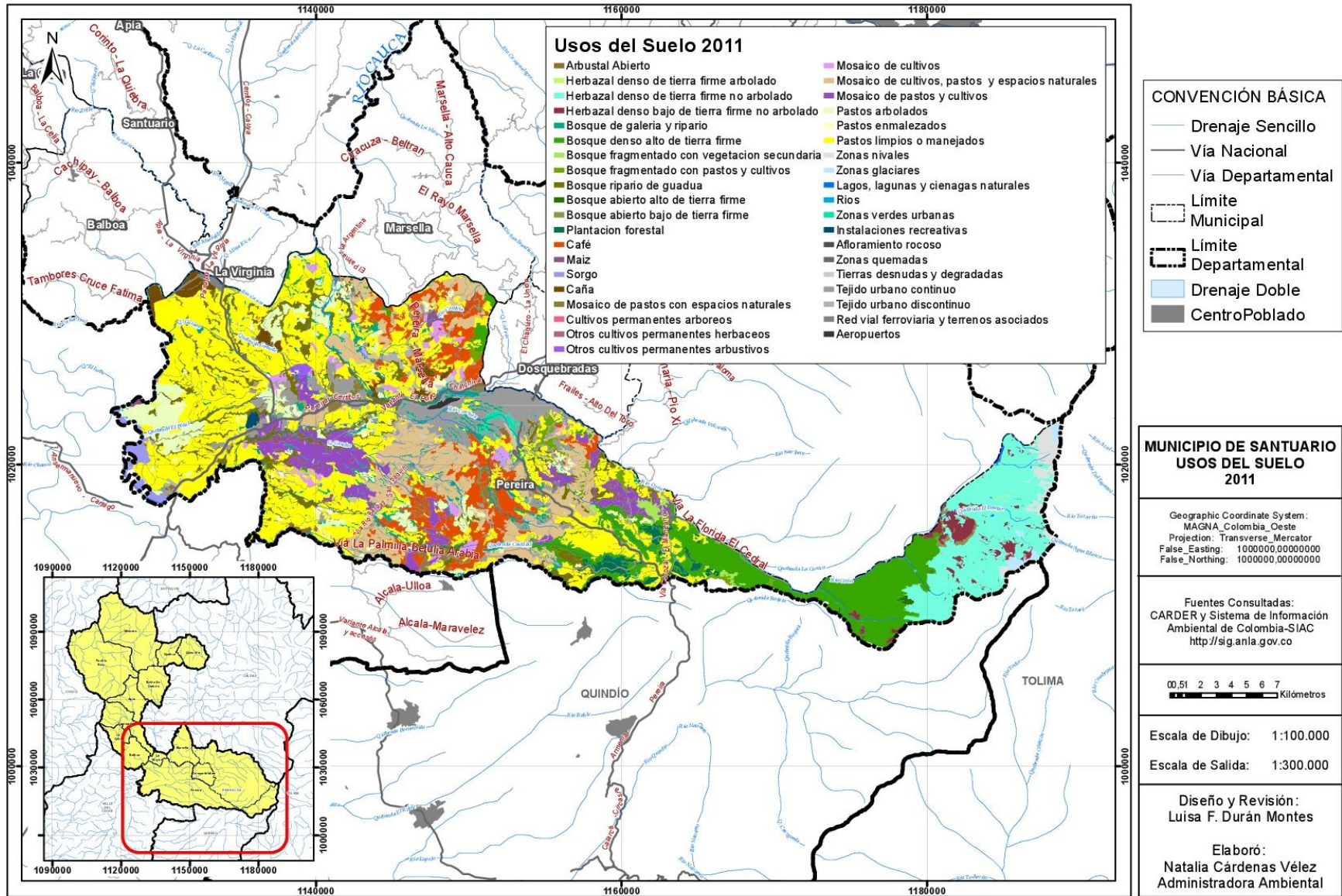
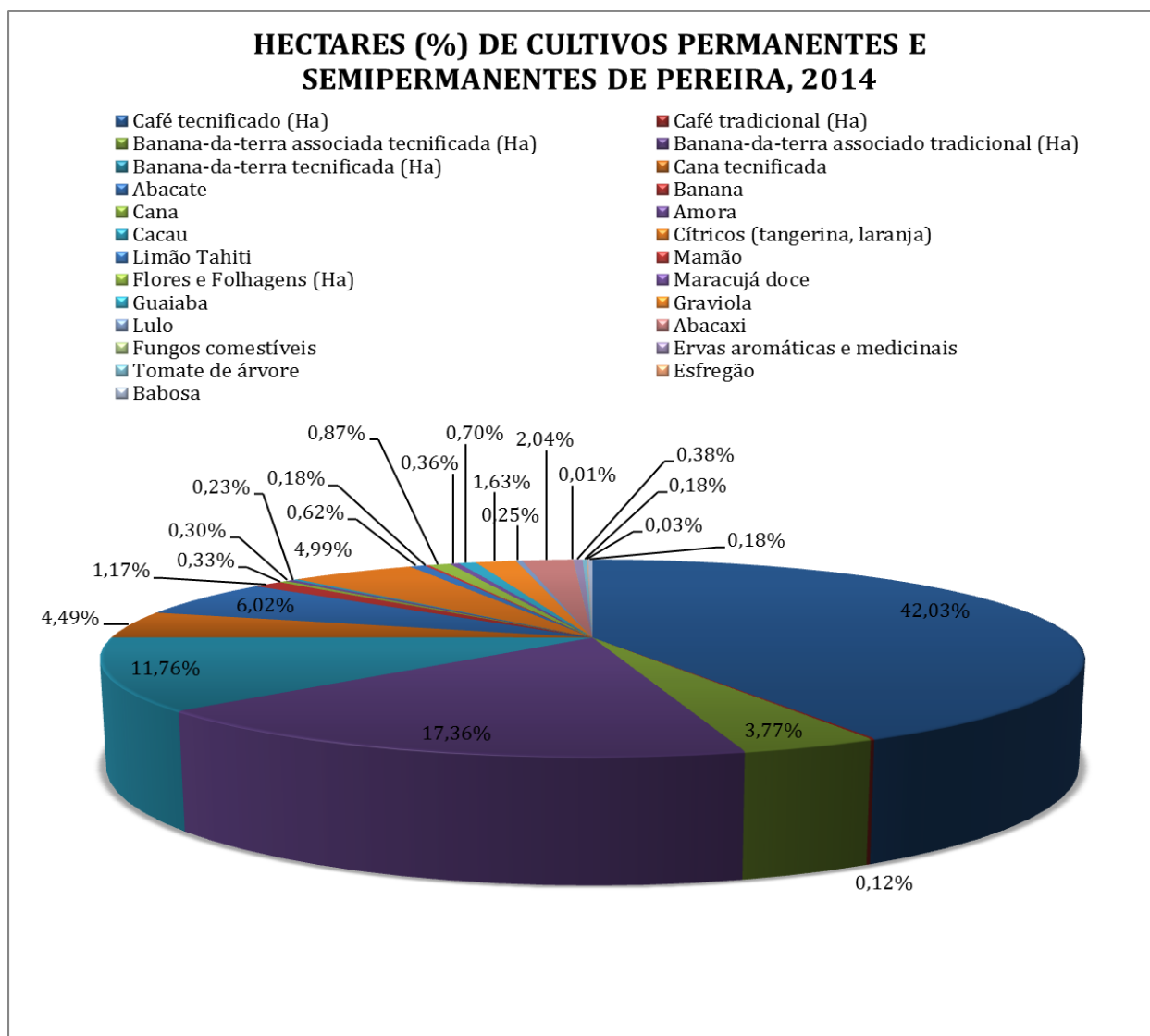


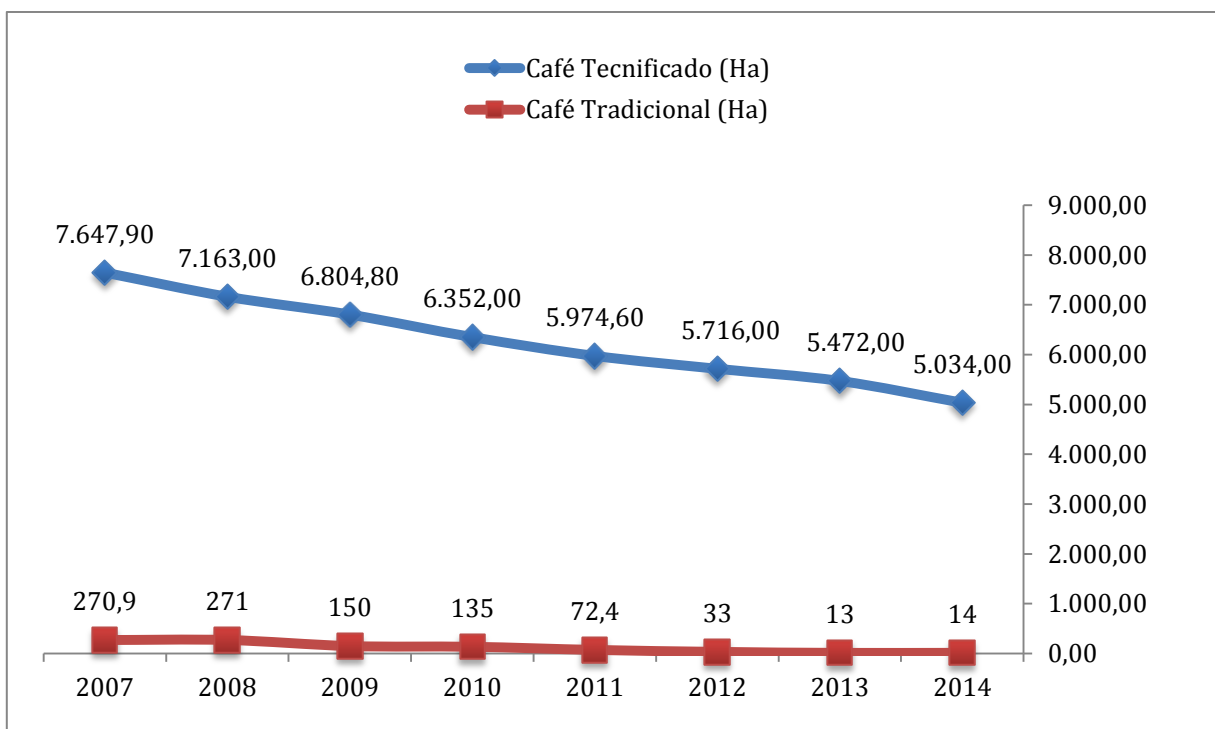
Gráfico 2 – Hectares (%) de cultivos permanentes e temporários no município de Pereira, 2014



Fonte: Elaboração própria com dados do Departamento de Risaralda – Secretaría de Desarrollo Rural, 2014

Segundo os dados fornecidos pelo *Sistema de Información y Estadística Territorial – SIETE* da *Secretaría de Planeación de la Gobernación de Risaralda*, a área de café cultivado tanto tecnificado quanto tradicional no município de Pereira durante os anos de 2007 até 2014 (Gráfico 3), têm diminuído significativamente, passando de 7.647,90 hectares no ano de 2007 a 5.034 hectares em 2014 para a área de plantios de café no sistema tradicional, e a redução mais relevante foi para a área de café no sistema tradicional passando de 270,9 hectares em 2007 para 14 hectares no ano de 2014.

Gráfico 3 – Área de Café *tecnificado* Vs Café Tradicional (2007-2014) no município de Pereira



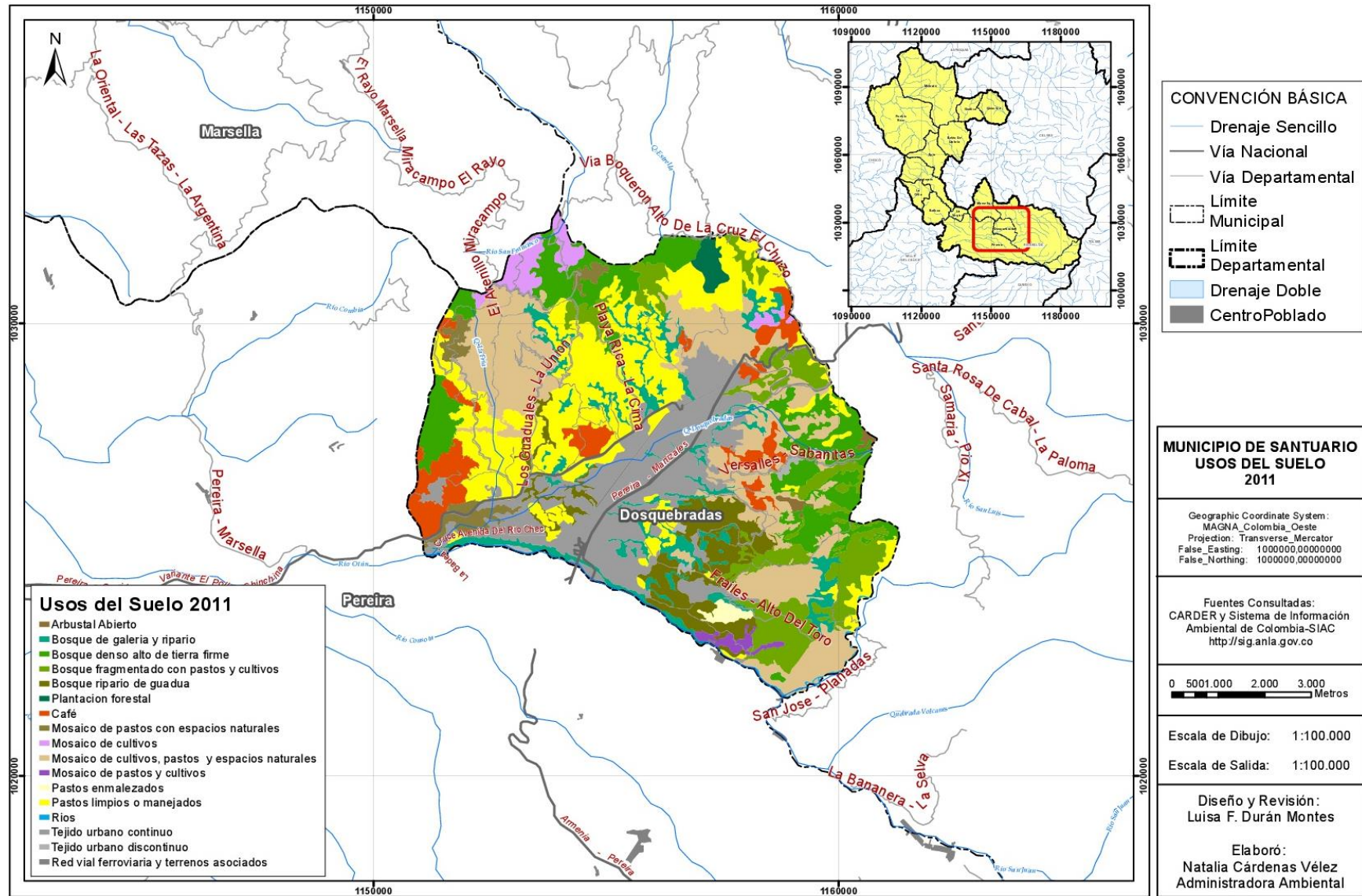
Fonte: Elaboração própria como dados do Departamento de Risaralda – Secretaría de Desarrollo Rural, 2014

3.2 Dosquebradas

Localiza-se na parte sudeste do departamento e conforma junto com os municípios de Pereira e La Virginia a *Área Metropolitana Centro Occidente*, conhecido por ser o município industrial do departamento, pois ali foram assentadas as empresas mais importantes da região como Nestlé e da indústria têxtil. Sua altitude é de 1.460 m, sua temperatura média é de 25°C e fica a quatro quilômetros da cidade de Pereira.

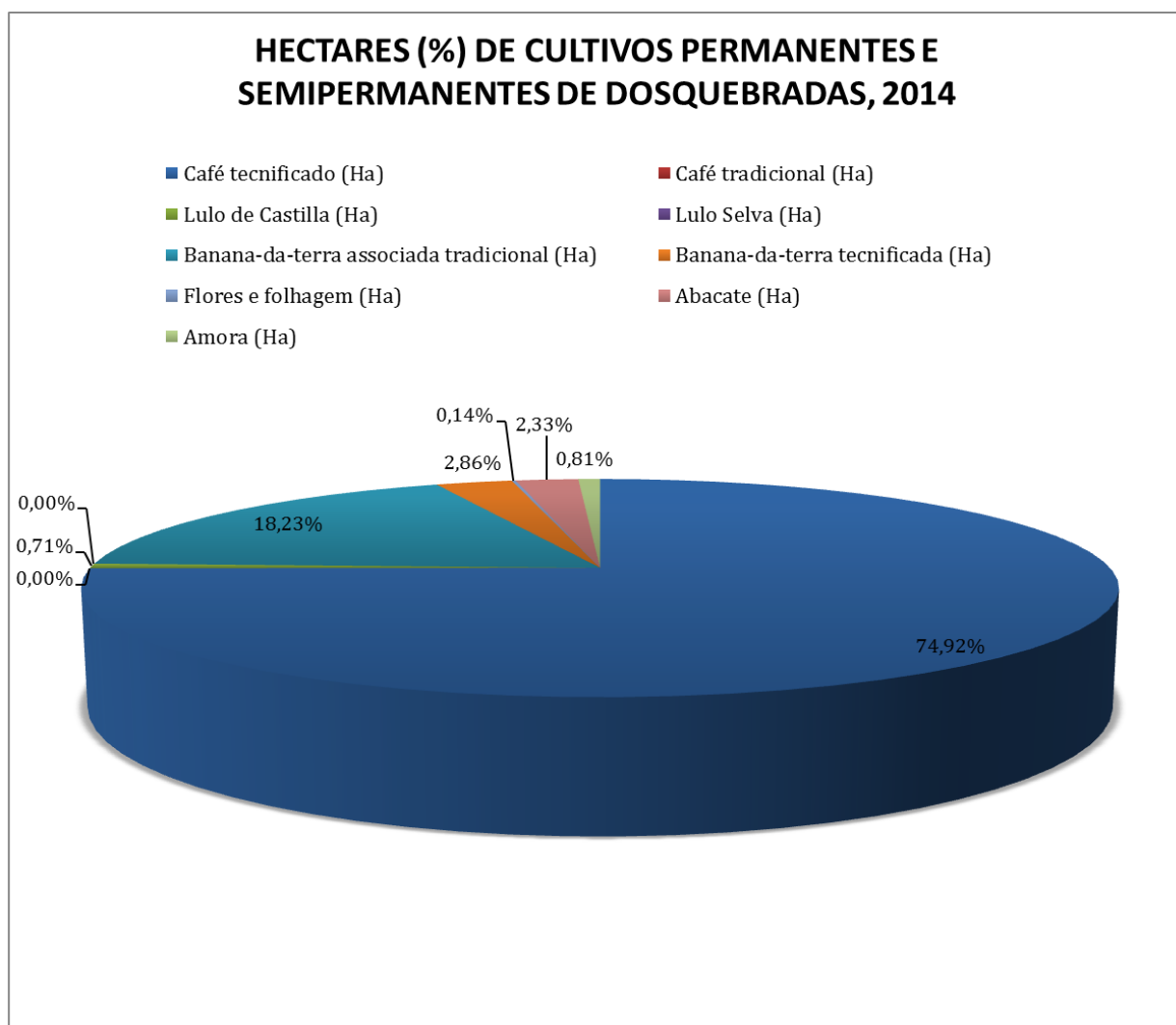
Sua fundação foi no ano de 1844, mas foi declarado como município independente em 1973. Sua superfície total é de 7.057,58 hectares, da qual 89,57% correspondem à área rural e 10,43% à área urbana (Figura 11). Segundo as projeções do Departamento Nacional de Estadística – DANE, a população do município para o ano de 2015 é de 198.874 habitantes, sendo 190.388 urbanos e 8.486 rurais.

FIGURA 10- MAPA DE USO DO SOLO NO MUNICÍPIO DE DOSQUEBRADAS NO ANO DE 2011



As culturas cultivadas no município de Dosquebradas com maior relevância para o ano de 2014 (Gráfico 4) são: café tecnificado e banana-da-terra associada tradicional, a porcentagem de área do primeiro é de 74,92% e do segundo é de 18,23%.

GRÁFICO 4 – HECTARES (%) DE CULTIVOS PERMANENTES E SEMIPERMANENTES NO MUNICÍPIO DE DOSQUEBRADAS, 2014

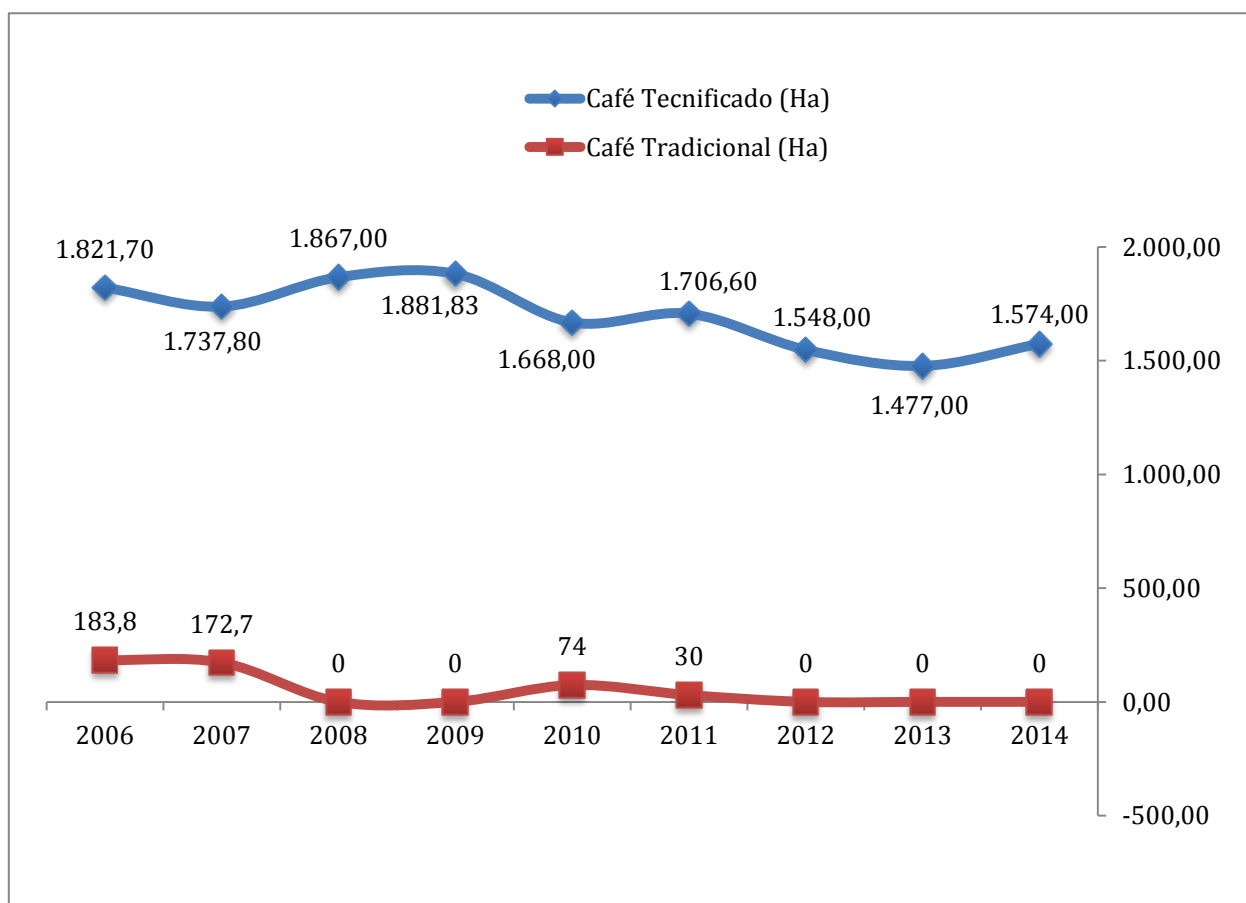


Fonte: Elaboração própria como dados do Departamento de Risaralda – Secretaría de Desarrollo Rural, 2014.

Com relação à área cultivada de café, constatou-se que, de acordo com os dados fornecidos pelo SIETE para os anos de 2006 até 2014, no município de Dosquebradas tem se apresentado variações tanto para o sistema de produção tecnificado quanto para o

tradicional (Gráfico 5), assim sendo para o primeiro sistema 1.821,70 hectares em 2006 e para o ano de 2014 a redução foi de 1.574 hectares; enquanto no ano de 2014 a área cultivada com café tradicional teve uma diminuição drástica, pois passou de 183,8 hectares em 2006 a 0 hectares.

GRÁFICO 5 – ÁREA DE CAFÉ *TECNIFICADO* VS CAFÉ TRADICIONAL CULTIVADO (2006-2014) NO MUNICÍPIO DE DOSQUEBRADAS

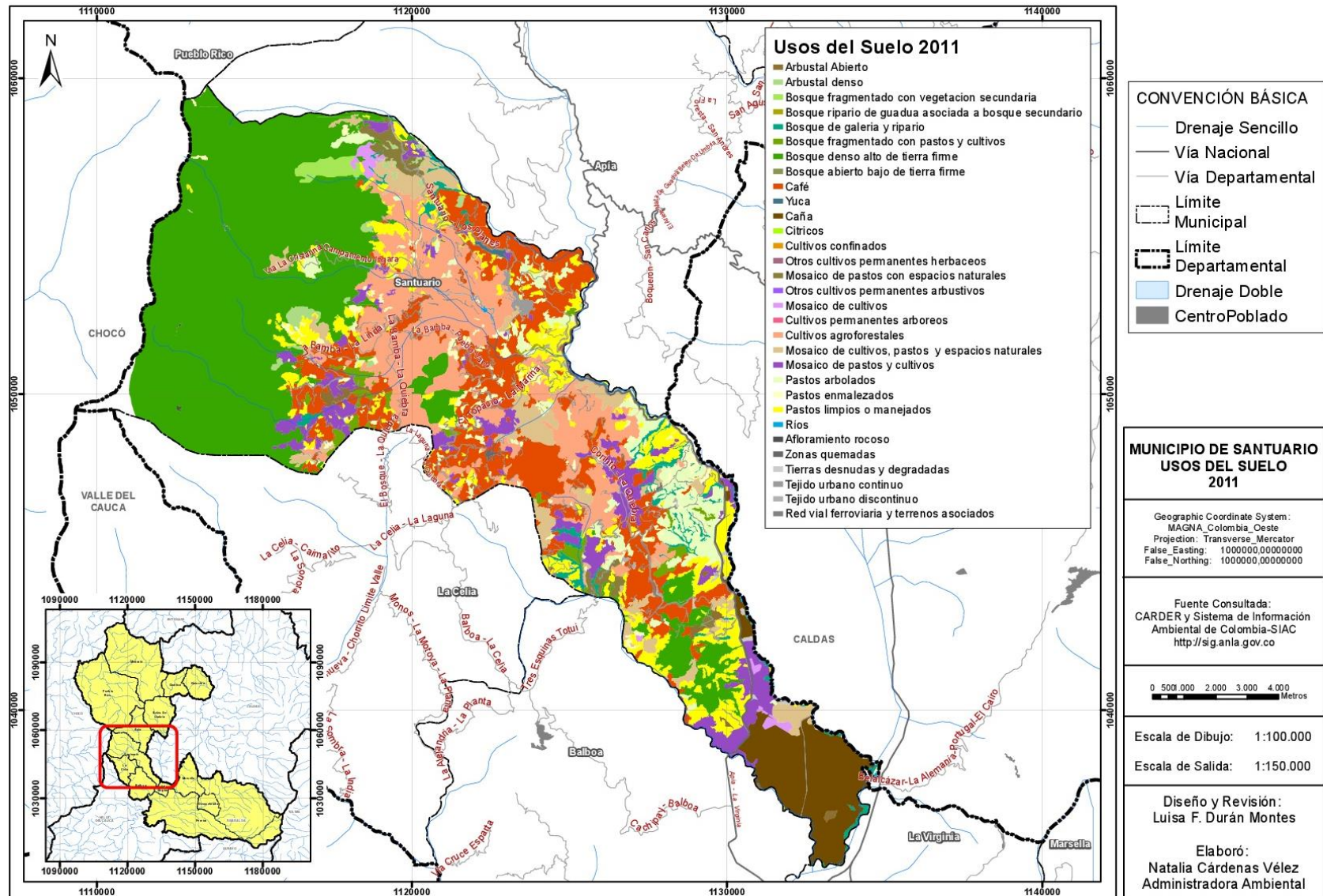


Fonte: Elaboração própria com dados do Departamento de Risaralda – Secretaría de Desarrollo Rural, 2014

3.3 Santuario

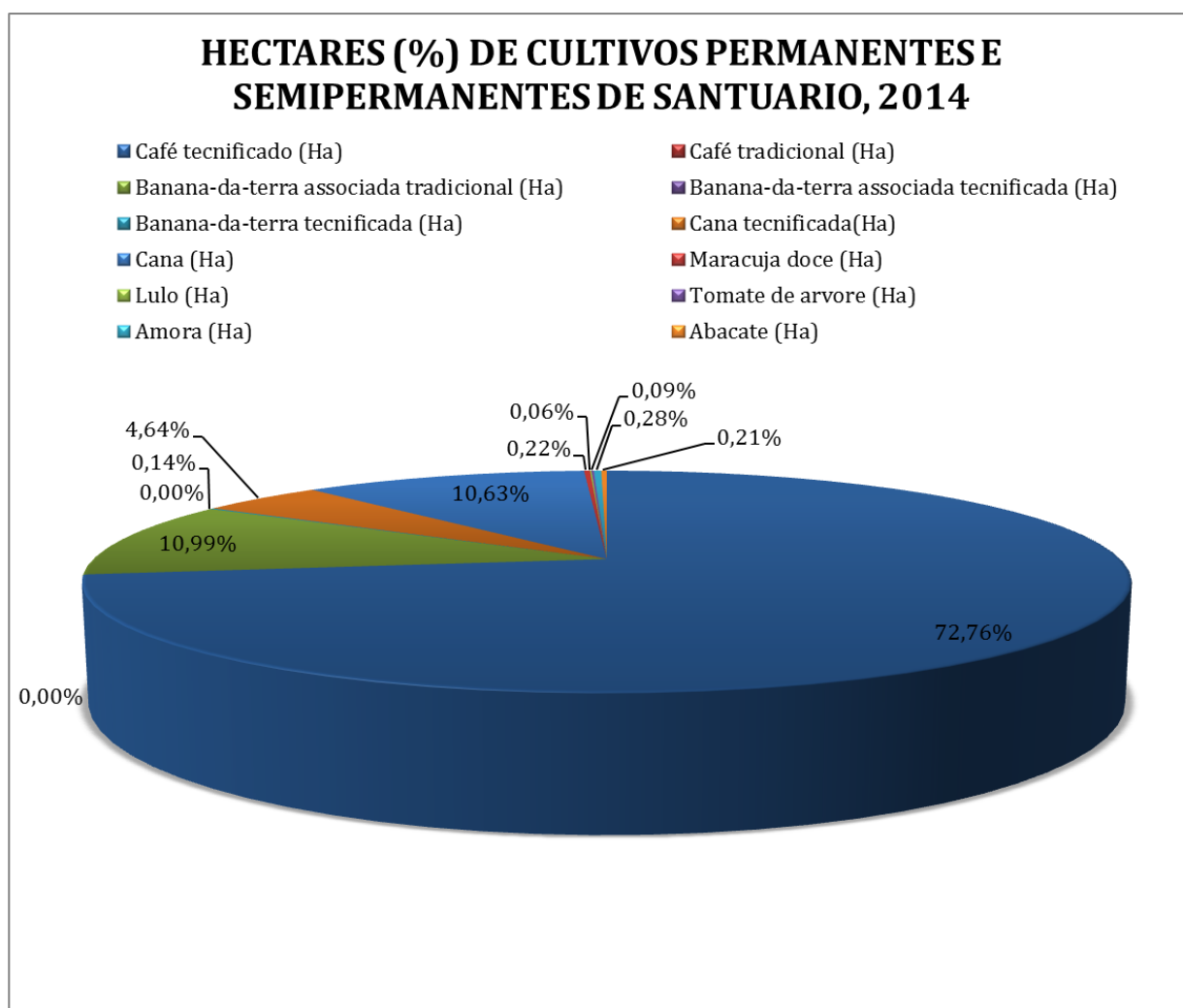
Localiza-se na região centro-occidental do departamento, na vertente oeste da cordilheira ocidental, suas ladeiras descem ao rio Cauca e à bacia do rio San Juan, sua temperatura média é de 20° e fica a 64 km ao norte da cidade de Pereira (Figura 12)

FIGURA 11 - MAPA DE USO DO SOLO DO MUNICIPIO DE SANTUARIO NO ANO DE 2011



Foi fundado no ano de 1906 e a superfície total do município é de 16.061,79 hectares, dos quais 99,7% correspondem à área rural e 0,30% à área urbana. No ano de 2014 (Gráfico 6), a área em porcentagem de hectares de cultivos permanentes e semipermanentes com maior relevância, de acordo com o SIETE, são o café tecnificado e a banana-da-terra associada tradicional, o primeiro cultivo representa 72,76% e o segundo 10,99%.

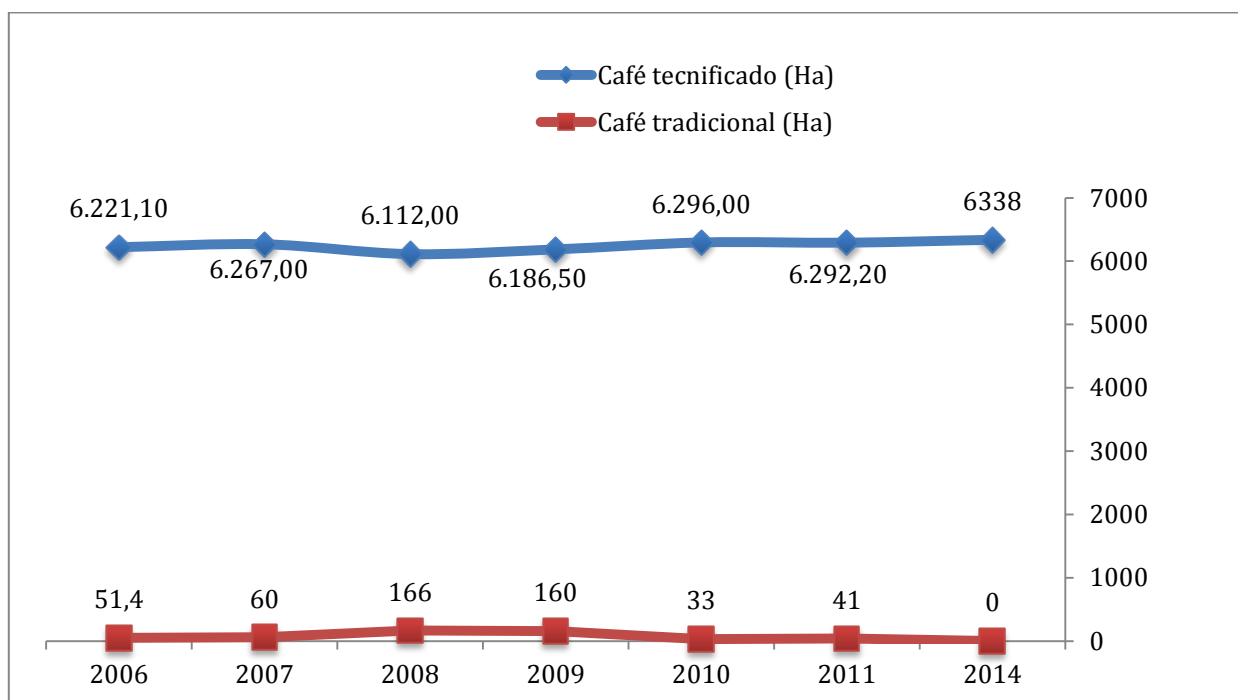
Gráfico 6 – Hectares (%) de cultivos permanentes e semipermanentes no município de Santuario, 2014



Fonte: Elaboração própria como dados do Departamento de Risaralda – Secretaría de Desarrollo Rural, 2014.

A situação do cultivo de café (Gráfico 7) no município de Santuario tem apresentado um aumento para o café no sistema tecnificado, resultando, em 2006, numa quantidade de 6.221,10 hectares cultivados, e em 2014 foram 6.338 hectares, enquanto que para as mesmas datas o café no sistema tradicional passou de 51,4 hectares a 0 hectares.

GRÁFICO 7 – ÁREA DE CAFÉ TECNIFICADO VS CAFÉ TRADICIONAL CULTIVADO (2006-2014) NO MUNICÍPIO DE SANTUARIO

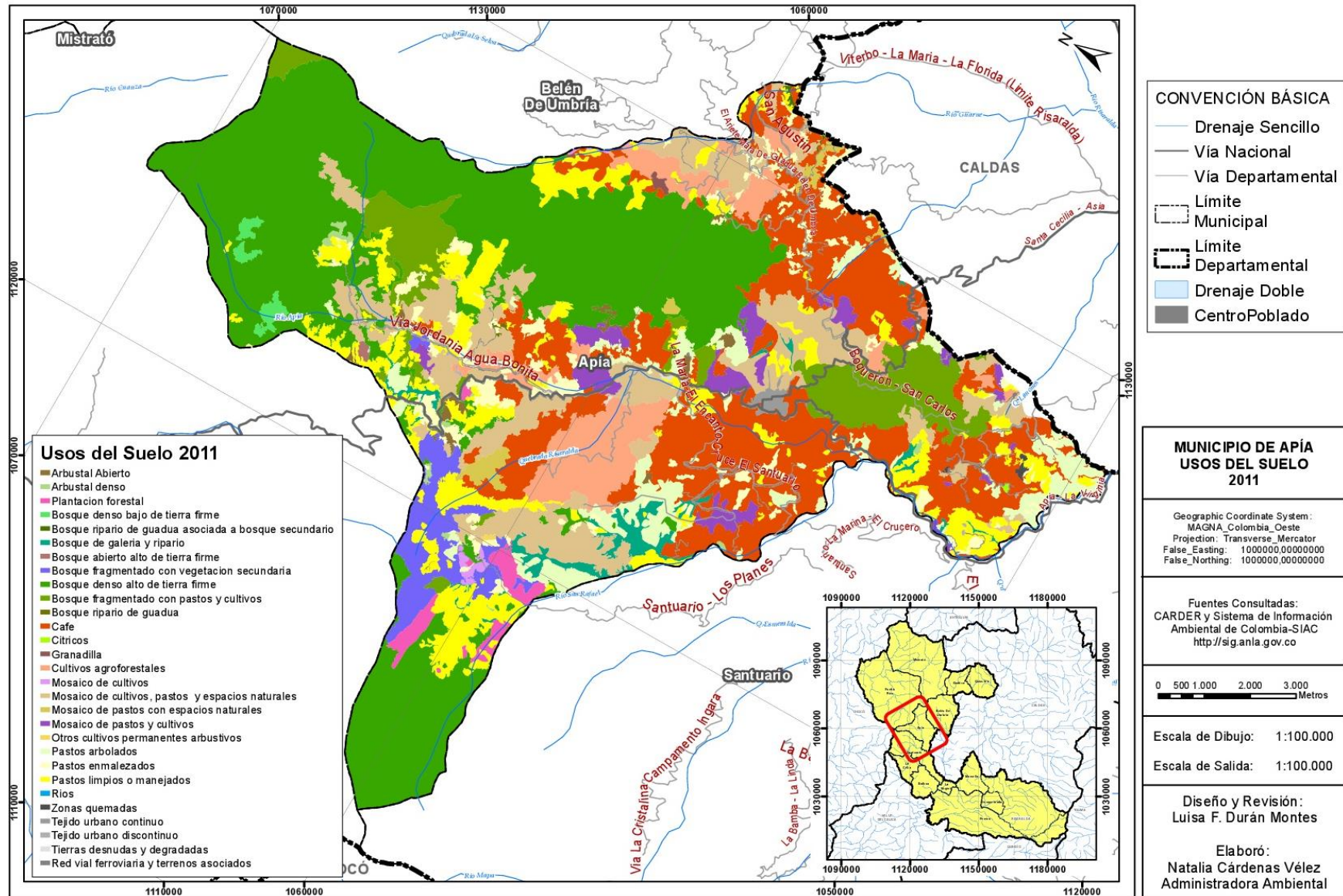


Fonte: Elaboração própria com dados do Departamento de Risaralda – Secretaría de Desarrollo Rural, 2014

3.4 Apía

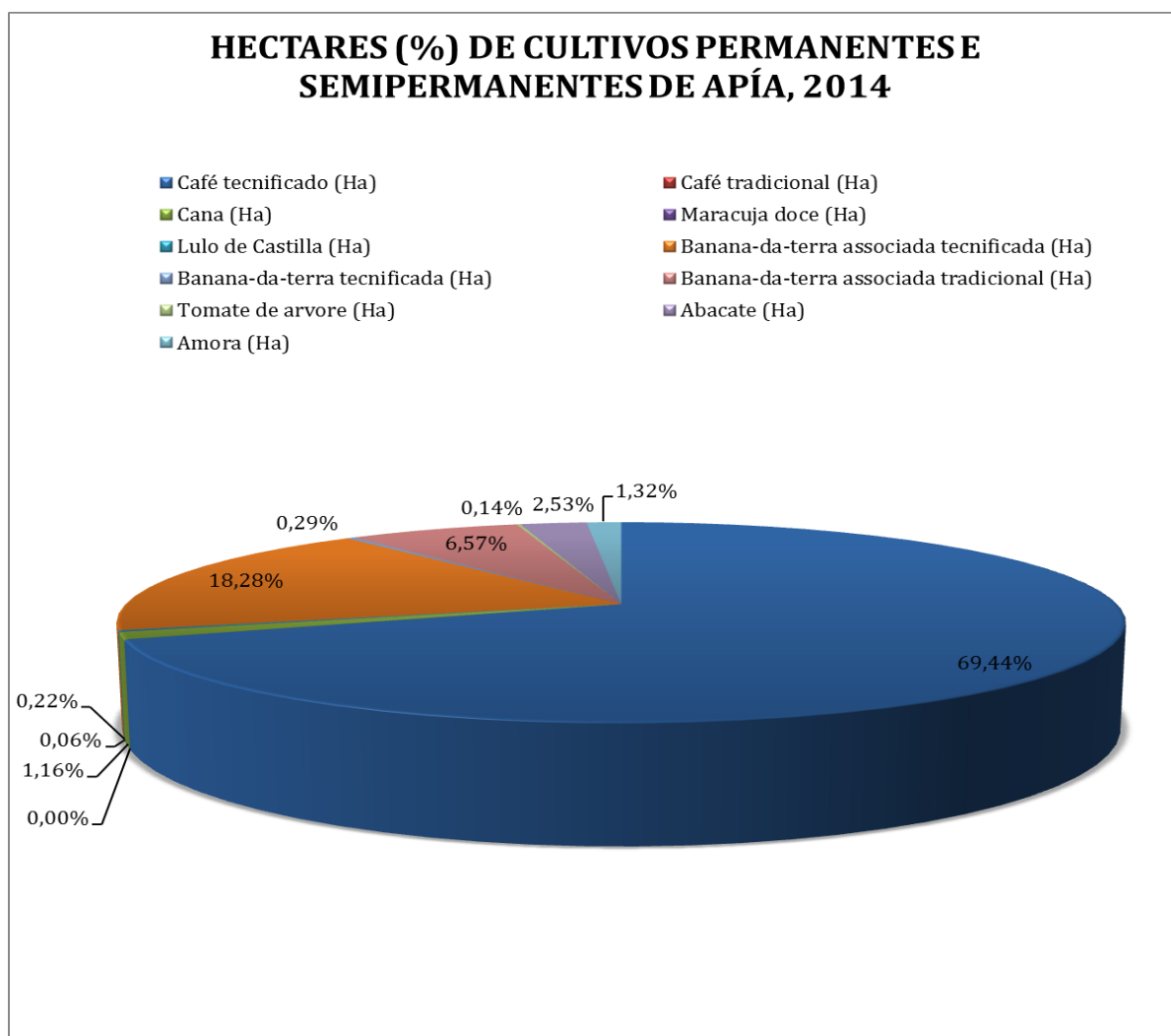
Localiza-se na vertente leste oriental da Cordilheira Ocidental, com uma altitude de 1.630 m, fica a 70 km de Pereira, temperatura média de 19° C. As atividades econômicas mais importantes são a agricultura, pecuária e a mineração (Figura 13). Sua data de fundação foi em 1883.

FIGURA 12 - MAPA DE USO DO SOLO DO MUNICÍPIO DE APÍA NO ANO DE 2011



Possui uma área total de 15.150 hectares, da qual 99,54% pertencem à área rural e 0,46% à área urbana. Segundo as projeções do DANE para o ano de 2015, a população do município foi de 18.976 habitantes, da qual 10.740 habitantes moram na área rural e 8.236 na urbana. O Gráfico 8 apresenta a porcentagem de hectares dos cultivos permanentes e semipermanentes cultivados no município durante o ano de 2014, os mais cultivados foram café tecnificado e banana-da-terra associada tecnificada sendo 69,44% e 18,28%, respectivamente.

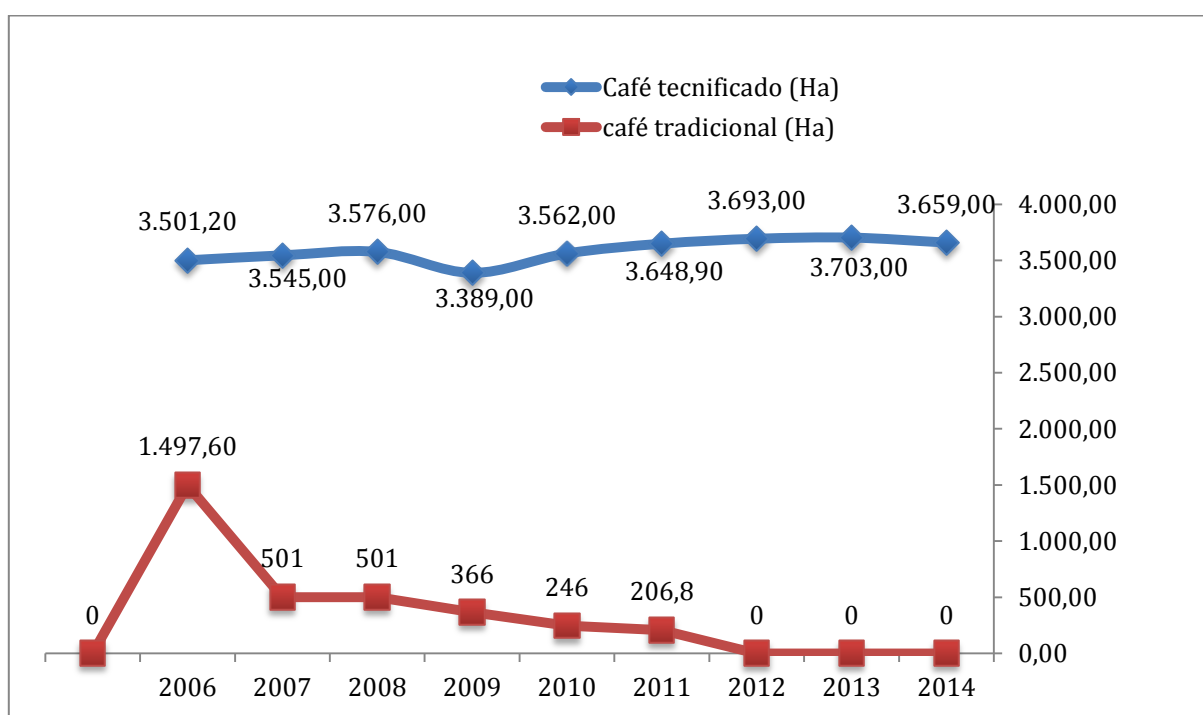
GRÁFICO 8 – HECTARES (%) DE CULTIVOS PERMANENTES E SEMIPERMANENTES NO MUNICÍPIO DE APÍA, 2014



Fonte: Elaboração própria como dados do Departamento de Risaralda – Secretaría de Desarrollo Rural, 2014

Com relação à cultura de café e de acordo com os dados fornecidos pelo *Sistema de Información y Estadística Territorial* (Gráfico 9), verificou-se que a área do cultivo no sistema produtivo tecnificado mostrou um incremento desde o ano de 2006 até o ano de 2014, passando de 3.501,20 hectares a 3.659 hectares; e a área de plantio de café tradicional apresentou uma diminuição muito significativa, passando de 1.497,60 hectares no ano de 2006 a 0 hectare em 2014.

GRÁFICO 9 – ÁREA DE CAFÉ TECNIFICADO VS CAFÉ TRADICIONAL CULTIVADO (2005-2014) NO MUNICÍPIO DE APÍA



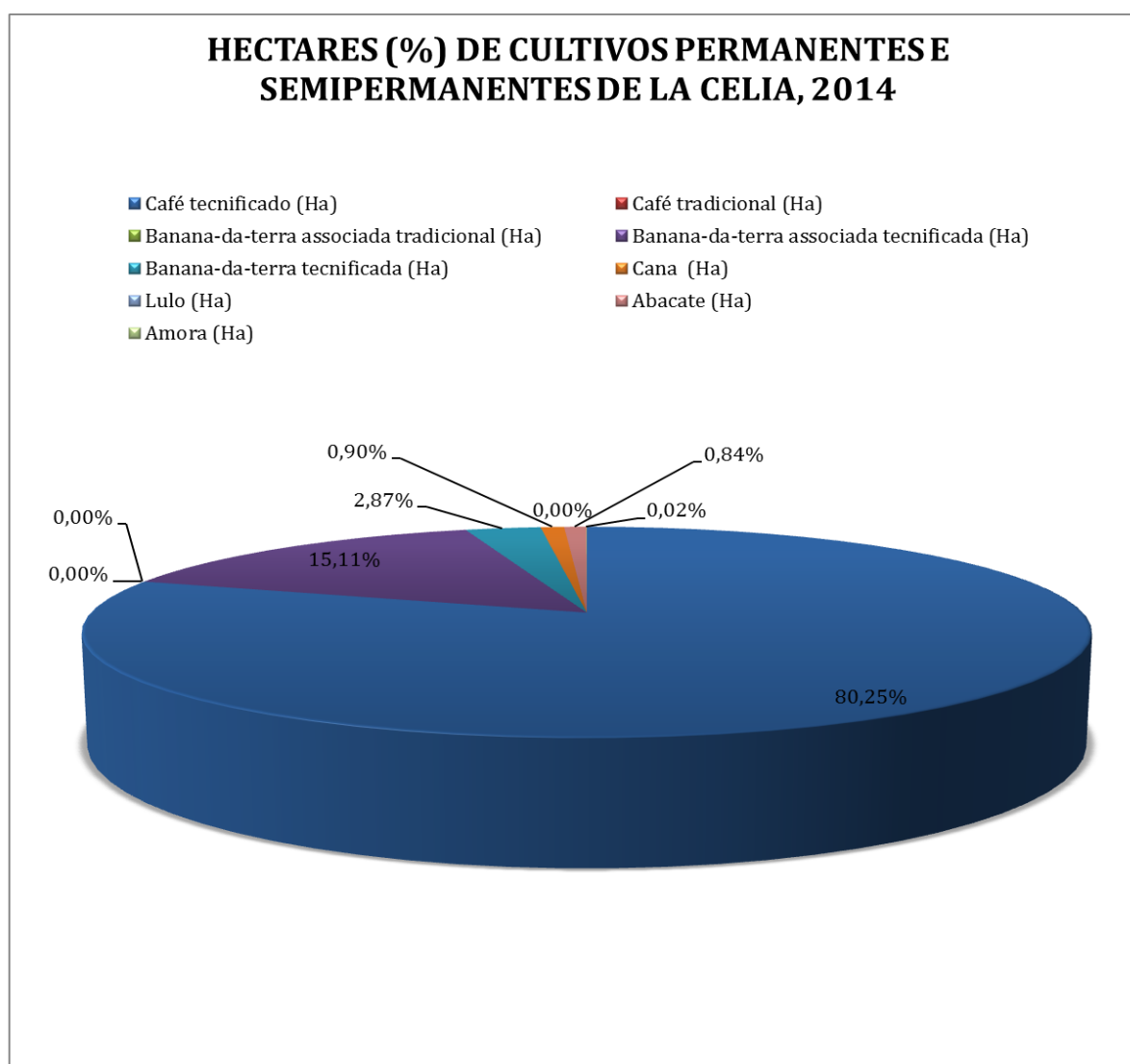
Fonte: Elaboração própria como dados do Departamento de Risaralda – Secretaría de Desarrollo Rural, 2014

3.5 La Celia

Localiza-se na região central do departamento, nas ladeiras da cordilheira ocidental, com uma distância de Pereira de 68 km, a temperatura média é de 18° C. O ano de fundação foi em 1915. A área do município é de 8.752,1 hectares, da qual 99,62% pertencem à área rural e 0,38% à área urbana (Figura 14). Sua população total para o ano de 2015 é de 8.598 habitantes, sendo, na parte rural 5.168 e na urbana 3.430.

No Gráfico 10, apresenta-se a porcentagem de hectares de culturas permanentes e semipermanentes do município de La Celia para o ano de 2014, e as culturas mais representativas são café tecnificado com 80,25% e banana-da-terra associada tecnificada com 15,11%.

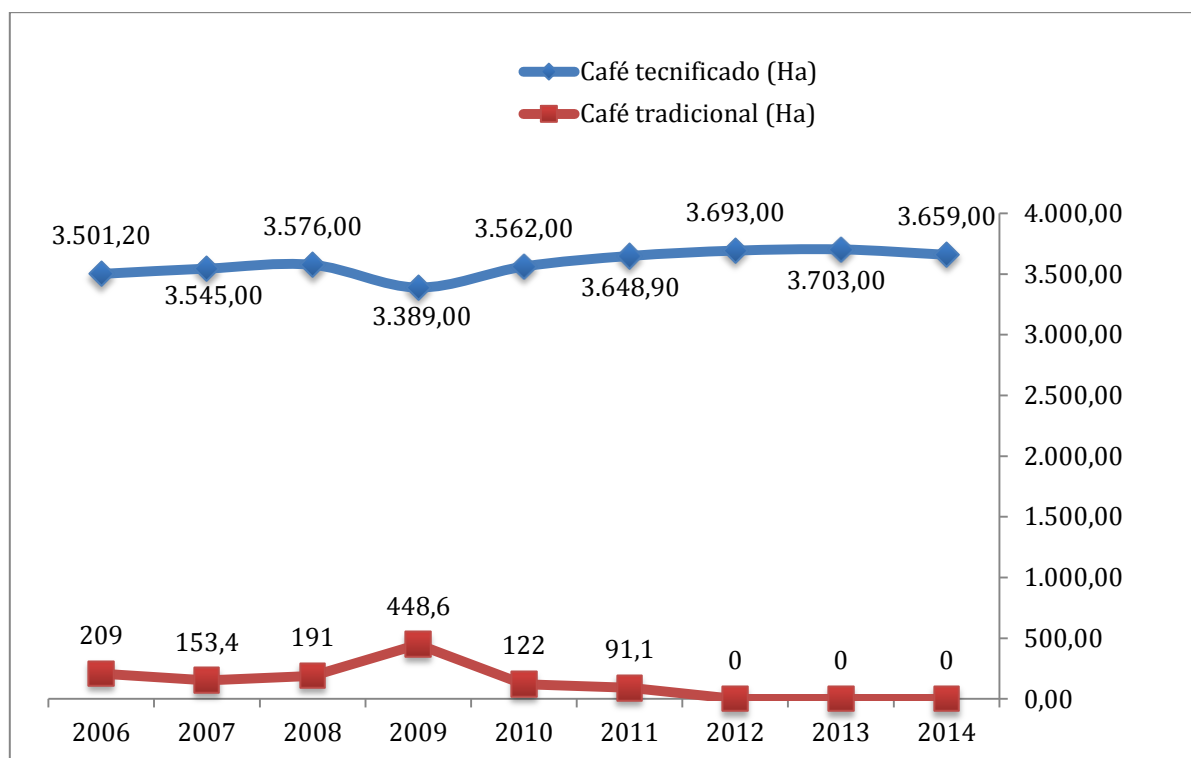
GRÁFICO 10 – HECTARES (%) DE CULTIVOS PERMANENTES E SEMIPERMANENTES NO MUNICÍPIO DE LA CELIA, 2014



Fonte: Elaboração própria como dados do Departamento de Risaralda – Secretaría de Desarrollo Rural, 2014

A área dos cultivos de café tanto no sistema de produção tecnificado quanto no tradicional em La Celia tem apresentado as seguintes mudanças durante os anos de 2006 até 2014 (Gráfico 11), o primeiro sistema de produção teve um incremento, passando de 3.501,20 hectares a 3.659 hectares e, no segundo, passou de 209 hectares a 0 hectares.

GRÁFICO 11 – ÁREA DE CAFÉ TECNIFICADO VS CAFÉ TRADICIONAL CULTIVADO (2006-2014) NO MUNICÍPIO DE LA CELIA



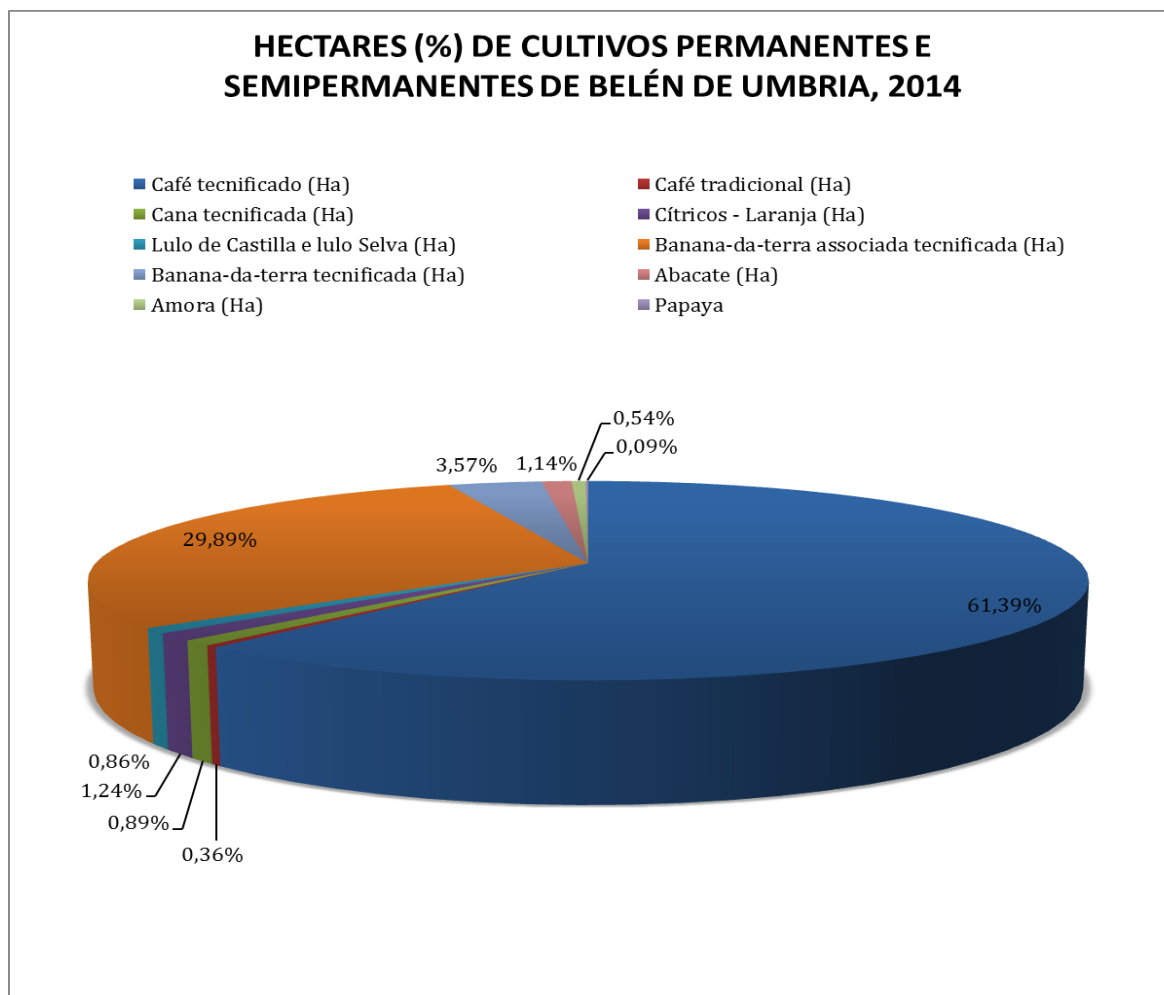
Fonte: Elaboração própria como dados do Departamento de Risaralda – Secretaría de Desarrollo Rural, 2014

3.6 Belén de Umbría

Localiza-se no norte do departamento a 70 km de Pereira, com uma altitude de 1.364 metros acima do nível do mar e a temperatura média de 22°C. Sua fundação foi em 1890 e a superfície é de 18.023,6 hectares, da qual 99,26% correspondem à área rural e 0,74% à área urbana (Figura 15). A população no município é de 27.721 habitantes, da qual 14.595 pertencem à área rural e 13.126 à urbana.

De acordo com o Gráfico 12 e os dados fornecidos pelo SIETE para o ano de 2014, as culturas mais representativas no município foram o café tecnificado e a banana-da-terra associada tecnificada, as porcentagens em hectares são 61,39% e 29,89%, respectivamente.

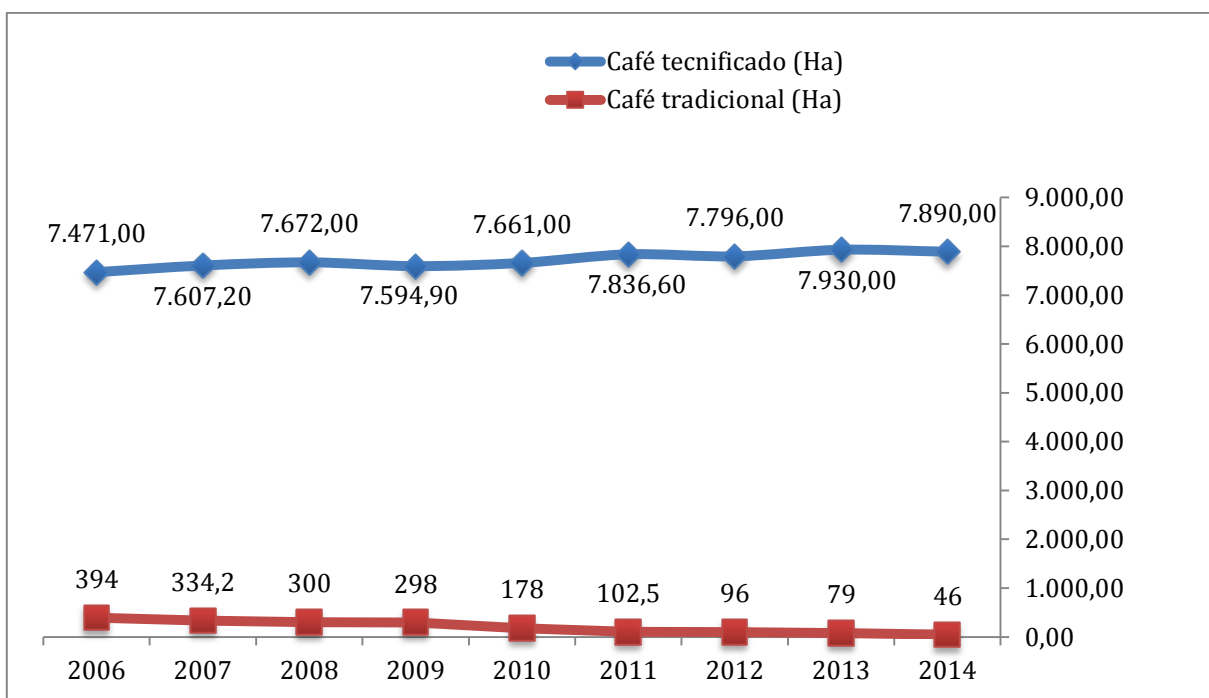
GRÁFICO 12 – HECTARES (%) DE CULTIVOS PERMANENTES E SEMIPERMANENTES NO MUNICÍPIO DE BELÉN DE UMBRÍA, 2014



Fonte: Elaboração própria como dados do Departamento de Risaralda – Secretaría de Desarrollo Rural, 2014

No Gráfico 13, mostra-se as mudanças da área de cultivos de café nos dois sistemas produtivos implementados no departamento, o sistema tecnificado e tradicional, no primeiro as mudanças significaram um pequeno aumento, passando de 7.471 hectares no ano de 2006 a 7.890 hectares em 2014, e no segundo sistema as mudanças representaram uma considerável diminuição, pois passou de 394 hectares em 2006 a 46 hectares em 2014.

GRÁFICO 13 – ÁREA DE CAFÉ *TECNIFICADO* VS CAFÉ TRADICIONAL CULTIVADO (2006-2014) NO MUNICÍPIO DE BELÉN DE UMBRÍA



Fonte: Elaboração própria como dados do Departamento de Risaralda – Secretaría de Desarrollo Rural, 2014

Em síntese, podemos notar que a produção agrícola nos municípios estudados é, basicamente, cafeeira seguida por plantações de banana-da-terra e, em poucas proporções, alguns legumes. Desta forma, verifica-se que no departamento ainda predominam os plantios de café, principalmente pela influência das políticas da *Federación Nacional de Cafeteros*, desde o ano de 2006, contribuindo para aumentar as áreas cultivadas no sistema tecnificado e diminuir consideravelmente o sistema tradicional, pois este fato garante maior produção em menor quantidade de terras.

Atualmente, os sítios em Risaralda são cada vez menores, por isso esta medida implementada pela instituição cafeeira funciona, mas gera a desvantagem do uso indiscriminado de agroquímicos que afetam a biodiversidade e a dependência a apenas um cultivo, o qual apresenta um preço instável no mercado internacional. Assim, os agricultores têm de procurar um segundo cultivo que permita gerar uma renda complementar e contínua como é a banana-da-terra, a qual já tem mercado garantido e preços mais estáveis.

CAPÍTULO 4. ORGANIZAÇÕES E COOPERATIVAS FRENTE À CRISE CAFEIEIRA

Considerando esse contexto de Risaralda e dos municípios visitados, sucintamente descritos, a seguir se apresentam os resultados e as análises dos trabalhos de campo. Num primeiro momento, identificaram-se como caso de estudo as organizações e cooperativas registradas na *Cámara de Comercio de Pereira e Dosquebradas* e nas bases de dados da *Corporación Regional Autónoma de Risaralda* (CARDER), as quais têm uma atuação relevante no departamento de Risaralda e, ao mesmo tempo, apresentam-se como alternativa de desenvolvimento frente à crise do café dos últimos quinze anos e às políticas nacionais. São elas: ***Fundación Aquí Somos Paz*** no município de Belém de Umbría, ***Asoapía*** no município de Apía, ***Asocafé Manantial*** no município de Dosquebradas, ***Organización Agrosolidaria*** no município de La Celia; também consideramos duas famílias de tradição cafeeira que trabalham de forma independente dos municípios de Pereira e Santuario, pois não participam frequentemente de organizações ou cooperativas, e suas vendas são para as empresas ou pessoas que pagam os melhores preços.

Consoante já mencionamos, foram entrevistadas pessoas que trabalham nos setores acadêmico, institucional – produtivo e turístico. No primeiro setor se complementou com a leitura de livros, artigos, cartilhas e folhetos feitos por diferentes pesquisadores da região; no segundo grupo se conseguiu ter uma proximidade com algumas cooperativas e produtores de café e foi aplicado um questionário; no terceiro setor se falou com pessoas que trabalham na instituição cafeeira, além de ter acesso a uma pesquisa recente de uma empresa privada contratada pelo *Ministerio de Cultura*. De acordo com as perguntas do formato de entrevista e questionário foi possível analisar o que segue.

4.1 Setor: Acadêmico

De acordo com a perspectiva das pesquisas de outras instituições e universidades sobre a Paisagem Cultural Cafeeira, produção de café, bem-estar do campesinato e planejamento, considerando as entrevistas feitas ao Setor Acadêmico é possível estabelecer que estes estão preocupados com aspectos mais qualitativos como a procura da qualidade de vida dos camponeses e a sustentabilidade das culturas, enquanto o governo e as prefeituras tentam se aproveitar e usar a declaratória somente como um bem paisagístico. Em virtude do conhecimento da situação atual, conforme o plano de manejo da Paisagem Cultural Cafeeira, tenta-se aplicar uma ferramenta que permitiria encaminhar verbas do orçamento nacional, e assim poder materializar os projetos conjuntos entre várias instituições e municípios⁷. A ferramenta que possibilitaria essa mudança é conhecida como **Contrato Plan**, a qual está inserida no *Plan Nacional de Desarrollo 2011-2014 “Prosperidad para todos”*; trata-se brevemente de um acordo de vontades para a coordenação entre diferentes instituições do governo, com o objetivo de realizar e cofinanciar projetos de desenvolvimento territorial no mediano e longo prazo, através de acordos e compromissos entre o governo nacional e as entidades territoriais, e também se poderia contar com a participação de outros atores públicos ou privados do âmbito territorial (DEPARTAMENTO NACIONAL DE PLANEACIÓN, 2011).

No caso da Paisagem Cultural Cafeeira, conta-se com avanços estruturais, como o plano de manejo em projetos específicos, conjunturais e de longa duração, ou seja, sua execução poderia ocorrer durante vários períodos de governo, estes projetos foram apresentados para obter as verbas do **Sistema General de Regalías**, embora careçam de uma conformação institucional forte que permitisse propiciar uma gestão e gerenciar em conjunto entre o governo nacional e as autoridades territoriais (ARANGO, s.d.).

Destarte, essa ferramenta tem se convertido em discurso que está registrado no papel porque até o momento não tem aplicação pelos governos, tanto municipais quanto

⁷ A Paisagem Cultural Cafeeira (declarada em junho de 2011 pelo UNESCO) está representada por 47 administrações locais e o governo nacional, encabeçado pelo *Ministerio de Cultura* e as 4 administrações departamentais (Risaralda, Caldas, Quindío e Valle del Cauca).

nacional, e os recursos nacionais estão descendo pela queda do preço do petróleo, já que das ganâncias desse produto se financiam projetos de impacto social e regional. Por outro lado, é salientada a falta de estratégias e condições para incentivar a apropriação social do patrimônio cultural e natural do departamento; no entanto, só se podem identificar propostas turísticas e não existe um compromisso sério que consolide a importância da paisagem e suas características culturais.

Outro aspecto para mencionar é que os prefeitos dos 47 municípios dos 3 departamentos que fazem parte da declaratória começaram a se reunir para a constituição da *Asociación de Municipios del PAISAJE CULTURAL CAFETERO* com o propósito de atingir a execução das tarefas do plano de manejo, tentando conciliar a visão de um reordenamento territorial que seja favorável à conservação da Paisagem Cultural Cafeteira. Contrariamente a essas boas intenções que começaram há aproximadamente 3 anos, pode-se entrever que atualmente todo o processo foi interrompido pela ausência de liderança e não ficaram compromissos ou acordos por efetivar.

A instituição *Sistema Universitario del Eje Cafetero (SUEJE)* está liderando um projeto muito grande que tenta estabelecer “*La Cadena Productiva de Cafés Especiales del Paisaje Cultural Cafetero*”, com a formação desta proposta se pretende trabalhar de maneira conjunta todo o ciclo do café, desde a safra, a venda, a comercialização até o turismo, a ideia é que todos os produtores de café na região da PCC possam participar. Deste processo já se conta com reuniões feitas em diferentes lugares, com distintas personagens políticas municipais e, sobretudo, da *Federación Nacional de Cafeteros*, cada encontro significa um avanço para conformar o “*Acuerdo de Competitividad*”, documento que vai ter todos os lineamentos, ações, estratégias e compromissos, não obstante, a institucionalidade cafeeira (*Federación Nacional de Cafeteros*) não tem ajudado muito na parte da consolidação porque discorda de vários pontos como o fortalecimento na exportação, que representaria uma mudança na política cafeeira nacional (SANTIAGO TORO, Pereira, 2015).

Um assunto muito questionado desde que a declaratória foi estabelecida é a mineração⁸, atividade que é feita por parte de diferentes empresas multinacionais como a *Seafield Resources Ltd.* que possui importantes licenças (11) na maior parte do município de Quinchía, o município se caracteriza por ter como atividade econômica principal a mineração, sobretudo a artesanal que é desenvolvida nos assentamentos indígenas; para fevereiro de 2014 os títulos de mineração em Risaralda foram 21 e abrangem 4.600,34 hectares, representando 11,5% da área da PCC. Segundo os resultados do estudo “*INFORME SOBRE EL IMPACTO DE LA MINERÍA EN EL PAISAJE CULTURAL CAFETERO DE COLOMBIA 2011-2015*” realizado pelo consultor do *Ministerio de Cultura*, assevera-se que depois de ser declarada a paisagem cafeeira não foram outorgados mais títulos, apesar disso no passado se encontraram títulos em áreas de reserva natural, que devem ser vigiadas constantemente porque se carece de ferramentas municipais para fazer um controle sobre essas zonas. Em nível nacional, as políticas são flexíveis para obter licenças ambientais e não existem estudos sobre as consequências dessas atividades nos recursos naturais, ademais, o estudo apresenta que a mineração ilegal ou artesanal, que é feita geralmente pelos nativos e que se tornou uma atividade de herança local, é muito mais perigosa para a conservação da declaração do que a industrial (internacional), porém esta afirmação é muito discutida, pois os títulos minerários não são concedidos a indivíduos ou grupos pequenos, e as empresas grandes e estrangeiras recebem de um jeito mais fácil e sem obstáculos os títulos e as permissões necessárias (MINISTERIO DE CULTURA, 2015).

Sob o mesmo panorama político, o tema das bacias hidrográficas tornou-se importante a partir da declaratória, e tem-se procurado a maneira de incluí-las nas políticas nacionais ou pelo menos em relação à declaração, no entanto, esse assunto é tratado de maneira muito incipiente, o único esforço é o que estão fazendo a academia e as autoridades ambientais⁹, que estão tentando orientar convênios ou pactos em

⁸ Nas áreas da PCC existem 200 títulos minerários outorgados para a extração de minerais de materiais de construção (63,5%); metais preciosos e industriais (29,5%) (Ministerio de Cultura, 2015).

⁹ Na Colômbia as autoridades ambientais estão articuladas no *Sistema Nacional Ambiental*, no qual se estipulam seus objetivos, funções, competências e jurisdição. Elas recebem o nome de *Corporaciones Autónomas Regionales de Colombia*. São entes corporativos de caráter público, criados pela Lei, integrados pelas entidades territoriais que por suas características constituem geograficamente um mesmo ecossistema ou conformam uma unidade geopolítica, biogeográfica ou hidrogeográfica, dotados de autonomia

correspondência com a Paisagem Cafeeira, pois é necessário lembrar que os rios fazem parte dos atributos pelos quais foi dada dita declaratória e, além disso, a cada dia o recurso vai perdendo os cuidados rigorosos para uma melhor conservação.

O *Ministerio de Cultura*, que é o órgão encarregado da gestão e a preservação da declaratória, representa um rol muito administrativo para cumprir os requisitos exigidos pela UNESCO, por exemplo, o plano de manejo e os relatórios anuais, ou também fazer concursos para ressaltar os costumes cafeeiros. Não obstante, isso não é suficiente e é preciso se aprofundar nas dificuldades e problemas que têm se gerado para manter a declaração olhando as mudanças do contexto, especialmente na produção do café, a migração para as cidades e a falta de pertença ao campo por parte das novas gerações.

A parte turística está sendo manejada pelas empresas privadas e não beneficia aos camponeses, a promessa é que num futuro possa beneficiá-los, contudo, não existem estratégias que possam garantir esse fato dito pelos representantes da instituição cafeeira *Federación Nacional de Cafeteros* em 2015, já que geralmente os camponeses não dispõem da infraestrutura, condições e o conhecimento para concorrer na indústria do turismo.

Em relação ao questionamento feito sobre se é possível conseguir a conservação e preservação da cultura cafeeira, os especialistas consultados acreditam que é plausível porque se conta com um *patrimônio vivo*, embora possa mudar e, caso não se apliquem as ferramentas adequadas para melhorar as condições dos seus habitantes, correr-se-á o risco de fortalecer a crise atual.

4.2 Setor: Institucional – Produtivo

Definiu-se este setor como institucional e produtivo, com a intenção de vislumbrar uma parte do leque que faz parte da temática agrária nacional, equivalente à instituição cafeeira - *Federación Nacional de Cafeteros* -, e as organizações/cooperativas que surgem

administrativa e financeira, patrimônio próprio e personalidade jurídica, encarregadas pela Lei de administrar dentro da área de jurisdição, o médio ambiente e os recursos naturais renováveis e propender por seu desenvolvimento sustentável.

(Corporacion Autónoma Regional del Atlántico. Disponível: <http://www.crautonomia.gov.co/index.php/institucional/funciones-de-la-cra>, Acessado em: 05 de novembro de 2015).

em busca de uma nova alternativa para melhorar as condições da comercialização do café, em consequência foi primordial identificar as estratégias utilizadas por cada entidade, as relações de poder, os conflitos e as principais redes formadas entre as instituições.

A instituição cafeeira por excelência há 88 anos tem sido a *Federación Nacional de Cafeteros* (FNC), desde a parte organizacional tem divisões nas funções por departamento e municípios, e para o caso da pesquisa se falou com três funcionários do *Comité Departamental de Cafeteros*, um encarregado da Paisagem Cultural Cafeeira no departamento de Risaralda e outros dois da extensão rural no mesmo local.

Conforme a entrevista com a funcionária encarregada da declaratória na *Federación Nacional de Cafeteros*, ficou muito claro que para a instituição não é preciso executar nada além do que estão fazendo todos esses anos, como são visitas técnicas às roças e fazendas com cultivos e produção cafeeira, capacitações aos camponeses e a renovação das árvores de café, que deve ser feita a cada 12 anos para aumentar a produtividade, e em relação à questão de como manter a declaração da Paisagem Cultural Cafeeira, a funcionária argumentou que, “não é preciso fazer nada específico pela instituição, já que é uma paisagem viva e permanente, portanto, em 2016, a UNESCO vai fazer a primeira revisão e consideramos que entregando o relatório será suficiente” (Yarella Sánchez, Comité Departamental de Cafeteros - Pereira, 09/04/2015).

A crítica feita à *Federación Nacional de Cafeteros* consiste em que, até o momento, esta instituição não contribuiu efetivamente para melhorar as condições dos cafeicultores, os preços da compra do café em pergaminho seco não são justos, os insumos para a lavoura são caros e os auxílios lutados na última greve cafeeira (2014), especialmente o PIC¹⁰ (*Protección al Ingreso Cafetero*), ficaram só para os grandes fazendeiros, porque sua distribuição foi fixada de acordo com a quantidade de hectares dos associados. A funcionária entrevistada Yarella Sánchez (2015) confessou que a partir da declaratória o camponês não tinha ganhado nada. Por outro lado, não é fácil sobreviver no campo só com

¹⁰ Este instrumento aplicado pela *Federación Nacional de Cafeteros* tem o objetivo de proteger os ingressos do cafeicultor quando o preço interno do grão apresentar uma queda, no qual asseguram um preço mínimo para o produtor.

lavouras de café, assim se pode constatar que a diminuição de hectares de café no departamento e na área que faz parte da declaratória é considerável e ao mesmo tempo o incremento no desemprego. Por isso, observe-se que no departamento de Risaralda a diminuição da área semeada de café passou de 58.550 hectares no ano de 2003 a 52.270 hectares para o ano de 2013. E, no que respeita ao desemprego no mesmo departamento, a variação foi aproximadamente de dois pontos porcentuais, assim passando de 16,4% no ano de 2002 a 14,8% em 2012 (CONPES 3803, 2014).

Segundo os dados da *FNC*, especificamente do *Comité Departamental de Cafeteros*, para o departamento de Risaralda no ano 2008 e nos 11 municípios que fazem parte da declaratória a área cultivada abrange 55.128 hectares, e para março deste ano 48.680,42 hectares, isto representa uma redução de 11,69% do território cafeeiro por diferentes motivos, mas o principal tem relação com a crise agrária do país e a falta de garantias para a agremiação.

Na Tabela 2 mostra-se, por município do Departamento de Risaralda, o número de estabelecimentos cafeeiros: roças, sítios ou fazendas, a quantidade de cafeicultores só com a identidade cafeeira, que se chama *Cédula* ou *Tarjeta Cafetera*¹¹ expedida pela *FNC*, e a área do cultivo de café. Esclareça-se que os municípios de Guática, La Virginia, Mistrató e Pueblo Rico não participam da declaratória, posto que não cumprem com algum dos requisitos dos atributos da declaração. Os dados expostos mostram que os municípios com maior número de sítios e cafeicultores são Apía, Belém de Umbría, Guática e Quinchía; e as maiores áreas de café estão concentradas em Apía, Belén de Umbría, Santa Rosa de Cabal e Santuario, principalmente, municípios onde predomina a prática agrícola, com uma dinâmica mais rural e um desenvolvimento local.

¹¹ Esse documento serve como identificação e reconhecimento de ser membro da *FNC*, e também pode ser usado para ter acesso financeiro como fazer transações, saques e compras, receber o pagamento da venda do café, etc. Agora é um cartão inteligente com chip e banda magnética.

TABELA 2 – A CAFEICULTURA EM RISARALDA - 2015

MUNICIPIO	ESTABELECIMENTO CAFEIRO No.	CAFEICULTORES No.	ÁREA CAFÉ (ha)
APIA	2.232	1.758	5.082,06
BALBOA	937	808	2.719,60
BELEN DE UMBRIA	3.259	2.542	7.920,03
DOSQUEBRADAS	727	649	1.285,21
GUATICA	2.503	2.010	2.782,69
LA CELIA	1.510	1.288	3.664,03
LA VIRGINIA	30	28	65,86
MARSELLA	1.407	1.153	4.894,13
MISTRATÓ	1.632	1.235	1.737,25
PEREIRA	1.755	1.552	4.964,52
PUEBLO RICO	356	343	431,71
QUINCHIA	5.638	3.514	3.757,93
SANTA ROSA DE CABAL	1.470	1.273	5.316,17
SANTUARIO	1.358	1.048	6.294,05
TOTAL	24.814	19.201	50.915,24

Fonte: Comité Departamental de Cafeteros, 2015

Organização: Durán, 2015

A denominação *finca* (Fotografias 1 e 2), utilizada na Colômbia para se referir a um estabelecimento ou propriedade privada rural, geralmente está relacionada às atividades agrícolas e produção de gado. Este estabelecimento é localizado em extensões determinadas de terra e algumas têm títulos de propriedade, e outras estruturas complementares como silos e moinhos; as *fincas* também podem ser lugares de luxo da classe alta no campo, como segundas residências sem qualquer tipo de produção¹².

¹¹ Definición ABC. Disponível em: <http://www.definicionabc.com/general/finca.php>. Acessado em: 29 de outubro de 2015

FOTOGRAFIA 1 – *FINCA* PRODUTIVA EM BELÁLCAZAR, CALDAS, COLÔMBIA



Fonte: Arquivo pessoal, 2015

FOTOGRAFIA 2 – *FINCA* DE LUXO NO LAGO CALIMA, VALLE DEL CAUCA, COLÔMBIA



Fonte: http://www.elturismoencolombia.com/photos/alquiler_fincas_lujo-calima.jpg;
acessado em: 05 de novembro de 2015

Os municípios do departamento têm uma cultura cafeeira muito significativa, que começou com a “*Colonización Antioqueña*”¹³. A colonização antioqueña teve três momentos: um de tipo espontâneo com avances de colonos pobres (principalmente arrieros) entre 1785 e 1810; o seguinte entre 1820 e 1860 de mais senso gremial num movimento que conseguiu incorporar capital econômico ao processo, colocando ao território como um dos de maior dinâmica populacional. (Duque et al. 1963 apud Montes; Hoyos; López, 2015, tradução nossa). Atualmente a maioria das terras cultivadas são de café e outros produtos como milho e banana da terra que protegem o café, são para o próprio consumo e não justamente viver dessa produção.

No mundo são cultivados dos tipos de variedades de café (Figura 15): *Arábigos* (espécie *C. Arabica*) e *Robustas* (espécie *C. Canephora*). Na Colômbia, são cultivadas as variedades de café arábigo com o objetivo de manter a qualidade do café, pois esta variedade se caracteriza por produzir uma bebida suave, com menor conteúdo de cafeína e melhor aroma, desta forma é mais valorizada no mercado e conta com maior aceitação¹⁴.

FIGURA 15 – CAFÉ ARABICA E ROBUSTA



Fonte: <http://kopikopian.com/jenis-jenis-kopi/>;
acessado em: 24 de setembro de 2014

¹⁴ Kopikopian. Disponível: <http://kopikopian.com/jenis-jenis-kopi/>. Acesso: 24 de setembro de 2015

Na tabela 3, com dados fornecidos pela *Federación Nacional de Cafeteros*, mostra-se as variedades de café cultivadas por município no departamento, e as mais populares são *Caturro*, *Castillo* e *Colombia* (a quantidade de árvores plantadas no departamento são: 12.169,36; 19.955,55; 18.414,95 respectivamente), já que o cultivo destas variedades são incentivadas tanto econômica quanto tecnicamente pela instituição pública (*Federación Nacional de Cafeteros*), e foi confirmado ao falar com os camponeses associados e independentes.

TABELA 3 – VARIEDADES DE CAFÉ MAIS REPRESENTATIVAS EM RISARALDA, 2015

QUANTIDADE DE ÁRVORES PLANTADAS						
MUNICÍPIO	CATURRA	TÍPICA	CASTILLO	COLOMBIA	TABI	TOTAL
APIA	930,79	53,96	2.316,97	1.779,54	0,80	5.082,06
BALBOA	145,81	6,64	1.144,29	1.422,86	0,00	2.719,60
BELEN DE UMBRIA	1.743,06	39,55	2.959,48	3.173,21	4,73	7.920,03
DOSQUEBRADAS	401,46	29,09	714,27	139,95	0,44	1.285,21
GUATICA	972,77	37,24	1.350,04	422,64	0,00	2.782,69
LA CELIA	785,72	14,30	1.435,82	1.428,19	0,00	3.664,03
LA VIRGINIA	6,96	0,00	26,23	32,67	0,00	65,86
MARSELLA	607,29	17,92	1.926,90	2.341,69	0,33	4.894,13
MISTRATÓ	873,14	23,74	672,47	167,90	0,00	1.737,25
PEREIRA	969,32	11,99	1.913,16	2.069,56	0,49	4.964,52
PUEBLO RICO	54,85	0,00	366,21	10,65	0,00	431,71
QUINCHIA	930,20	22,58	1.438,41	1.366,74	0,00	3.757,93
SANTA ROSA DE CABAL	2.153,36	86,67	1.799,04	1.274,34	2,76	5.316,17
SANTUARIO	1.594,63	22,15	1.892,26	2.785,01	0,00	6.294,05
TOTAL	12.169,36	365,83	19.955,55	18.414,95	9,55	50.915,24

Fonte: Comité Departamental de Cafeteros, 2015

Para compreender mais um pouco sobre as variedades de café cultivadas no departamento de Risaralda (Figuras 16, 17, 18, 19, 20 e 21), serão nomeadas suas características gerais acompanhadas de fotografias que ajudarão a identifica-las nas paisagens da região e permitirão entender as suas diferenças.

FIGURA 16 – ÁRVORE DE CATURRA



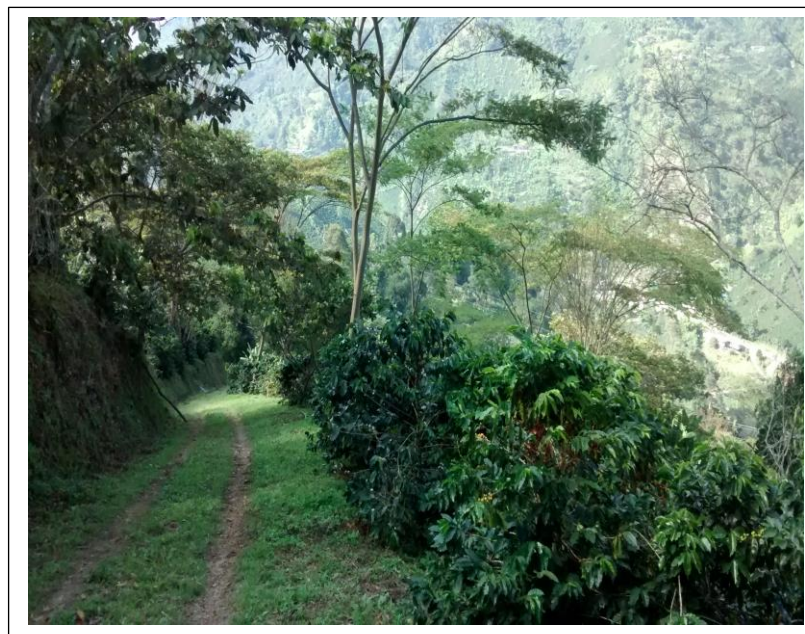
Árboles de Caturra

É uma variedade de porte baixo, pode ser cultivada até 10.000 plantas num mesmo hectare. Suas folhas são arredondadas, está adaptada a toda a área cafeeira e contrai facilmente à ferrugem. (La Cartilla Cafetera, FNC, 1998)

Fonte: La Cartilla Cafetera, FNC, 1998

CATURRA

FOTOGRAFIA 3 – PLANTAÇÃO DE CAFÉ CATURRA EM APÍA



Fonte: Arquivo pessoal, 2015

FIGURA 17 – ÁRVORE DE TÍPICACogollo
Bronceado

Árboles de Típica a la sombra

É uma variedade de porte alto, suas folhas são alongadas e as novas são de cor avermelhado, pode ser cultivada até 2.500 árvores por hectare, também é fácil de contrair ferrugem. (La Cartilla Cafetera, FNC, 1998)

Fonte: La Cartilla Cafetera, FNC, 1998

TÍPICA

FOTOGRAFIA 4 – ÁRVORES DE CAFÉ TIPICA NUMA FAZENDA (RISARALDA)

Fonte: www.eje21.com.co; acessada em: 26 de junho de 2016

CASTILLO

FOTOGRAFIA 5 – ÁRVORES VELHOS DE CAFÉ CASTILLO EM PEREIRA



Fonte: Arquivo pessoal, 2015

FIGURA 18 – ÁRVORE DE CASTILLO



É resultado do melhoramento genético para a criação de uma variedade resistente à ferrugem, e maior tamanho do grão bem como a planta e as folhas, porém conserva os atributos agronômicos das variedades tradicionais colombianas com relação à produtividade e qualidade (Avances Técnicos Cenicafé, 2005).

Fonte: [http://www.cafedecolombia.com/cci-fnc-](http://www.cafedecolombia.com/cci-fnc-es/index.php/comments/no_hay_diferencia_significativa_de_calidad_entre_variedades_castillo_y_catu/)

[es/index.php/comments/no hay diferencia significativa de calidad entre variedades castillo y catu/](http://www.cafedecolombia.com/cci-fnc-es/index.php/comments/no_hay_diferencia_significativa_de_calidad_entre_variedades_castillo_y_catu/); acessada em: 30 de julho de 2016

COLOMBIA

FOTOGRAFIA 6 – VEREDA ALGECIDAS, HUILA



Fonte: <http://www.cafesantana.com.co/galeria-uma-santana.html>;
 acessada em: 20 de julho de 2016

FIGURA 19 – ÁRVORE DE VARIEDAD COLOMBIA



Essa planta é muito parecida com a Caturra no tamanho, na forma e produção mas é muito mais resistente à ferrugem. O tamanho do grão e a qualidade da bebida é muito parecida com as outras variedades do café arábigo (La Cartilla Cafetera, FNC, 1998).

Fonte: La Cartilla Cafetera, FNC, 1998

FIGURA 20 – ÁRVORE DE TABI

É uma variedade do cruzamento do Híbrido do Timor, e entre as variedades Típica e Borbón. Caracteriza-se por ser um grão resistente à ferrugem, de boa qualidade, especialmente para a obtenção de *Cafés Especiales* e pode ser cultivada até 30.000 plantas por hectare. (La Cartilla Cafetera, FNC, 1998).

Fonte: La Cartilla Cafetera, FNC, 1998

TABI

FOTOGRAFIA 7 – HACIENDA ‘LA MILAGROSA’ (SANTA MARTA, SIERRA NEVADA)

Fonte: <https://portalvallenato.net/2015/07/06/el-uma-organico-se-toma-la-sierra/#more-84182>; acessada em: 26 de julho de 2016

BORBÓN

FIGURA 21 – ÁRVORE DE BORBÓN



Suas folhas são arredondadas, pode pegar ferrugem facilmente e são cultivadas até 2.500 plantas por hectare. Em comparação com a variedade Típica, a Borbón apresenta maior número de galhos e a árvore produz 30% a mais (La Cartilla Cafetera, FNC, 1998).

Fonte: La Cartilla Cafetera, FNC, 1998

FOTOGRAFIA 8 – FAZENDA HORIZONTES NO MUNICÍPIO DE MARSELLA (RISARALDA)



Fonte: http://cafehaciendahorizontes.com/?page_id=15317;
acessada em: 27 de julho de 2016

As variedades Caturra, Castillo e Colombia têm sido muito utilizadas no meio da cafeicultura, com o objetivo de melhorar e aumentar a produção, no momento no qual a Colômbia começou a ter um espaço representativo no mercado mundial e, por isso precisavam de incrementar o número de sacas exportadas. A variedade Caturra (Figura 17) foi inserida no país em 1952, e muito difundida pelas altas produções e pequeno tamanho da árvore, além da vantagem sobre a plantação, que pode ser entre menores distâncias, e assim alcançar maior produtividade. A variedade Castillo (Figura 18), e que foi proporcionada pela FNC em 2005, consiste é num grão melhorado geneticamente a partir da experimentação de dois tipos de café, Caturra e Híbrido de Timor, e pode-se adaptar a qualquer ambiente cafeeiro, suas características tem relação com resistência à ferrugem, não requer de fungicidas para o manejo químico da ferrugem, portanto, facilitando a produção limpa do café, melhor qualidade do sabor, diminuição do defeito do grão e maior tamanho. No entanto, a variedade Colombia (Figura 19) foi desenvolvida em 1983, também é proveniente da modificação genética da mistura entre Caturra e Híbrido Timor, a diferença é na quantidade de componentes, sendo muito resistente à ferrugem e mais produtiva. Os desenvolvimentos científicos e tecnológicos foram feitos pelo *Centro Nacional de Investigaciones de Café – Cenicafé* – criado em 1928 pela FNC, com a finalidade de desenvolver grãos de ótima qualidade, adicionalmente para a prevenção de enfermidades na planta ou no grão que possam pôr em risco a produção cafeeira nacional (CENICAFE, 2005).

Em Risaralda as lavouras são predominantemente cafeeiras e a paisagem não só foi modificada por meio da dinâmica deste cultivo nas áreas rurais, senão que se integrou às mudanças das cidades, um exemplo disto é a rodovia Variante Condina (Fotografia 9, 10 e 11) que atravessa a cidade de Pereira numa pista dupla de oriente a ocidente, e sua paisagem montanhosa está composta por fazendas, sítios e terrenos com cafezais e outras culturas, que acompanham a cafeicultura como banana da terra e milho, além de árvores como o bambu.

FOTOGRAFIA 9, 10 E 11 - LAVOURAS DE CAFÉ CASTILLA À MARGEM DA RECENTE RODOVIA VARIANTE CONDINA QUE FAZ PARTE A AUTOPISTA DEL CAFÉ E CONECTA AS PRINCIPAIS CIDADES DO *EJE CAFETERO*, PERERIA-COLÔMBIA



Fonte: Arquivo pessoal, 2015

Uma parte fundamental deste setor institucional–produtivo são os camponeses, por isso foi importantíssimo falar com eles a partir das entrevistas e a aplicação dos questionários para conhecer a sua perspectiva sobre o contexto cafeeiro. De acordo com nossos entrevistados, inicialmente, os sítios foram arrumados por um parente, podendo ser o avô, pai ou irmão, representando um contexto familiar; usualmente a compra da terra era a partir de créditos governamentais e foram feitas por volta de 40 a 50 anos atrás; os sítios dos cafeicultores escolhidos têm uma extensão entre 3 e 20 hectares com cultivos de milho e banana-da-terra que acompanham a predominância da cultura do café. E, a variedade mais cultivada pelos produtores entrevistados é Castillo, eles reconhecem a *Federación Nacional de Cafeteros* como uma entidade que só faz o necessário, ou seja, visitar os sítios e capacitar; a praga mais difícil de controlar é a broca do café que precisa de inseticidas muito fortes; a renovação dos lotes ocorre a cada 4 anos. Na safra trabalham homens e mulheres, embora, em 2015, tenha faltado pessoal para este serviço. Achrom importante a declaração da paisagem cafeeira e admitem que representa uma oportunidade, mesmo assim consideram que, se a situação cafeeira atual não muda, vai se perder a declaratória, e questionam constantemente a Paisagem Cultural Cafeeira dizendo: *é para quem?*

Nas organizações cafeeiras escolhidas se podem constatar diversas opiniões positivas e contrárias à *Federación Nacional de Cafeteros*, a declaratória, a economia e política do país. Porém, seus processos, experiências e conquistas são muito diferentes, alcançando resultados de alto impacto, fundamentalmente, pela produção de café especial e outras iniciativas. O café especial mostra-se como uma alternativa e oportunidade frente à crise, e permite a implementação de estratégias para baixar os custos de produção e ao mesmo tempo melhorar a qualidade do grão como fator inovador. Assim sendo, é um mercado novo que conta, aproximadamente, com quinze anos no país e são produzidos em grande medida por pequenos cafeicultores, que contam com sítios menores de cinco hectares e uma mão de obra significativamente familiar.

Por conseguinte, é preciso esclarecer a classificação dos cafés especiais de acordo com a institucionalidade cafeeira no nível nacional, *Federación Nacional de Cafeteros de Colombia*:

Cafés de origem, que são cafés que provem de uma região ou fazenda, com qualidades únicas (cafés regionais, cafés exóticos e cafés de fazenda); Cafés sustentáveis que são cafés cultivados por comunidades que têm um verdadeiro compromisso com a proteção do ambiente (cafés de conservação, cafés que promovem relações sociais e cafés orgânicos); e Cafés de preparação, que são cafés com uma apresentação especial por seu tamanho e forma (PNUD, 2014, p. 11, tradução nossa).

A importância de recuperar a posição no mercado internacional de um setor tão tradicional como a cafeicultura faz com que seja uma prioridade para algumas regiões do país como o *Eje Cafetero*. Por este motivo, nos processos de planejamento e nas políticas do departamento de Risaralda os cafés especiais fazem parte como uma alternativa ante a pobreza no campo e estratégia para movimentar a economia do setor. Devido ao fato de que o café aporta 8% do emprego nacional e 37% do emprego agrícola e, segundo os dados de Rincón (2011), a cafeicultura no departamento gera 0,9 empregos por cada hectare, 52.000 no total, representando assim 44.000 empregos (PNUD, 2014, p. 7). Note-se que, no ano de 2014, o café representou 1,6% do Produto Interno Bruto e em comparação com vinte anos atrás esta cultura configurava a terceira parte da agricultura nacional. Destarte, o departamento, no ano de 2012, contava com 6.569 cafeicultores de cafés especiais em 21.689 hectares e uma produção de 2.840.000 quilos comercializados com os selos de certificação *UTZ Certified, Rainforest Alliance, Comercio justo FLO, 4C e Café de origen exótico La Cristalina* (PNUD, 2014, p. 13).

4.2.1 Fundação AQUÍ SOMOS PAZ

Em vista do anterior, a primeira organização estudada, é um caso de empreendimento muito admirável na região, a fundação **AQUÍ SOMOS PAZ** nasceu em Belén de Umbría no ano 2010 e, atualmente, comercializa a marca de café **GRANOS DE PAZ**, já formou a cooperativa **“COOPROPАЗ”** e conta com 37 camponeses associados. Para nosso entrevistado, recuperar-se da crise cafeeira é necessário produzir café de qualidade (café especial) e, para isto, a estratégia está ao longo do processo de produção, por esta razão não misturam os lotes de café de sítios diferentes, em cada embalagem se pode encontrar o

cultivo de um sítio com suas características identificadas, ou seja, conhecem a sua procedência e o dono do sítio. Para ter esses dados atuais, pagam a um laboratório noutros municípios (Apía ou Pereira) que fazem a avaliação sensorial avançada e chega a mais de 84 pontos, sendo um café de alta qualidade.

A fundação começou trabalhando pelas crianças, dando para eles presentes de natal, para esse projeto se juntaram entidades como a polícia nacional, os bombeiros e a prefeitura municipal e, com este projeto, se fez o censo mais completo antes feito entre os meninos de 5 e 12 anos no município. A fundação tem conseguido reunir pessoas importantes da esfera pública como presidentes, altos funcionários da Polícia, *PROCOLOMBIA*¹⁵ e a *Federación Nacional de Cafeteros*; a fundação procura juntar mais camponeses do município quanto de outros do departamento, principalmente, através de capacitações ou oficinas. Aliás, vendem um projeto internacional para a construção de vidas e para fazer mudanças nas condições dos cafeicultores e, sobretudo, que eles possam vender o café dignamente a um preço justo.

Têm participado em vários concursos de empreendimento e mostras de café com resultados muito relevantes, ficando nos primeiros lugares, e as variedades principais em serem cultivadas são Caturro e Castillo. O presidente da fundação propôs-se vender os produtos dos camponeses com outro preço, um melhor preço, e associou 14 marcas diferentes de café que já existiam, praticamente era uma por cada sítio, embora as vendas tenham sido muito baixas e instáveis. Desde a formação da cooperativa se vende o café sob uma marca, mas os cafeicultores podem também vender sua própria marca; a cooperativa foi criada com ajuda de uma ONG da região, a **COOPROPAZ**, que trabalha muito no *marketing* com os meios de comunicação e personagens políticos que falam sobre o processo de paz no país. Outro ponto para salientar é sua dedicação no turismo, a partir do aproveitamento da declaração da Paisagem Cultural Cafeeira e a beleza paisagística do município, tendo em vista que, a pesar de o município não ter condições nem infraestrutura turística, ele apresenta o recurso mais importante, a natureza. O Representante Legal da

¹⁵ É a entidade encarregada de promover o turismo, o investimento estrangeiro no país e as exportações não mineiro-energéticas.

dita fundação, Victor Echeverry, empreendedor certificado pelo selo canadense *Kauffman*, explicou a seguinte situação vivenciada antes de a cooperativa ser criada:

Antes o consumo local era baixo, os produtores não sabiam como era o sabor do seu próprio café, consumiam café de uma qualidade ruim e que na maioria dos casos não é produção nacional, para mudar isso foi necessário ensinar para eles sobre a degustação do seu próprio café. (VÍCTOR ECHEVERRY, Belén de Umbría, 2015, tradução nossa).

Na atualidade, a fundação conta com ajudas econômicas de pessoas que investem nos processos de produção e levam o café a outros países, as vendas têm sido nos Estados Unidos, na Itália, na Inglaterra, na Espanha, na Índia e na França; também conseguiram vender o produto junto com o Juan Valdez, marca oficial da *Federación Nacional de Cafeteros*, com um preço alto de 10 dólares a libra, ademais vendem o conceito da paz com a imagem de um pombo, e não só com o café, mas também com outros produtos publicitários como canecas, broches, etc. A relação com a *Federación Nacional de Cafeteros* é boa, pois reconhecem o labor da fundação e junto com *PROCOLOMBIA* foi concedido, em 2014, o selo de *Café da Colômbia* por dois anos, com a finalidade de exportar com mais garantias, a instituição nacional é ciente que o café deles é de boa qualidade e que não podem comprar ao preço justo, e agora com o apoio da instituição cafeeira receberam um curso para a certificação. De acordo com o Representante Legal da fundação, “o ano passado se desenvolveu uns dos projetos mais importantes que foi a criação de **AQUÍ SOMOS PAZ PRODUCTOS Y SERVICIOS** para a comercialização e venda de outros produtos do campo e da região. A ideia é comercializar produtos agropecuários transformados pelo mundo, centrando-se no seu posicionamento no nível mundial” (VÍCTOR ECHEVERRY, Belén de Umbría, 2016, tradução nossa). Da mesma forma, o Sr. Victor pensa que a fundação deve se manter só e que a empresa **AQUÍ SOMOS PAZ PRODUCTOS Y SERVICIOS** gere os ingressos, para isso está organizando uma loja de produtos agropecuários numa cidade muito turística do *Eje Cafetero*, chamada Salento.

Têm-se ganho concursos com prêmios dados através de capacitações e certificações, da venda da libra de café se tira 500 pesos colombianos para a cooperativa e outros 500

pesos para a fundação, a ideia é que possa se sustentar e não seja necessário pedir dinheiro diretamente aos cafeicultores do seu próprio bolso. Um propósito determinante é incluir aos filhos dos produtores mostrando para eles outras formas de vender o café, além da capacitação no tema, trabalham conjuntamente com empresas internacionais por meio dos programas da fundação. A cooperativa vende aproximadamente 20 a 30 libras, por intermédio das pessoas que viajam ao estrangeiro, no momento eles se comprometeram com uma empresa a vender 10 libras por ano. Aliás, o Sr. Victor salientou,

outra questão fundamental e objetivo de mudança, trata sobre o mau pagamento na colheita de café, este trabalho se paga por dia e um dos melhores valores é de \$ 30.000 pesos, mas esse valor não é considerado como bom, é muito esforço por tão pouco dinheiro, por isso esta atividade está muito próxima à escravidão pelas longas horas de trabalho somadas a um mau pagamento (VÍCTOR ECHEVERRY, Belén de Umbría, 2015, tradução nossa).

A fundação **AQUI SOMOS PAZ** trabalha em parceria com a empresa **Flor de Apía**, de capital estrangeiro e proprietária de um laboratório, que também faz a torrefação e conta com uma degustadora internacional que pode garantir a qualidade do café. A cooperativa **COOPROPAZ** leva o grão de café para fazer todo esse processo, e também este é empacotado lá. Em 2015, a *Federación Nacional de Cafeteros* solicitou uma mostra da cooperativa e mandaram um quilo de cada sítio, assim a instituição cafeeira juntou todo o café, foi misturado e a nota foi superior a 80 pontos, ficando em segundo lugar entre todos os cafés da região. O trabalho da fundação está sendo muito divulgado a partir de documentários, entrevistas em jornais e rádio, programas de televisão num canal regional chamado *Tele Café* acerca de seu processo e os atrativos do município.

Nesta última entrevista a fundação, junto à cooperativa, mostrou novos desafios e projetos, entre os quais se destaca a procura por entrar no mercado de café em cápsulas para que este seja vendido na Inglaterra, e para realizá-lo está trabalhando com a empresa exportadora e torrefadora de capital estrangeiro (Portugal e Colômbia) **Tropik**, a qual é nova e neste ano instalou as processadoras. Em relação a este novo negócio, o Sr. Victor Echeverry asseverou que “é muito lucrativo porque de uma libra se podem fazer 80

capsulas e o valor de cada capsula é de \$ 1.000 pesos colombianos¹⁶” (VÍCTOR ECHEVERRY, Belén de Umbría, 2016, tradução nossa). Além disso, adiantou que vão exportar libras de café para a Alemanha e o empacotado será num material biodegradável, a folha da banana-da-terra; esta nova apresentação saiu do conhecimento tradicional dos sócios da cooperativa.

Na Colômbia, não existe uma empresa que comercialize os produtos agrícolas da região, nem um projeto que tente trabalhar com os produtos agrários da região no nível internacional e nem ao menos uma marca que abrange produtos de qualidade. Assim, o Sr. Victor Echeverry, junto à cooperativa e à fundação, propõe que: “a solução da pobreza no campo é a comercialização dos produtos transformados, assim, é possível dar-lhe qualidade de vida ao camponês” (VÍCTOR ECHEVERRY, Belén de Umbría, 2016, tradução nossa). E, na procura de uma ação que permita cumprir esse objetivo, Victor Echeverry considera que o valor agregado da fundação se encontra na tecnologia, acrescentando a paz e a agricultura, pois sua ideia é que sejam comercializados produtos limpos e não necessariamente orgânicos e, sobretudo, não querem que seja café só, estão abertos a qualquer tipo de produto transformado que pode ser por meio de conhecimentos ancestrais e tradições.

Outro ponto para salientar na entrevista feita ao representante da fundação, é uma reflexão que fez sobre os erros na comercialização local do café transformado por meio das libras nos supermercados, baseando-se na experiência de outra associação do município:

A Cuchilla de San Juan tem 100 produtores, mas o erro é pensar que se tem café por todos os mercados tem comercialização, porém se vende é paga se não tem que trocá-la e a anterior se perde. As vendas não são certas, o êxito para que um cafeicultor tenha qualidade de vida é que receba o dinheiro das venda quase imediatamente. O êxito é alcançar uma comercialização imediata e legal. Têm que conseguir compradores nacionais ou internacionais que garantem compras maiores (VÍCTOR ECHEVERRY, Belén de Umbría, 2016, tradução nossa).

¹⁶ Para o dia 10 de agosto de 2016 a taxa de câmbio do peso colombiano para real era de \$ 0,0011, e para o caso do pagamento da capsula em reales seria 1,066.

Para concluir a análise desta organização, é importante entender o que foi dito pelo representante da fundação e cooperativa:

O projeto inicial, consistia em levar as libras de café pelo mundo e mostrar que se podiam comercializá-las. Passou por 12 países e atingiu aceitação. A fundação com as vendas de café estava era treinando. Víctor começou a falar com os clientes se era factível vender café transformado, primeiro vende a ideia social e logo um produto de qualidade, esta dinâmica foi por 12 meses (VÍCTOR ECHEVERRY, Belén de Umbría, 2016, tradução nossa).

Após de ter recebido a aceitação da proposta social e o produto de qualidade no mercado internacional, a cooperativa e fundação estão se preparando para comercializar de um jeito mais formal, porém o principal comprador que é um empresário do Canadá fez um pedido de 20 toneladas e, atualmente, a cooperativa com todos seus associados produzem quase 5 toneladas, então estão esperando para ajustar a logística e o convênio com outros cafeicultores para que participem da cooperativa. A vantagem desta possível negociação se centra em que se pode garantir o melhoramento da qualidade de vida dos cafeicultores por 3 ou 5 anos, pois já teriam a produção comprada. O sistema ou modelo de pagamento na cooperativa se sustenta da seguinte forma:

Na cooperativa estão pagando o café a \$ 106.000 pesos. Estão vendendo a libra a 9 ou 10 dólares, preço que é difícil. Como funciona o mercado comum?: uma arroba de café tem 25 libras de café, as outras associações pagam a libra de pergaminho a \$ 4.000 pesos, mas quando se manda a torrar essa quantidade se perde e ficam 16 libras aproximadamente, então ganhariam \$ 64.000, porém fazer essa arroba de café custa \$ 65.000, pelo que se perde e mais ou menos se mantém e se é possível o vendem nos mercados a \$ 7.500 pesos, mas a libra só é paga quando é vendida e devem pagar o aluguel pela gôndola, e isso gera mais gastos. Esse modelo não é viável. E não se pode esperar que os produtos da cooperativa sejam comercializados pelos maiores empresários e não o fazem. O modelo da cooperativa é que com cada libra que se vende se tiram \$ 500 pesos para as funções da fundação. (VÍCTOR ECHEVERRY, Belén de Umbría, 2016, tradução nossa).

Dessa forma,

A cooperativa paga aos produtores \$ 9.500 pesos pela libra de café, no qual pelas 16 libras que ficam da torra lhes pagam \$ 152.000 pesos, é três vezes

mais do que uma associação normal pode pagar. O mais alto que tem pagado o governo foi \$ 90.000 pesos, embora só uma vez em 2014 esteve a \$ 100.000. Se cada libra se vende a \$ 15.000 com este modelo, é tirado \$ 500 pesos para a embalagem e depois \$ 500 pesos para a fundação que vai para o aporte social. Este aporte social ante o regulamento colombiano faz que tenham uma diminuição de 10% em impostos. Assim, \$ 9.500 pesos são para camponês e resta um valor de \$ 4.500 por cada libra vendida para a empresa comercializadora *Somos Paz Productos y Servicios*. Aliás, é impossível que os camponeses comercializem, um pelo medo e dois não estão prontos, o cafeicultor não gosta de comercializar (VÍCTOR ECHEVERRY, Belén de Umbría, 2016).

O suporte da fundação **AQUÍ SOMOS PAZ** y a cooperativa **COOPROPАЗ** são os cafeicultores, pois seu interesse principal é a construção de uma base social. No momento, não estão vendendo café porque trabalham na logística de uma loja de café na cidade de Salento (Quindío), a qual se caracteriza por atrair turistas nacionais e internacionais, também vão seguir exportando café e já tem negociações com o Canadá, os Estados Unidos e a Inglaterra, formando redes nacionais e internacionais, alargando seus territórios. Não obstante, o balanço do ano passado é favorável segundo a versão do criador e representante legal:

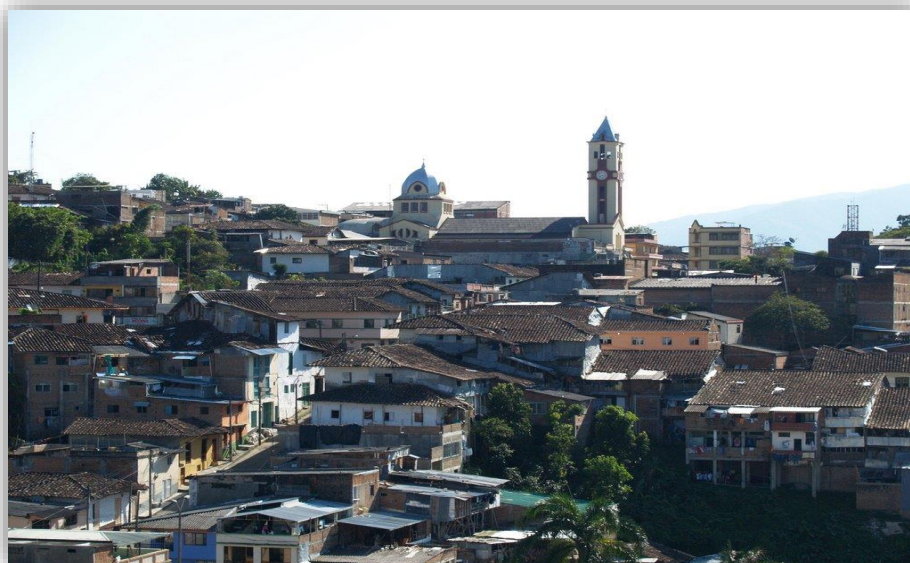
O ano passado vendemos 1.500 libras, em dois meses mandamos 50 libras para o Canadá, estes países querem negociar quantidades grandes. Eu sinto que começamos de fora para dentro. A ideia não é só negociar e comercializar café se não o chocolate para mesa, o mel e todos os produtos que tenham os camponeses do município. Os cafeicultores ainda não acreditam que podem comercializar seu café pelo mundo, cada semana vivem uma situação difícil com as vendas do café porque quando é vendido à cooperativa da *Federación Nacional de Cafeteros*, os preços sobem e baixam, uma semana estão em \$ 80.000 pesos a arroba e na outra a \$ 69.000 pesos (VÍCTOR ECHEVERRY, Belén de Umbría, 2016).

A estratégia de *marketing* da fundação está em levar as libras de café pelo mundo, além de pessoas estrangeiras comprem o café e tiram uma foto com a libra nos lugares emblemáticos de cada país. Mesmo assim, tentam adicionar os elementos novos com ações referentes à inovação com tecnologia, e para isso estão desenvolvendo um aplicativo no qual se podem comprar os produtos e também um site especial de compras que estaria sob a responsabilidade da comercializadora **AQUÍ SOMOS PAZ PRODUCTOS Y SERVICIOS**. E,

como último componente desta estratégia e que ao mesmo tempo faz parte da essência do processo, é a continuação do trabalho social, procurando alianças comerciais com empresas nacionais e internacionais para fazer maiores doações, atividade que há oito anos tem sido feita.

Nas fotografias 12, 13, e 14, é possível visualizar as diferenças entre o campo e a cidade, neste caso o povoado de Belén de Umbría, e como muda a paisagem de cada escala sem importar que estejam próximos. Na cidade, ao longo do tempo, tem se construído os povoados cafeeiros sobre uma montanha ou encosta, primeiro, se edificou a igreja e a praça central para continuar com as casas mais bonitas das pessoas com mais dinheiro, que geralmente, tem sido donos das lojas, importantes fazendeiros e banqueiros que foram se estabelecer no redor da praça. Enquanto, no campo e, especialmente, nas roças ou sítios de produção cafeeira as casas eram muito simples e pequenas de acordo às necessidades de cada família, desta forma deixavam uma quantidade significativa de hectares para os produtos agrícolas, tanto para a venda quanto autoconsumo.

FOTOGRAFIA 12 - VISTA DO CENTRO DE BELÉN DE UMBRÍA, EVIDENCIANDO-SE CASAS ANTIGAS MUITO CARACTERÍSTICAS DA ARQUITETURA DO *EJE CAFETERO*



Fonte: Milton Rendón Villa, 2007. <http://www.panoramio.com/photo/3949700>; acessada em: 08 de agosto de 2016

FOTOGRAFIA 13 – VISÃO PANORÂMICA DO VALLE DE UMBRÍA, BELÉN DE UMBRÍA, COLÔMBIA



Fonte: Milton Rendón Villa, 2007. <http://www.panoramio.com/photo/3949703>; acessada em: 08 de agosto de 2016

FOTOGRAFIA 14 – PAISAGEM RURAL COM CULTIVOS DE CAFÉ E BANANA-DA-TERRA NO VALLE DE UMBRÍA, BELÉN DE UMBRIA, RISARALDA, COLÔMBIA



Fonte: Milton Rendón Villa, 2007. <http://www.panoramio.com/photo/4168372>; acessada em: 08 de agosto de 2016

Entrevistar alguns dos associados da cooperativa foi muito importante porque permitiu conhecer um pouco mais sobre a sua experiência de vida na cafeicultura, no campo, na cidade e o que percebem da criação da cooperativa e seu futuro. O primeiro sócio a destacar é o Sr. Mario Muñoz, ele nasceu no município de Belén de Umbría, foi criado no campo e, naquele tempo, viu que o café deixava ganhos consideráveis, pois ele e seus irmãos se deslocaram para a capital (Bogotá) com o objetivo de estudar uma graduação. Formou-se em Contadoria Pública e trabalhou em várias empresas, fez parte do Comité Departamental de Cafeeiros e nesse período de trabalho formal aos poucos foi voltando ao campo até ficar encarregado da roça familiar. Esta roça, localizada a 1.300 metros acima do nível médio do mar, é considerada baixa para o padrão no cultivo de café que são os 1.500 metros acima do nível do mar, por isso a parceria de cultivos funciona bem nessa parte do município, a roça conta com 15 hectares cultivados atualmente com banana-da-terra e café, mas antes tudo era café e existia maior mão de obra, situação que dificulta a colheita do cultivo, pois os jovens da região não querem trabalhar no campo e preferem ir para as cidades grandes como Pereira e Dosquebradas com objetivo de estudar e procurar emprego, além de que os maiores colhedores de café no centro-oeste do país se encontram nos departamentos de Huila, Tolima, Cauca e Nariño, e agora nesses departamentos as colheitas são mais representativas, o que está mostrando a configuração de um novo *Eje Cafetero*.

O Sr. Mario Muñoz, considerando seus anos de experiência como cafeicultor, comenta que é um setor produtivo muito difícil, embora por muitos anos tenha gerado lucros para a economia do país e permitiu o melhoramento das condições dos camponeses. Porém, a instabilidade no preço por parte da *Federación Nacional de Cafeteros*, e o condicionamento desta instituição para que os cafeicultores vendam só matéria-prima têm feito perder sua credibilidade, dessa forma e como alternativa faz uma década que os cafeicultores têm apresentado interesse no tema dos mercados de café especial e a transformação dos grãos de café. A cooperativa está tentando romper com esse modelo, pois procura clientes no exterior e vende as libras de café a um melhor preço, assim demonstrando aos poucos que trabalhar no campo também é rentável. Ele ajudou a fundar a cooperativa **COOPROPAZ** e está contente pelas conquistas, mas acha que a cooperativa não evoluciona o suficiente porque ainda falta conformar a estrutura empresarial com uma

melhor logística e instalações para receber os clientes e, sobretudo, um plano financeiro que norteie as ações e projetos da organização.

Com relação ao relevo geracional o Sr. Mario Muñoz mostra sua preocupação por não ter parentes diretos trabalhando na roça, embora a sua filha mais velha tenha feito uma graduação no tema agropecuário e tem interesse de ficar encarregada da roça, pois o Sr. Muñoz aos 70 anos se mostra cansado e com pouca força para continuar enfrentando esta luta. Ainda, sua identidade pelo município e a sua profissão no campo fazem que seja muito difícil para ele trocar de atividade, pois disse que “nós não levamos o café no sangue se não nos genes” e que a paisagem cafeeira é “a representação de nós como raça, pois nasci nesta paisagem e representa um selo de identidade.” (MARIO MUÑOZ, Belén de Umbría, 2016, tradução nossa).

Assim, tanto o Sr. Muñoz quanto outro filho de um cafeicultor também sócio da cooperativa acham que o município de Belén de Umbría tem mudado muito, passando pela abundância nos cultivos de café, presença de guerrilhas, narcotráfico até a crise cafeeira:

O município de Belén de Umbría perdeu sua identidade como povoado cafeeiro, começou a evolucionar com uma economia própria. Com a economia do café, começou a ficar o dinheiro com o povo porque a gente o produz e o merece, e gastou-se esse dinheiro em outras coisas, desenvolveu-se transporte e comércio, bancos, e também logo chegou a grana do narcotráfico, além do café e gado, que foi para melhorar as casas na praça do povoado e estragaram as construções tradicionais (MARIO MUÑOZ, Belén de Umbría, 2016, tradução nossa).

4.2.2 Cooperativa ASOAPIA

A segunda organização escolhida é **ASOAPIA – Asociación de Productores de Apía** no município de Apía (Fotografias 15, 16, 17 e 18), que é uma das mais fortes e sólidas do departamento que recebe visitas permanentes de organizações cafeeiras de diferentes cidades do país e de fora, como o Peru, o Equador, a Bolívia, entre outros. Nas palavras do Presidente da Associação, explicita-se brevemente o contexto da organização:

Formou-se oficialmente no ano de 2005, mas no ano de 1998 foi constituída a organização ***Orgánica Tatamá*** que é a encarregada da comercialização do café. A associação conta aproximadamente com 1.800 hectares, os associados têm entre 3,3 até 10 hectares, são 450 associados, 430 são pequenos e só 20 medianos, eles produzem 88 arrobas por hectare, a média nacional é de 80 arrobas. Na associação cultivam Castillo Rosario e Castillo, a qual é muito rentável, pois a primeira colheita é aos três anos, estão impulsando voltar ao Caturro e à variedade Supremo, esses especialmente por obter uma melhor avaliação de qualidade do grão (FRANCISCO HERRERA, Apía, 2015, tradução nossa).

FOTOGRAFIA 15 - PAISAGEM NA ENTRADA DO MUNICÍPIO DE APÍA, RISARALDA



Fonte: Arquivo pessoal, 2015

FOTOGRAFIA 16, 17 E 18 - SÍTIO ASSOCIADO À COOPERATIVA ASOAPIA COM CULTIVOS DE CAFÉ CASTILLO



Fonte: Arquivo pessoal, 2015

Segundo a entrevista com Francisco Herrera (Apía, 2015), em 2005, fizeram a primeira exportação, o que representou uma sorte para eles porque estavam pensando em fechar e acabar com a organização. Isso ocorreu quando receberam um pedido de café orgânico, no qual o cliente deu o dinheiro que eles precisavam, era um cliente de Barcelona, dono da empresa *Atlantic Coffee*. Na atualidade exportam entre 25.000 e 30.000 quilos semanalmente (quando fazem o negócio imediatamente o cliente envia 80% do dinheiro), para a companhia *Green Mountain Coffee* enviam 7 containers, para a *Oil Can Café* na Inglaterra são 8, para a Coreia do Sul mandam também 8 no ano. Para o primeiro cliente exportam 2 containers, sendo 75.000 quilos e um container de orgânico; todos os cultivos têm o selo *FLO*, dos 1.500.000 quilos que eles recebem, 200.000 quilos são orgânicos e 1.300.000 quilos são *FLO*. Pelo orgânico pagam muito a mais, porém não é suficiente, pois não atingem os valores necessários do mercado, por isso o presidente disse que está pensando em sair do selo orgânico para entrar em outro selo de avaliação sensorial avançada, a vantagem desta mudança é que o café da associação tem uma média boa de 84 pontos, mas para isso a nota deve atingir 87 pontos. Com o selo atual o pagamento é de \$ 20.000 pesos a arroba, embora, se entrarem no outro, o preço poderá subir a \$ 40.000 pesos. A avaliação sensorial é a que mais paga não um selo ou certificado, e está se projetando para ter uma central de insumos de produtos orgânicos.

Desde o ano de 2005, até o momento 300 associados têm incrementado 30 a 40% de sua produção, na associação o pagamento da arroba é de \$80.000 pesos colombianos¹⁷, outras cooperativas, principalmente as que pertencem à *Federación Nacional de Cafeteros*, pagam \$60.000 pesos colombianos, ademais a associação conta com o selo *FLO*¹⁸ e também o de qualidade. Desta forma, percebe-se que “a associação (Fotografias 19 e 20) tem conseguido muito mais com pouco tempo e dinheiro do que as prefeituras e a instituição cafeeira com seus programas, pois ela já tem feito empréstimos com fundações estrangeiras para fazer exportações” (FRANCISCO HERRERA, Apía/Colômbia, 2015, tradução nossa).

¹⁷ Para o dia 30 de junho de 2015 a taxa de câmbio do dólar na Colômbia era de \$ 2.605,11 pesos, e para o caso do pagamento da arroba em dólares seria 30,40.

¹⁸ O selo da entidade Fair Trade Labelling Organizations Internacional (FLO) desempenha uma oportunidade de negócios para produtores de países na América Latina, o chamado Comércio Justo - que envolve produtos feitos de forma sustentável e ecologicamente correta por comunidades sem recursos financeiros.

FOTOGRAFIA 19 E 20 – SEDE DA COOPERATIVA ASOAPÍÁ, LOCAL DE VENDA E COMPRA DOS SACOS DE CAFÉ EM GRÃO VERDE



Fonte: Arquivo pessoal, 2015

A certificação FLO não os obriga a trabalhar com produtos orgânicos, mas é correto ter um bom manejo de águas, polpa, resíduos, entre outros. A organização tem zero emissão, e recentemente a certificadora está solicitando para eles que “todos os sítios devem ter fossas sépticas, mas para fazer esse investimento em infraestrutura é preciso

uma boa quantidade de dinheiro e na associação também é necessário primeiro priorizar as necessidades do produtor” (FRANCISCO HERRERA, Apía, 2015). Um aspecto para salientar é que a produção dos associados tem subido, graças às melhoras do processo, por exemplo, um cafeicultor que faz 5 anos produzia 100 arrobas por ano, agora produz 400 arrobas no mesmo ano. Tem-se melhorado a qualidade de vida de muitas pessoas, sendo aproximadamente 320 famílias. Para este ano tinham o objetivo de entregar a 66 cafeicultores tanque de lavagem, e também trabalhar com a *Federación Nacional de Cafeteros*, num projeto para fazer obras de infraestrutura em aproximadamente 100 sítios dos associados.

Conforme o Francisco Herrera (Apía, 2015): pelo pagamento da arroba os produtores recebem um valor agregado chamado “*Prima*”, virando-se num fundo rotativo que atualmente contém \$ 1.100.000.000 de pesos, e se reparte da seguinte forma: 64% fertilizantes, 10% poupança que serve para comprar o que precisarem em lojas agrícolas, 15% administração para pagar os funcionários como secretaria, técnicos, contador, papelaria, 6,5% fundo de solidariedade que consiste em uma ajuda para os pequenos cafeicultores. A rastreabilidade do café (Fotografias 21, 22 e 23) se maneja primeiro marcando com um código, e se faz o controle com esse código, para a exportação se mandam separados os lotes, não obstante quando o café é torrado e colocado na embalagem são misturados. O procedimento da rastreabilidade é exigido pelo mercado internacional e para a cooperativa implica um custo adicional.

FOTOGRAFIA 21 – ARROBAS¹⁹ DE CAFÉ COMPRADAS NA COOPERATIVA ASOAPÍÁ A SEUS ASSOCIADOS



Fonte: Arquivo pessoal, 2015

FOTOGRAFIA 22 E 23 – INSTRUMENTOS DO LABORATÓRIO DE DEGUSTAÇÃO DA COOPERATIVA ASOAPIA, TORRADORA E TRITURADORA



Fonte: Arquivo pessoal, 2015

¹⁹ 12,5 quilos de pergaminho.

No mês de março do ano de 2015 foi tempo de colheita, embora a cooperativa não tenha tido a força de trabalho suficiente²⁰ e o café de algumas parcelas se estragou; com os grandes cafeeiros têm existido diferenças, eles pensam que o café tem que ser comprado pela cooperativa pelo preço que eles querem, e nas palavras de Francisco Herrera (Apía, 2015): “o grande está condenado a mudar de cultivo pelas mudanças climáticas, já que o café está florescendo mais vezes neste ano, a colheita é pouca e, se não se faz, o grão de café pode avinagrar, afetando sua qualidade e a associação não vão comprar”.

Na última greve cafeeira, que foi em 2014, a associação organizou 4 municípios próximos para trabalhar juntos na resistência, e os ganhos do pequeno cafeicultor foram muito poucos, como a negociação de dívidas vencidas com o *Banco Agrario*, só os grandes ganharam aumento do PIC e o valor dos insumos ficou muito alto, e a cada ano mais caros. Sem embargo, nas eleições do ano de 2014 da *Federación Nacional de Cafeteros*, a associação ganhou participação política no *Comité Municipal de Cafeteros* por meio do presidente da associação que agora é o presidente também do *Comité*, e alguns dos associados ganharam as eleições departamentais, esses espaços políticos vão permitir mobilizar propostas e projetos para os cafeicultores, além de dar apoio a candidatos para a prefeitura e outros níveis políticos.

A opinião que eles têm sobre a declaratória é que não estão chegando os benefícios ao cafeicultor e o setor turístico está ficando com o dinheiro, adicionalmente esse assunto é muito questionado já que muitas pessoas que não são do setor cafeeiro estão ganhando dinheiro com a Paisagem Cultural Cafeeira, e segundo a Presidenta da ***Agropecuaria Orgánica Tatamá SAS***: “é preciso fazer uma engrenagem com todos os setores cafeeiros porque se está fazendo um mau manejo, dando selos da Paisagem Cultural Cafeeira para particulares, mas quem está se beneficiando disso? Será que está chegando esse benefício ao produtor?” (NORMA HENAO, Apía, 2015, tradução nossa). Por conseguinte, a associação ***ASOAPIA*** acredita que a Paisagem Cultural Cafeeira vai ficar em fotos pelas políticas atuais e já não há para mostrar.

²⁰ Na Colômbia, a colheita dos grãos de café tanto das fazendas quanto dos sítios é manual, por isso é difícil encontrar pessoal suficiente para este trabalho complicado e mal pago.

A estratégia de *marketing* da cooperativa consiste na publicidade da qualidade do café por meio da visita aos clientes, assim o presidente da cooperativa é atualmente a imagem da empresa britânica de bebidas **CAFEOLGY**, a qual tem convenio com **ASOAPIA** há 6 anos. Aliás, a cooperativa participa de programas na rádio e televisão regional.

A **Agropecuaria Orgánica Tatamá** é a empresa de apoio da organização **ASOAPIA**, pois é a encarregada do fomento, recebimento, comercialização e exportação dos cafés especiais de **ASOAPIA**, os quais têm o selo de preço justo **FLO** e **Café Orgânico**. As duas organizações expostas acima apresentam uma particularidade que tem ajudado o seu sucesso e se encontra na sua estrutura, por exemplo, a **ASOAPIA** conta com outra organização que tem atividade comercializadora, enquanto a **COOPROPZ** conta com três componentes independentes: fundação, cooperativa e a comercializadora. As duas organizações fazem constantes capacitações com os cafeicultores na procura de atingir as condições necessárias para a exportação, porém o presidente de **ASOAPIA** expressa que desde que entraram no mercado internacional suportam com dificuldade os câmbios do dólar e o valor do café na bolsa de Nova York.

4.2.3 Empresa **CAFÉ MONTE JAZMÍN**

A terceira entrevista foi feita para a empresa familiar **CAFÉ MONTE JAZMÍN** (Fotografias 24-27), eles são donos de um sítio que fica perto da cidade de Pereira, aproximadamente 20 minutos, mas num povoado rural; o sítio foi comprado há 20 anos pelo avô cansado de viver na cidade e desde o começo cultivaram café e, por ora, as variedades cultivadas e as proporções são Castillo Naranjal e Variedad Colombia (40%), Caturro e Supremo (30%), Típica junto com um pouco de Borbón (30%), e neste ano fizeram ressemeia dos cultivos da Variedad Colombia e Castillo Naranjal, os quais são cultivados em 8 hectares e a quantidade aproximada da produção é de 10.000 quilos por ano. Os cultivos são misturados com banana-da-terra, seu método de cultivo é fazer mudas de café e esperar dois meses para colocar na terra em sulcos horizontais a uma distância de 1,5 cm entre as árvores.

A colheita do café é manual, o número de trabalhadores depende se é momento de colheita e esta pode ser feita entre 3 e 7 pessoas, o cultivo do sítio é ecológico, já que não é colocado veneno, então é feita compostagem, mas se aduba com substratos comprados no Comité de Cafeteros; eles plantam o café sombreado e preferivelmente com a árvore chamada *guamo*, pois a folha é muito rica em nitrogênio, isso faz com que não seja necessário tanto adubo, mas nos lotes que não têm sombra deve ser colocada uma boa quantidade de adubo. Conjuntamente oferecem o serviço turístico no sítio, onde o turista pode ter a experiência da cultura cafeeira desde os cultivos até a degustação, e em poucos anos esperam fazer um melhor turismo com todo o ciclo do café.

FOTOGRAFIA 24, 25, 26 E 27 – LAVOURAS DE BANANA E CAFÉ NO POVOADO DE PITAL DE COMBIA EM PEREIRA, E O GERENTE DA EMPRESA FAMILIAR RECOLHENDO CAFÉ





Fonte: Arquivo pessoal, 2015

Comercializam o café principalmente em Pereira, e contam com um pequeno mercado em Bogotá e Medellín, estão planejando sua primeira exportação e o café vai ser levado já transformado e pronto para o consumo na Alemanha, onde já têm dois clientes particulares, porém estão tramitando a licença de exportação sob uma nova política da *Federación Nacional de Cafeteros*, que permite aos pequenos cafeicultores exportar pequenas quantidades, aproximadamente 25 libras em cada entrega, assim a empresa familiar **MONTE JAZMÍN** tem começado este processo sem muito sucesso, pois já pagaram o valor da licença (\$ 3.000.000 de pesos colombianos) e não têm obtido resposta do passo seguinte do processo. Por enquanto, a família acha complicado cumprir todas as condições para poder exportar tudo sozinha, porque a parte da transformação deve ser feita com empresas que trabalham ou tenham as certificações da *Federación*, e desta maneira geralmente sai mais caro.

A empresa é integrante da Cooperativa de Pereira da *Federación Nacional de Cafeteros* e 3 associações, mas nelas não encontram o apoio para exportar, só se for pergaminho seco, por isso querem fazer a transição para o processo de transformação sozinhos (Fotografias 28-45). No sítio não fazem pergaminho seco, a menos que comercializem o café torrado e com embalagem própria. A ideia de transformar o café surgiu quando iam vender o pergaminho na cooperativa e comentavam que o café era muito bom, pagando um sobrepreço por ele, e um dia solicitaram a eles uma prova do laboratório e o resultado foi um café de qualidade, com certos atributos e uma pontuação de 84, e também recomendaram entrar no concurso de cafés especiais, com isso ficaram no terceiro lugar; foi então que, nesse momento, levaram em conta que tinham uma boa matéria-prima, não sabiam qual era o sabor do seu próprio café e que estavam consumindo outro de péssima qualidade. Então, a família começou a estudar o tema e fazer projetos, o filho fez um curso de barista com uma organização da Europa, também fez um curso de trituração e extração de café nos Estados Unidos. (SANTIAGO TORO, Pereira, 2015).

FOTOGRAFIA 28 E 29 – COLHEITA MANUAL DO CAFÉ NO SÍTIO EL JAZMÍN NO MUNICÍPIO DE PEREIRA



Fonte: Arquivo pessoal, 2015

FOTOGRAFIA 30 – FERRUGEM NUM GRÃO DE CAFÉ



Fonte: Arquivo pessoal, 2015

FOTOGRAFIA 31 – COMPOSTEIRA



Fonte: Arquivo pessoal, 2015

FOTOGRAFIA 32 – MÁQUINA DESPOLPADEIRA TRADICIONAL DE CAFÉ



Fonte: Arquivo pessoal, 2015

FOTOGRAFIA 33, 34 E 35 – BENEFICIADORA, CONVERTE A CEREJA EM PERGAMINHO SECO E O SILO COM CAFÉ NATURAL (OUTRO TIPO DE CAFÉ)



Fonte: Arquivo pessoal, 2015

FOTOGRAFIA 36 E 37 – ESTRUTURAS PARA SECAR O CAFÉ EM ESTUFA



Fonte: Arquivo pessoal, 2015

FOTOGRAFIA 38, 39 E 40 – PROCESSO DE DEBULHA E TORREFAÇÃO DA MOSTRA DOS GRÃOS DE CAFÉ DA EMPRESA FAMILIAR MONTE JAZMÍN NO SÍTIO



Fonte: Arquivo pessoal, 2015

FOTOGRAFIA 41 e 42 – TRITURAÇÃO DOS GRÃOS DE CAFÉ PARA UMA DEGUSTAÇÃO



Fonte: Arquivo pessoal, 2015

Fotografia 43, 44 e 45 – PREPARO DO CAFÉ E PRONTO PARA DEGUSTAR

Observação: Os equipamentos para fazer o preparo do café especial são importados do Japão



Fonte: Arquivo pessoal, 2015

Santiago Toro e sua família participaram da greve cafeeira do ano 2014, eles identificam que o problema da cafeicultura no país está na forma de produção e venda do café, simplesmente produzem matéria-prima para exportá-la, e não geram valor adicional, não desenvolvem pesquisa, então contam com um café muito rico, porém, em pequena quantidade, e é difícil concorrer com outros países que têm café mais barato e com maior quantidade de cafeína. “O problema básico é que só produzimos matéria-prima que está no nível primário da cafeicultura, dependendo das políticas e do valor do café na bolsa de Nova Iorque” (GERMÁN TORO, Pereira, Colômbia, 2015).

Atualmente, não vendem mais o café para o *Comité de Cafeteros*, mas o *Comité* tem apoiado certos processos no sítio e dado benefícios por meio de programas nacionais, e existem questões com as quais não estão completamente de acordo, como as perspectivas políticas do café e possibilidades de negócio. Por exemplo, “fomentar o cultivo e produção em massa de variedades de menor qualidade, as quais produzem maior quantidade de café para conseguir maior peso, porém são resistentes à ferrugem” (Santiago Toro, Pereira, 2015), e também a instituição fomenta a plantação a pleno sol e isso faz com que se precise de mais adubos. O manejo de pragas no sítio é manual, não deixando grãos mais maduros cair no chão, para que a ferrugem não se incube. No sítio contam com outros cultivos como banana-da-terra e frutas como banana, tangerina, manga, laranja e graviola, mas só comercializam o café e a banana-da-terra e as demais culturas são para consumo próprio. O café pronto para o consumo é distribuído em *coffee shop* da cidade de Pereira e aos clientes fixos como amigos ou conhecidos que gostam do produto e fazem publicidade recomendando a empresa e o café, essa é a estratégia de *marketing* feita de voz a voz. A intenção é que através dela, além de procurar contratos com empresas grandes, vai ser possível também assegurar a produção do sítio por um tempo, como tem sido com a *Universidad Tecnológica de Pereira* e agora o hotel *Soratama*, principal hotel da cidade.

O sítio fica perto da reserva *El Alto del Nudo*, é uma área protegida sem intervenções e, com isso, conforme as palavras de Santiago Toro (Pereira, 2015):

As mudanças do clima apresentam benefícios para a produção porque o sol e a chuva na mesma estação estimulam a flor e excitam a planta, fazendo

com que a flor seja maior, com frequentes florescências, e as condições físicas do local do sítio fazem com que o café seja de uma origem singular pelo jeito de cultivar sombreado e sem químicos, mas não tem denominação ou certificado por parte de algum organismo internacional.

Outro ponto que salienta Santiago Toro é sobre a declaratória porque é uma oportunidade que permite conscientizarmos sobre o que temos, uma cultura única que deve ser cuidada e protegida, e que as instituições assumam seu papel para cuidar da declaração e incentivá-la. Com isso, várias instituições se têm comprometido muito com a PCC como a *Universidad Tecnológica de Pereira*, e com algumas governações, prefeituras que fazem parte do acordo de competitividade para *La Cadena Productiva de Cafés Especiales del Paisaje Cultural Cafetero*. Aliás, consideram possível conservar a declaratória, porém tem que se pensar mais além da produção do pergaminho seco, que os cafeicultores possam conhecer o sabor do seu próprio café e também conhecer sobre o tema, que estejam preparados para aproveitar o turismo que está crescendo de forma exponencial na região, parece que tem possibilidades de fazer coisas muito boas e interessantes, tem elementos mais focados no turismo, embora exista outros sobre como melhorar a produtividade da PCC, é claro que quase todas as coisas vão em contramão das políticas da institucionalidade cafeeira, já que a visão deles está muito tendenciosa a ser um país produtor de matéria-prima, e só uns poucos conseguem fechar o negócio da exportação de cafés especiais. Essa institucionalidade apresenta uma dualidade e basicamente ser uma empresa privada com funções estatais, então sempre vai ser primeiro os interesses privados sobre os comuns.

A opinião que tem Santiago Toro, gerente da empresa familiar, sobre a paisagem cafeeira, especialmente, pela sua biodiversidade e as montanhas: “tem riqueza demais que não se sabe aproveitar, e que tem que procurar alguma maneira de aproveitá-la no máximo, estamos num lugar tan rico e com tantos problemas” (SANTIAGO TORO, Pereira, 2016, tradução nossa).

4.2.4 ASOCAFÉ MANANTIAL

A quarta instituição em ser entrevistada é uma organização que tem trabalhado e sido apoiada pela institucionalidade cafeeira **ASOCAFÉ MANANTIAL** no município de Dosquebradas, produz, comercializa Café Especial tipo origem e cultivam variedades nacionais como Castillo, Caturro e Borbón, esta última é cultivada porque tem sítios que não querem mudar a variedade, mas fazem um bom manejo da broca-do-café e da ferrugem. A organização começa porque o *Comité Departamental de Risaralda* tinha como projeto promover a associatividade nos municípios e, em 2009, iniciou o processo a partir de outras experiências em outros municípios do departamento, em 2010 foi oficialmente criada com 50 cafeicultores, e atualmente são 235 aproximadamente.

A relação com a *Federación Nacional de Cafeteros* por meio do *Comité Departamental e Municipal* é boa, porque apoia-se a intenção da instituição de produzir café especial e transformá-lo, e a instituição não tem virado um bloqueio, a associação está nas reuniões do *Comité Departamental* e cada vez vai crescendo o espaço de participação nesses espaços oficiais. A associação não tem nenhum selo ou certificado, mas os associados têm por outros lados como a certificação *UTZ* e *FLO*, pois participam ao mesmo tempo de outros processos com outras instituições. Contudo, o que pode oferecer a associação é o sobrepreço para os lotes com melhor qualidade de café (pode ser de 82,5 a 83 pontos, alguns sítios têm apresentado pontuação de 85), que às vezes deve ser negociada porque pode alcançar valores muito altos; o café que é vendido processado, primeiro passa pelo laboratório onde são identificados os atributos e o nível de qualidade. “A exportação é feita na mala dos associados, que têm levado café para a Europa, os Estados Unidos, a Arábia Saudita, mas a produção é quase toda para o mercado local entre 90 e 95%, desde o começo a intenção deles não tem sido vender café processado” (HUGO CADAVID, Dosquebradas, 2015), porém, se os associados quiserem podem vender o café verde em outro lugar, como a *Cooperativa de Pereira* que pertence à *Federación Nacional de Cafeteros*.

Na opinião de Hugo Cadavid (Dosquebradas, 2015) a Paisagem Cultural Cafeeira são eles, pois tem essa cultura e tradição do campo; a diferença do município de Dosquebradas

com outros municípios é que no primeiro os sítios se localizam quase dentro da cidade, uma vez que todos os sítios estão a 10 ou 20 minutos da sede da associação e acham que têm uma cultura da cidade, embora a importância do produtor de café continue sendo a mesma. Com a declaratória não tem chegado nada a eles nem como associação ou cafeicultores, embora acreditem que ganharam outros espaços e que outras pessoas conheçam seu trabalho, e também ter mais oportunidades comerciais, ainda que o cafeicultor não esteja preparado para uma melhor atividade comercial; desse modo, o que na realidade chega para o cafeicultor é muito pouco, e o intermediário que faz o básico para vender ganha muito. Com as duas últimas greves, “os cafeeiros ganharam visibilidade, mostrando que existe um problema muito grande na instituição cafeeira, é uma organização que precisa de mudanças e que seja atualizada, e não se pode continuar vendendo só matéria-prima” (HUGO CADAVID, Dosquebradas, 2015).

O entrevistado, que também é Presidente da ***Asocafé Manantial***, manifestou ser difícil fazer uma análise atual da economia cafeeira, porque nestes últimos meses o preço do café está abaixo de \$70.000 pesos por arroba, e às vezes tem o limite de produtividade dependendo do ano da produção do cultivo, e nem sempre cobre os custos, pois enquanto nos dois primeiros anos de produtividade o cultivo por arroba pode custar \$100.000 pesos, no quarto ou quinto ano pode valer \$40.000 pesos produzir essa arroba, por isso a média é de \$60.000 ou \$70.000 pesos, não obstante, se não se chega à média está perdendo dinheiro e, sobretudo, se a parcela é pequena como das associações de 2 a 2,5 hectares. Aliás, cultivam banana-da-terra e mandioca, mas o ingresso principal está relacionado à venda de café que também gera maiores custos de produção, chegando a 63% do custo total produzido.

A organização trabalha diretamente com os cafeicultores associados para o melhoramento da administração do sítio e da infraestrutura de alguns dos associados, assim sendo, as estruturas do processamento inicial dos grãos de café, pois alguns dos associados não contam com a despoldadeira e devem vender o café úmido, o que baixa o valor de compra, além de não contar com o tratamento da água poluída do processamento do café, afetando os processos de certificação na associação como o *UTZ* e *FLO*. Aliás, a

associação se concentra na otimização dos cultivos, pois no começo os cafeicultores contavam com a capacidade tecnológica para produzir 50 arrobas de café pergaminho e após os melhoramentos tecnológicos a capacidade aumentaria a 219 arrobas de pergaminho (RAMÍREZ, 2013).

“O consumo interno é muito baixo porque os cafeicultores já estão acostumados a outros tipos de café e nem conhecem o seu” (Hugo Cadavid, Dosquebradas, 2015), mas alguns cafeicultores fazem todo o processo e tentam consumir a sua própria produção, e daí o problema é que geralmente não estão capacitados para transformá-lo, afetando o seu sabor e, sobretudo, a qualidade. Na cidade é desenvolvido um projeto comercial e de *marketing* no Shopping Center, com boa aceitação pelos cidadãos de Dosquebradas, que é a venda do café da associação numa barraca com preparos especiais por um barista no final de semana.

4.2.5 AGROSOLIDARIA LA CELIA

A quinta instituição estudada foi a **AGROSOLIDARIA**, no município de La Celia (Fotografias 46 e 47), é uma organização diversificada com produção, compra, venda e comercialização de produtos agrícolas. Começou no ano 2009 e foi constituída oficialmente no ano 2010, tendo-se como objetivo criar uma organização com novas propostas. Ela não produz muito, seu funcionamento é limitado pelos poucos recursos, mas dá-se apoio tanto financeiro quanto técnico. A associação tem tentado trabalhar com vários produtos agrícolas, embora no município só se produza café e banana-da-terra, sendo evidente a falta de outros produtos básicos alimentares, que eles devem trazer de outros municípios como Pereira.

Fotografia 46 E 47 – Panorâmica da cidade de La Celia, Risaralda



Fonte: Arquivo pessoal, 2015

Conforme a entrevista concedida pelo Presidente da Associação (William Torres, La Celia, 2015), a venda da banana-da-terra é uma cultura muito boa porque a rentabilidade é de 45% só como matéria-prima, enquanto o Café é um negócio muito difícil com uma

rentabilidade menor de 1%. Os 90% dos produtos agrícolas faltantes devem ser comprados fora do município e o acesso a eles não é fácil, porque a estrada é muito ruim e, por consequência não tem a produção suficiente para satisfazer as necessidades do cliente.

Eles mandam o café para uma exportadora na cidade de Cartago (departamento do Valle del Cauca) que envia até Bogotá (Capital), e daí é transportado para o cliente no Canadá. Afirmam que é um café sem valor agregado, ou seja, em pergaminho, o valor agregado é dado pelo cliente. Por ser um bom café e de qualidade ganham 5 centavos de dólar por cada libra vendida. Obtiveram certificado *FLO* há dois anos, mesmo assim ainda não conseguiram fazer a primeira exportação com o selo, e só negociam como café convencional com os produtores. Na associação cultivam Caturro, Castillo, Catimor, Arabigos (Fotografias 48-51), e também fazem misturas. O Presidente William Torres (La Celia, 2015) explicita que “é um mercado muito complicado, concorrido e cheio de exigências, qualquer um pode entrar para comprar café, porém, precisa ter dinheiro”. No caso deles o cliente fornece o dinheiro (100%) antes de fazer a entrega do produto. Outra questão favorável é que os associados confiam na organização, porque os produtores entregam o café e recebem quando a **Agrosolidaria** tem o dinheiro suficiente para fazer o pagamento.

Fotografia 48, 49, 50 E 51 – Lavouras de café e banana-da-terra com predominância de bosques do lado da rodovia Pereira-La Celia





Fonte: Arquivo pessoal, 2015

A associação faz outra função chamada de assistência técnica no campo, pois formaram um comitê de certificação e avaliação do selo *FLO* obtido. Além da assistência, fazem créditos aos associados a 1,5%. Na atualidade, estão executando um projeto com o programa nacional, “*Alianzas Productivas*”, é como um sistema de crédito e os associados devem fazer um uso correto de acordo com suas necessidades, caso contrário, devem devolver o dinheiro. Segundo o Presidente da Agrosolidaria, William Tores (La Celia, 2015), é a primeira organização no departamento que montou o fundo rotativo, como um serviço que faz créditos e é devolvido com juros. Os empréstimos são rápidos geralmente, num período de 24 horas são aprovados pelo conselho administrativo. A associação consegue pagar seus próprios gastos como os poucos funcionários e, igualmente, o pagamento do café é de um jeito mais justo pela sua qualidade.

Em suma, a associação apresenta, como todas, o problema de relevo geracional, e tenta fazer e mostrar que o negócio no sítio pode ser rentável, por isso são feitos projetos que possam envolver mães e filhos. São 140 associados e 14 em estudo, que devem passar por uma avaliação, pagar um valor de afiliação e uma quota anual. Desde a política gostam de gestar projetos, mas não pedir dinheiro à prefeitura ou políticos, pois são realmente conscientes de suas capacidades e vão de uma forma devagar com seus recursos. De acordo com o Presidente de *Agrosolidaria*,

“da instituição cafeeira eles não recebem ajudas e da Paisagem Cultural Cafeeira só têm visto o ônibus da prefeitura que às vezes faz propaganda, não obstante, constroem seus próprios programas, metodologias e planejam o orçamento de cada ano, o do ano 2015 foi de \$37.000.000 de pesos” (WILLIAM TORRES, La Celia, 2015, tradução nossa).

Em síntese, as dificuldades mostradas para este setor a partir das organizações e os cafeicultores que trabalham fora deste tipo de coletividades, sugere um problema que confirma a realidade exibida como consequência da crise cafeeira e da instituição nacional. Sendo assim, importante reconhecer os esforços feitos pelos pequenos cafeicultores que acreditam na cultura cafeeira como uma herança familiar e tentam sobreviver ante políticas que não garantem seu sustento. Por isso, a maioria dos camponeses entrevistados considera que a alternativa para atingir uma estabilidade econômica é produzir o grão,

transformá-lo e adicionalmente vende-lo seja para o cliente no estrangeiro ou no país, procurando fazer uma exportação direta, a qual poderia assegurar a permanência dos pequenos cafeicultores no mercado.

Todos os cafeicultores entrevistados tanto os que pertencem às organizações escolhidas na pesquisa quanto os que não, salientaram a importância de ter certificados ou selos que validem sua produção. Por isso, seus esforços se concentram, principalmente, em adequar a infraestrutura dos sítios e procurar clientes que possam pagar um valor a mais por um produto diferenciado. Embora, o obstáculo desta situação que identifica o Engenheiro César Pineda, coordenador de extensionismo rural do *Comité Departamental de Risaralda*, consiste em que aproximadamente há 10 anos no departamento começou um auge pela certificação *UTZ*, pois no mercado tinha pouca oferta e o preço era alto, por este motivo o *Comité* destinou parte das verbas do extensionismo para o oferecimento de capacitações, assessoramento e financiamento de alguns processos de certificação, mas depois de um tempo alguns dos camponeses perderam o interesse com este selo, porque a demanda ficou estável e não conseguiram vender a um melhor preço, e como consequência vários deles desistiram. E, nas palavras do funcionário César Pineda (Pereira, 2016) pode-se concluir que: um cafeicultor pode ser rentável, produzindo mais com custos de produção racionais, quer dizer, produzir o mesmo e vender o produto mais caro, embora a demanda por este tipo de café é limitada.

Desde uma perspectiva geral dos agentes que participam deste setor, salientam-se alguns aspectos que mais preocupam no contexto atual, o primeiro centra-se na necessidade de conseguir a atenção dos jovens sobre a importância do trabalho no campo e para isso é necessário que existam condições dignas, além de reconhecer que todo o processo que envolve a cafeicultura desde o semeado, colheita, produção e preparo do café pode gerar emprego e bem pago. O segundo aspecto, consiste numa das principais preocupações da institucionalidade cafeeira e está relacionada com a falta de mão-de-obra, por esse motivo estão pensando em que se devem mecanizar algumas atividades por meio da implantação de tecnologia que diminua a mão de obra. Outro aspecto em questão, pode se resumir no valor que é dado à paisagem por cada agente entrevistado, sendo assim identificado um sentimento muito forte de nostalgia que reivindica o papel da cafeicultura e

suas características (composição familiar, vestimenta, formas de cultivar, arquitetura dos povoados, festas e costumes) no processo cultural do país.

4.3 Setor: Turístico

O novo cenário de segurança interna e investimento estrangeiro abriu as portas à crescente indústria do turismo nacional, assim uma nova dinâmica da política nacional tem permitido fortalecer e consolidar a oferta turística por meio de recursos estratégicos. Este setor, de grande importância para o país, representou segundo dados do *Ministerio de Comercio, Industria y Turismo* (2013) para 2012, 11,9% do PIB, com um aumento de 4,2% em comércio e 4% em hotéis (MINCIT, 2013). Sem ser o setor econômico com maior Investimento Estrangeiro Direto – IED (o setor petróleo e mineração com 58,9% das verbas), no ano de 2013, uma das categorias que formam o setor turístico: o setor comercial captou 9,5% do IED (BANCO DE LA REPÚBLICA, 2013).

Como se apresentou na “*Caracterización del empleo en la industria del turismo, 2011*” elaborada pelo *Departamento Administrativo Nacional de Estadística* –DANE através da “*Gran Encuesta Integrada de Hogares GEIH*” e analisada no documento “*Diseño y Estructuración de Productos Turísticos del Paisaje Cultural Cafetero, 2013*” a população ocupada no turismo, no que se refere aos transportes, em 2010, foi de 38,6% em transporte; 31,1% em restaurantes; 22,4% em lazer; 6,2% em hospedagem e agências de viagens 1,6%, somando foram 1.459 mil pessoas que trabalharam neste setor, das quais 57,1% são independentes e 57,5% representam trabalhos informais.

Recapitulando, é evidente a importância que o setor turístico tem no âmbito nacional, porém isto não significa que o país, e muito menos o departamento, tenha uma estrutura sólida para assumir os desafios da PCC, principalmente quando o setor cafeeiro e a crise econômica mundial fazem com que o dependente e frágil sistema de remessas que sustentam em grande medida a economia das famílias de departamentos como Risalda, permaneça estagnado em termos de desenvolvimento socioeconômico. Um exemplo disso é a taxa de desemprego, que para o ano de 2012 foi de 14,8%, sem perder de vista que as categorias de comércio, restaurantes e hotéis representaram na Área Metropolitana de

Centro Occidente (conformada por Pereira, Dosquebradas, e La Virginia), no período abril-junho de 2013, 33,8% do mercado laboral (MINCIT, 2013), o que ratifica uma vez mais a necessidade de planejar a indústria de turismo na região.

Nesta mesma esteira, desde diferentes espaços tenta-se inserir a paisagem cultural cafeeira no modelo de planejamento territorial com o qual conta cada município, sendo, neste aspecto, os *Planes de Ordenamiento Territorial* –POT os documentos que orientam dita preocupação. Como se expõe no *Diseño y Estructuración de Productos Turísticos del Paisaje Cultural Cafetero* (2013), com o intuito de harmonizar os diferentes instrumentos de planejamento local e regional com a PCC, agentes como: o *Ministerio de Cultura*, a *Federación Nacional de Cafeteros*, o *Ministerio de Vivienda, Ciudad y Territorio* *Ministerio de Ambiente*, as *Corporaciones Autónomas Regionales*, as Governações (no nível departamental) de Caldas, Quindío, Risaralda e Valle del Cauca e os 47 municípios da área principal da declaratória geram, em 2012, a “*Guía para la Incorporación del Paisaje Cultural Cafetero en la Revisión y Ajuste de los Planes de Ordenamiento Territorial*”. Não obstante, dos 11 municípios que fazem parte da PCC, apenas 6 incorporam a Paisagem Cultural Cafeeira dentro de suas estratégias de desenvolvimento territorial.

Poderíamos dizer que o setor turístico apresenta avanços relevantes e tem preparado estratégias para promover a Paisagem Cultural Cafeeira no exterior, essa figura é mostrada como um produto turístico em relação ao agroturismo, desenvolvendo-se a partir de atrativos turísticos, como são os recursos próprios da região, por exemplo, avistamento de aves, feiras e festas tradicionais, patrimônio arquitetônico, percorridos em transportes habituais como o *yipao* (Jeep) ou cavalo e hospedagem em fazendas cafeeiras. Atualmente, está-se executando um projeto integrador nomeado “*Rutas del Paisaje Cultural Cafetero*” que soma a ideia anterior dos atrativos, porém um turismo de luxo, aventura e atividades esportivas. Além de ter capacidade de hospedagem; um movimento associativo em crescimento, principalmente com o desenvolvimento de cafés especiais; centros de pesquisa sobre o café; localização estratégica, bens e serviços ambientais, etc. Apesar disso, é uma realidade que Risaralda ainda não tem uma cultura de consumo de qualidade de café, muitas vezes sem conhecer o café que se produz, uma infraestrutura rodoviária insuficiente

e de baixa qualidade, e características física que muitas vezes dificulta sua acessibilidade, entre outros.

A dificuldade desse aspecto turístico da Paisagem Cultural Cafeeira nasce sob a pouca abrangência do contexto dos camponeses, num padrão normal, porque a maioria deles não tem como participar deste setor e que, ao mesmo tempo, não existe uma contribuição direta para o melhoramento das suas condições no campo. Além de ser manejado por empresas privadas e, em alguns casos, estrangeiras.

É pertinente e importante divulgar o patrimônio cultural e natural da região através do turismo; por outro lado, é um retrocesso torná-lo um produto paisagístico estático, pois não permite mostrar a interação dos habitantes, neste caso os cafeicultores com a paisagem, modificada principal e permanentemente por eles. Este cenário limita as potencialidades da declaração e leva a perder credibilidade dos atores no processo institucional.

Para concluir, será importante resumir os principais aspectos nomeados neste capítulo, os quais se focam nas principais características da paisagem estudada, os principais agentes identificados e as políticas públicas mais importantes para o setor. Deste modo, a paisagem cafeeira representa um conjunto de componentes naturais, sociais, econômicos e políticos que se relacionam e possibilitaram a configuração de um território e a construção de uma identidade. Assim sendo, necessário ressaltar que a paisagem da nossa pesquisa se estabeleceu nas montanhas perto dos rios e da biodiversidade da cordilheira dos Andes, mas teve como processo complementar a construção de povoados que desenvolveram uma arquitetura própria e proporcionaram pontos de encontro entre os cafeicultores, outros produtores e a população destes povoados e das cidades maiores. Dessa forma, o café foi transformando a paisagem da região de acordo às políticas nacionais ditadas pela *Federación Nacional de Cafeteros* que atendiam uma demanda meramente estrangeira, no qual se determinou a partir do modelo produtor-consumidor.

Conforme o período estudado (1991-2013), identificam-se mudanças que influenciaram a economia do país, e como consequência afetaram a estabilidade do pequeno cafeicultor. A cafeicultura no país tem tido vários auges históricos, que segundo a época beneficiaram aos fazendeiros e noutras favorecia também aos pequenos cafeicultores,

assim foi visto na década dos anos 70 (Fotografia 52), pois foi um momento no qual os camponeses acreditaram de novo na cafeicultura e obtiveram importantes ganhos, embora, isto foi possível pelo Acordo Internacional do Café, que a partir das suas condições estabeleceu os preços no mercado internacional e a compra da produção foi garantida para os países produtores.

Fotografia 52 – Colheta num povoado cafeeiro durante os anos setenta, época de prosperidade para os pequenos cafeicultores e ague da exportação nacional



Fonte: Santiago Toro, 2015,
<https://www.facebook.com/137751556345938/photos/a.180264915427935.37902.137751556345938/437876496333441/?type=3&theater>; acessado em: 05 de agosto de 2016

Contrariamente, nos anos 90 depois da finalização do referido acordo, a política agrária no país atribuiu a autoridade à *Federación Nacional de Cafeteros* para estabelecer o preço de compra do café pergaminho aos cafeicultores a partir das cooperativas da mesma instituição, no começo da década esta política funcionou devido aos auxílios que a instituição pagava a mais pela produção, a pesar de que estava se gerando uma crise no mercado internacional e o preço do grão na bolsa de Nova Iorque mostrou uma queda,

entrar o café na bolsa o determinou numa *commodity*, o qual aumentou o conflito de interesses e fixou a função dos cafeicultores como produtores de matéria-prima ante este mercado, comercializando principalmente café verde e café instantâneo a varejo ou atacado, pois o café como integrante do setor primário apresenta muito poucas inovações tecnológicas após ser entregue aos consumidores (DAVIRON; PONTE, 2005).

Em vista do anterior, e nos anos seguintes os cafeicultores, especialmente os pequenos, vivenciaram momentos de constantes crises, que vinham acompanhadas da variabilidade nas políticas da *Federación Nacional de Cafeteros*, que procurava só aumentar a produção de café, gerando um desgaste na terra e um déficit na produção de alimento de autoconsumo nas roças. Esta situação teve como consequência a mudança de produção por parte de alguns camponeses, que não resistiram os baixos preços da compra do café e não tinham outro cultivo que gerara ganhos, enquanto outros venderam seus sítios a fazendeiros da região, principalmente de gado ou a empresas privadas de mineração, e foram às cidades na procura de um trabalho estável e melhores condições, porém, as cidades principais começaram a experimentar um notado aumento e migração da população camponesa. Na década do ano 2000, foram-se abrindo novos mercados que procuravam diferenciar o café, ou seja, pagar por uma melhor qualidade do grão a um maior preço. Este nicho possibilitou que os pequenos cafeicultores valoraram suas tradições, conformaram organizações, estudaram ou formaram-se e venderam a produção (café pergaminho) a um cliente estrangeiro. Na atualidade, as organizações estão tentando ir além, e procuram vender também seu café pronto para consumo, pois conhecem que nesta parte da cadeia global se obtém maiores lucros.

CAPÍTULO 5. GESTÃO E PLANEJAMENTO DA PAISAGEM

O propósito deste capítulo se constitui no desenvolvimento do último objetivo específico da pesquisa, que procura contribuir na construção de uma gestão integrada da paisagem cafeeira levando em conta as políticas nacionais, porém, como exemplo de gestão de outras paisagens se mostram os resultados obtidos no estágio na Itália na Università degli Studi di Torino, o qual permitiu analisar dois tipos de paisagens declaradas como culturais pela UNESCO, a primeira foi declarada no ano de 2014 e aparentemente não tem evidenciado problemas estruturais ou conflitos, enquanto a segunda tem sido declarada há 20 anos (1997), embora não está passando pelo melhor momento e apresenta determinados conflitos sociais e naturais, somada a uma desarticulação entre a população e os encarregados da gestão dessa paisagem.

Dessarte, as contribuições e recomendações para a paisagem cafeeira no departamento de Risaralda devem guardar o contexto estudado, quer dizer, tentar de compensar as necessidades dos pequenos cafeicultores, salientar as potencialidades agrícolas no departamento, refletir sobre o verdadeiro auxílio que presta a institucionalidade cafeeira e o governo. Além de, analisar os impactos do setor privado nacional e internacional, tanto no turismo quanto na transformação do grão. Não obstante, é imprescindível olhar a experiência de outros lugares e identificar as falhas e, sobretudo, os êxitos que possam nortear as escolhas ou tentar modificar o preestabelecido pelos agentes públicos e privados.

5.1 Experiência de desenvolvimento local e patrimonial na Itália: Cinque Terre e Alba-Barolo

Salienta-se que a Itália é o país que possui a maior quantidade de lugares reconhecidos como Patrimônio Mundial da Humanidade, declarados pela UNESCO, que atualmente são 51, sendo religiosos, arqueológicos, cidades artísticas, de interesses históricos e naturais. A denominação de Lugar Patrimônio da Humanidade, de acordo com a Convenção sobre o Patrimônio da Humanidade, refere-se a áreas, zonas ou lugares com

uma particular importância, seja cultural, artística, arqueológica ou paisagística (UNESCO, 2015). Para complementar, o pesquisador Pettenati (2014) explicita que

A criação por parte da UNESCO da **categoria de patrimônio definida como “paisagem cultural”**, marca um ponto de viragem na abordagem desses na organização dos confrontos do patrimônio cultural e natural. As definições da paisagem e as estratégias da identificação, tutela e valorização de este último promovido desde a UNESCO entram em relação, às vezes conflitais, com as tendências mais difusas em termos de cultura e política da paisagem, particularmente refere-se às indicações da Convenção Europeia e as estratégias propostas da IUCN às áreas protegidas de conotação paisagística. Este complicado quadro de referências culturais e políticas, a especificidade da paisagem como patrimônio e a estreita relação entre paisagem e território, torna os sítios da UNESCO pertencentes à categoria da “paisagem cultural” um terreno particularmente estimulante para interpretar aquela que se define aqui como a territorialização da Lista Patrimônio da Humanidade (PETTENATI, 2014, p. 12, tradução nossa; grifo no original).

Existem diversas experiências no mundo, principalmente na Itália, onde tentam integrar as exigências da declaração por parte da UNESCO e as condições necessárias para melhorar a qualidade de vida da população envolvida, porém, nem sempre os resultados são os mais positivos, como ocorre em Portovenere e Cinque Terre na costa da Ligúria, declarada Patrimônio Mundial desde 1997. Esta é considerada de grande valor paisagístico e cultural, fundamentalmente porque pequenas cidades foram crescendo em torno da paisagem circundante, superando as desvantagens de um terreno íngreme e irregular. Esta experiência é destacada, pois têm sido feitas diferentes atuações em aspectos como serviços (água, luz, transporte), solo, cultura, comunicação, etc., para atingir um ordenamento sustentável e integrado do território, significando isto, a execução de modelos de boas práticas e a participação pública e da administração.

Esta paisagem também é reconhecida por ter recebido o prêmio de Paisagem do Conselho da Europa, este prêmio é concedido desde 2009 para os projetos que, durante três anos ou mais, tenham demonstrado a aplicação dos princípios contidos no Convênio Europeu da Paisagem, o qual foi assinado na Florença no ano 2000. E, da mesma forma, acontece na Costiera Amalfitana na região de Campania, declarada, igualmente, no ano de 1997 e habitada desde a Idade Média. Por isso algumas cidades como Amalfi e Ravello são

obras arquitetônicas de grande importância, enquanto as áreas rurais são caracterizadas por vinhedos e pomares. Mais um caso de interesse para conhecer é a paisagem do Val d'Orcia que faz parte do interior da Toscana e, em 2004, foi declarado Patrimônio Mundial da UNESCO, principalmente, pela sua paisagem agrícola que reflete sistemas inovadores com o manejo do solo, que é resultado das dinâmicas da população que tem morado por vários anos no lugar e tem construído uma cultura própria (ASSOCIAZIONE BENI ITALIANI PATRIMONIO MONDIALE UNESCO, 2006).

Os casos apresentados das regiões escolhidas revelaram contribuições significativas à nossa pesquisa, pois permitiram uma melhor compreensão do seu contexto, além de ter a possibilidade de analisar a transformação da paisagem, seus processos de gestão, planejamento e desenvolvimento local, suas dificuldades, problemáticas e como eles influenciam a vida das pessoas que estão inseridas nesses cenários, assim tem sido possível fazer uma análise entre o cenário pesquisado e os casos na Itália.

Na atualidade, é comumente assentido que a natureza da paisagem se baseia na construção social e a representação cultural, mas esta condição ao mesmo tempo se suporta sobre a materialidade que dá forma ao território, como é esclarecido por Lanzani (2011):

As paisagens são representações que se referem, obviamente, a quem observa, mas ao mesmo tempo um conjunto ainda marcado dos objetos concretos, são corpo do mundo, são matéria que resiste ao nosso olhar e à nossa intenção. Diferente de outras imagens do território, a paisagem não é, por tanto, não só a representação e (como as imagens territoriais do *marketing* territorial), isso é entalhado na matéria, possui propriedade material, apresenta uma solidez que resiste, também aos esforços de ação voluntária (LANZANI, 2011, pag. 33, tradução nossa).

Com o intuito de acrescentar na discussão do conceito de paisagem, apresentam-se dois aspectos que podem causar tensão ou conflito no momento de serem usados neste tipo de declarações patrimoniais feitas pela UNESCO. O primeiro aspecto se centra na compreensão da paisagem dentro do âmbito territorial: “[...] lugar, região, terra habitada por pessoas e pertencem à esfera do discurso da política, economia, cultura e sociedade” (PETTENATI, 2014, p. 135, tradução nossa). Enquanto o segundo aspecto como cenário: “a

paisagem é, sobretudo, uma profundidade, que pertence à esfera discursiva da estética” (OLWIG, 2007 apud PETTENATI, 2014, tradução nossa).

Assim, a perspectiva da UNESCO gera mais uma contradição, pois esta instituição apresenta dois vertentes para a definição da paisagem cultural e que, ao mesmo tempo, reconhece como Patrimônio da Humanidade, o primeiro se relaciona com o envolvimento da população (território e dinâmica) e o segundo tem a ver com as regras da instituição que fazem o necessário para que um lugar declarado deva encaixar com as categorias ou atributos predefinidos pela UNESCO, por exemplo, a excepcionalidade do lugar no nível mundial, parâmetro que, geralmente, não vem da população local. Além disto, o lugar declarado passa por uma individualização que o isola do contexto maior onde está inserido, ou seja, vira-se numa ilha que perde suas próprias características, tanto físicas quanto simbólicas.

Para concluir esta parte, o autor italiano Arturo Lanzani faz uma crítica muito interessante sobre a abordagem da UNESCO em relação ao uso dos conceitos de Paisagem e Patrimônio, pois considera que a preservação da paisagem declarada com a categoria de valor excepcional pode transformar um território num bem de consumo e, sobretudo, ficar como uma paisagem num postal, sendo identificado como um risco. Desta forma, sua análise conclui que:

A cena é bem preservada, mas seu significado muda radicalmente, mesmo a fixidez das formas mais fáceis de ocultar a metamorfose dos significados dessas paisagens. (...) A tutela da paisagem herdada tende a tornar-se bastante a proteção de uma cenografia do turismo global ou dos novos nichos do turismo cultural e em outros contextos de segmentos cada vez mais significativos do mercado residencial (LANZANI, 2011, p. 93, tradução nossa).

A necessidade de compreender o desenvolvimento local começa com as relações de poder, que já não são interpretadas através do “Estado como única esfera de poder organizado de maneira hierárquica e redefine os níveis e papéis da territorialidade estatal” (DANSERO; GIACCARIA; GOVERNA, 2009, p. 253). Atualmente, podem-se evidenciar mudanças representadas nas próprias funções que exerce o Estado e estão voltadas a uma “[...] reorganização, rearticulação e redefinição das escalas territoriais implicadas nas

transformações ocorridas” (DANSERO; GIACCARIA; GOVERNA, 2009, loc. cit.). Essa nomeada redefinição dos processos escalares que se tornam transescalares, pois para entender o desenvolvimento local precisa-se “[...] da construção de relações e acordos verticais entre os diferentes níveis institucionais e de planejamento, os diferentes atores, os diferentes territórios implicados nos processos [...]” (Ibid., p. 254), portanto, para pensar no local é requerido pensar também como pode influir o regional e o nacional nas políticas e programas locais, ou seja, o local não pode estar alheio à realidade na qual está inserida e como esta interage nas diferentes escalas.

Na discussão do conceito de paisagem, diferentes autores italianos salientam o materialismo histórico como perspectiva de análise, Emilio Sereni considera que “il paesaggio è prodotto delle attività umane e rispecchia le sue forme di vita, tra conflitti e innovazione” (SAQUET, 2012, p.128), enquanto Massimo Quaini frisa: “[...] il paesaggio agricolo come prodotto storico, con discontinuità e continuità, ovvero, con cambiamenti e sedimenti risultanti da una combinazione di fattori ambientali e storici, soprattutto di tecniche, sistemi di coletivazione e circuiti commerciali presenti nell’organizzazione territoriale” (SAQUET, 2012, loc. cit.).

Para o conceito de território é preciso ressaltar as palavras de Eugenio Turri, “o território como uma construção histórica, enfatizando as transformações sucessivas e valores culturais em relação à paisagem. A paisagem corresponde à aparência do território” (SAQUET, 2012, p.129, tradução nossa). Por conseguinte, pode-se identificar uma relação dialética entre os dois últimos conceitos, que consiste no seu interagir entre a forma e o conteúdo, como um processo histórico construído por dois elementos, políticos e culturais, assim interpretando-se como uma territorialização (SAQUET, 2012).

Concluindo esse aspecto, salienta-se o apontamento de Eugenio Turri quando explicita:

O território é um espaço natural, social e historicamente organizado e produzido, e a paisagem é o nível visível e perceptível deste processo. O território é o solo, formas espaciais, relações sociais e tem o seu próprio significado. Isso é o produto de ação histórica (de longo prazo), que se efetivam em momentos distintos e sobrepostos, gerando diferentes paisagens. Coexistem no território diversos aspectos: identidade e /ou

enraizamento e conexões a nível nacional e internacional; heterogeneidade e unidade; natureza e sociedade; um processo histórico com as definições territoriais específicas para cada organização social, e a aparência que corresponde à paisagem. (SAQUET, 2012, p. 130, tradução nossa).

Da mesma forma, a construção social surgida da relação entre o território e a identidade local permite uma melhor compreensão à análise das dificuldades da teoria e prática do desenvolvimento local. Existem diferentes pontos de vista sobre o território, um como uma perspectiva administrativa, outro como patrimônio ou história herdada, e o último relacionado com a construção social, no qual os agentes, a partir da sua própria coletividade, geram uma identidade local (DEMATTEIS; GOVERNA, 2005, p. 39). A ação coletiva dos agentes sobre um lugar é motivada desde “[...] a valorização do patrimônio territorial, dos recursos e dos atores locais” (DEMATTEIS; GOVERNA, 2005, loc. cit.). Essa apropriação do espaço que também é afetada pelas relações de poder, porém, é refletida nas diferentes formas de territorialização e se materializando nas paisagens.

5.1.1 Paesaggio vitivinicola de Langhe-Roero e Monferrato (Piemonte)

A paisagem cultural vitivinícola de Langhe-Roero e Monferrato foi declarada como patrimônio da humanidade pela UNESCO em 2014 (Fotografia 53), está composta por 29 cidades na área principal e conta com uma extensão de 10.789 hectares, mais 82 cidades na área secundária chamada de *buffer zone* com uma extensão de 76.000 hectares. As características particulares desta paisagem consistem, principalmente, na transformação que tem feito o homem no substrato ambiental para adaptá-lo e esta interação tem permitido a prática da viticultura, cada área é caracterizada pela produção de um tipo especial de vinho, por exemplo, a área dell’Alto Monferrato é adaptada à cultura do *vitigno moscato* com o qual é produzido o *Spumante*, enquanto o solo argiloso do Langhe permiti a cultura dos *vitigni a bacca rossa* dos quais saem o *nebbiolo* e o *dolcetto*. Aliás, o clima contribui à qualidade do vinho *piemontese* e a falta da chuva gera uma elevação do nível do açúcar, o qual vira uma particularidade no produto final (ASSOCIAZIONE PER IL PATRIMONIO DEI PAESAGGI VITIVINICOLI DI LANGHE-ROERO E MONFERRATO, 2015).

Fotografia 53 – Cartaz na cidade de Barolo na região do Piemonte sobre a declaração da UNESCO como Patrimônio da Humanidade



Fonte: Arquivo pessoal, 2016

O território da declaração da UNESCO envolve as províncias de Cuneo, Asti e Alessandria na região do Piemonte (Figura 22), as quais historicamente têm se mantido juntas desde a colonização romana até o *Marchesato di Monferrato al Regno di Sardegna*, e nos últimos anos a região tem se visto envolvida com importantes eventos da guerra de liberação do fascismo e a criação de uma cultura literária e intelectual.

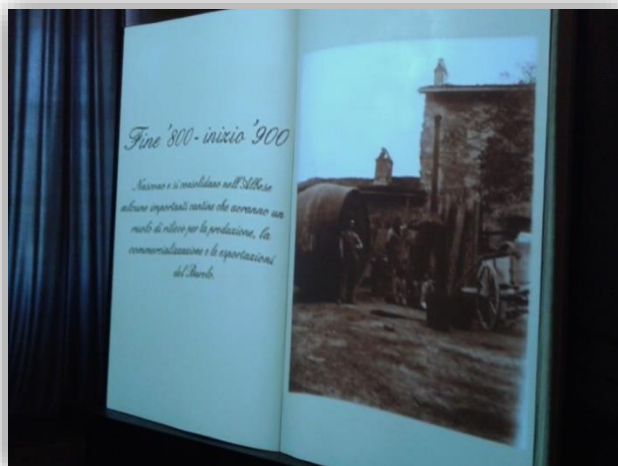
FIGURA 22 – MAPA DA PAISAGEM VITIVINÍCOLA COM AS ÁREAS PRINCIPAIS E SECUNDARIAS



Fonte: <http://www.castellalfero.net/public/x/modules/news/print.php?storyid=2176>; acessada em: 10 de junho de 2016

Esta cultura é reproduzida há um século com conhecimentos singulares sobre as condições geomorfológicas, técnicas próprias de plantação e métodos de vinificação que lhes permite atingir níveis de qualidade internacional. Esta atividade tem se tornado na principal orientação cultural e econômica do território, influenciando diretamente a paisagem a partir do conhecimento, dos saberes e da experiência efetivada com o vinhedo, a vindima, a produção e o consumo cotidiano do vinho (Fotografias 54 e 55).

FOTOGRAFIA 54 E 55 – A PRIMEIRA PRODUÇÃO EXPOSTA NO MUSEO DEL VINO NA CIDADE DE BAROLO.
SLOGAN QUE MOSTRA A IMPORTÂNCIA DA CULTURA DO VINHO NO LOCAL

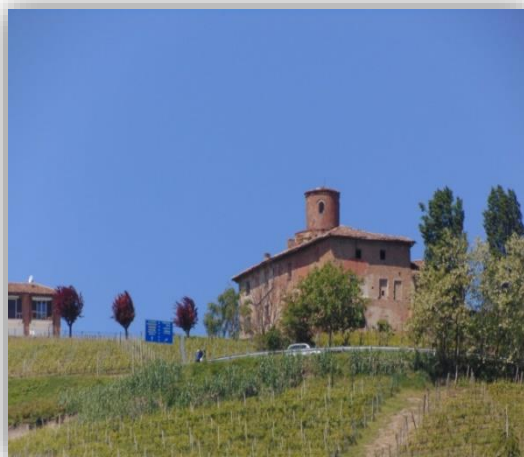


Fonte: Arquivo pessoal, 2016

Os vinhedos são subdivididos em pequenos terrenos por causa do parcelamento fundiário medieval, e desta forma foram se fundando as fazendas vitivinícolas, representando uma arquitetura vernácula e uma configuração do polo urbano comercial como nodo mercantil. A caracterização principal deste território foi determinada pelas características de cada área, por exemplo: *Le Langhe*, onde a viticultura é extensiva na qual a paisagem é dominada pelos vinhedos, neste local são produzidos vinhos de excelente qualidade e reconhecidos em nível internacional, os quais são *Barolo*, *Barbaresco*, *Nebbiolo*, *Dolcetto*, e é salientado que os cultivos são misturados com porções de bosque que não favorecem a exposição dos raios do sol. A vitivinícola nasceu desde os romanos e virou uma tradição do território que se manifesta na cultura, economia, costumes tradicionais e enogastronomia. *Monferrato* está representado pelo vinho *Barbera* e os castelos, é uma paisagem misturada entre as colinas, a cidade e pequenos assentamentos, preponderantemente, os castelos. *L'Alta Langa* apresenta uma morfologia acidentada e o bosque é mais difuso, é chamada de *viticultura heroica*, pois não são utilizados meios mecânicos, tudo é feito pelo vinicultor (ASSOCIAZIONE PER IL PATRIMONIO DEI PAESAGGI VITIVINICOLI DI LANGHE-ROERO E MONFERRATO, 2015).

A paisagem vitivinícola revela uma estética específica e que pode ser resumida como um arquétipo de paisagem vitivinícola europeia. A estrutura desta paisagem se baseia sob a impronta romana e medieval, com as estradas que enfatizam o retículo antigo, cidade comercial de planície e povoados de altura e uma perspectiva de casinhas e núcleos rurais espalhados, os quais se tornam numa pratica agrícola (Fotografias 56, 57, 58 e 59).

FOTOGRAFIA 56, 57, 58 E 59 – PAISAGEM VITIVINICOLA DE BAROLO



Fonte: Arquivo pessoal, 2016

A operação nos vinhedos começa, geralmente, no mês de outubro, quando é colocado o fertilizante para garantir a recollecção pelo próximo ano, e após deve-se arar as filas das árvores, que constantemente estão localizadas nas zonas mais inclinadas, nas quais a

recollecção ainda é manual. A vindima é considerada um ritual de longa duração e que o autor Castellani argumenta por meio da citação do pesquisador Giacomo Pettenati (2014),

A importância do setor vitivinícola para o tecido social, cultural e económico desta área (no território de Langhe, Roero e Monferrato são produzidos 27 vinhos doc e 13 vinhos docg) é, fundamental, tanto em termos de trabalhadores assalariado e geração de renda, tanto para o papel que ela desempenha na manutenção de uma economia turista e gastronômica em constante desenvolvimento (CASTELLANI et al., 2011 apud PETTENATI, 2014, tradução nossa).

Esta paisagem vitivinícola quanto à paisagem cafeeira, a qual é estudada na pesquisa, é caracterizada por ter um elemento que faz a diferença com outras paisagens consideradas Patrimônio, e é porque estão vivas e apresentam mudanças constates, por exemplo, as regiões de Langhe-Roero e Monferrato não têm escapado da crise camponesa que, ao mesmo tempo, gera uma forte migração para as cidades mais próximas e grandes, como são Torino e Milano. Porém, nas últimas décadas têm surgido importantes empresas (Ferrero, Miroglio e Mondo) em pequenos povoados como Alba (Figura 60), o que faz que seja considerada como uma das cidades com mais recursos económicos na região.

Fotografia 60 – Rua principal na cidade de Alba, Piemonte



Fonte: Arquivo pessoal, 2016

Com a experiência do trabalho de campo se pode observar que é muito cedo para fazer uma análise sobre as influências da declaratória, pois só leva dois anos, porém se pode observar como aumentou o turismo e, sobretudo, um turismo de elite porque os hotéis e

restaurantes ficaram mais caros depois deste processo, que se caracteriza por turistas estrangeiros, especialmente, alemães que ficam em locais muito bonitos e caros próximos aos vinhedos (Fotografia 61), bebem um bom vinho de alta qualidade e de maior preço, e depois voltam a seu país.

FOTOGRAFIA 61 – HOTEL NA CIDADE DE BAROLO



Fonte: Arquivo pessoal, 2016

No percurso feito durante o trabalho de campo nomeado, na cidade de Barolo pode-se encontrar a parte dos vinhedos e castelos, o Museo do Vinho, o qual é uma estratégia turística que conta com boas instalações interativas e explica tudo sobre a temática do vinho na região desde o físico até o histórico. As dificuldades que podem ser vistas desde agora são, primeiro, a pouca credibilidade que as pessoas têm com esta declaração, pois pensam que não vão se beneficiar e que suas condições de vida não melhoraram, os locais tornam-se povoados de níveis econômicos altos e seus habitantes terão que vender suas terras ou casas num futuro.

5.1.2 Cinque Terre (Ligúria)

Na região de Ligúria existem cinco povoados que têm sido nomeados como Cinque Terre, pois apresentam aspectos muito particulares como físicos, históricos, econômicos, sociais e culturais e contam para o ano de 2014 com 3.931 habitantes. Neste local se localizam as *comune* ou municípios agrários de Monterosso al Mare, Vernazza, Corniglia, Manarola e Riomaggiore sobre o litoral rochoso da zona oriental da Ligúria com aproximadamente 20 km, entre os municípios de Levanto e La Spezia (CAMERA DI COMMERCIO LA SPEZIA, 2014). No momento em que a UNESCO declarou a paisagem cultural de Cinque Terre como Patrimônio da Humanidade, no ano de 1997, e encaixou-se este lugar num parque que já existia mais pelo regulamento da UNESCO, é necessário deixar bem claro que as limitações da paisagem declarada e algumas cidades ficaram fora, sendo unicamente as cinco já nomeadas (Figura 23).

FIGURA 23 – MAPA DO PARCO NAZIONALE DELLE CINQUE TERRE



Fonte: <http://www.parchipertutti.it/?LevelID=79>; acessada em: 15 de junho de 2016

O território das Cinque Terre é muito antigo, pode ter aproximadamente 1000 anos e é caracterizado por fazer parte de um declive principal no litoral do mar Mediterrâneo, a sua orografia e morfologia são singulares, sendo que, no local, o cume da montanha atinge os 600 e 800 metros de altitude ficando muito perto do mar, constituindo com o continuo trabalho de muitas gerações durante séculos que tem transformado a múltipla área de floresta na cultura do vinho em *terrazamenti*, técnica de cultivo feita através do esmagamento das rochas para a construção de muros de pedra seca (*muretti a secco*) e a criação do húmus arável (Fotografias 62, 63 e 64). Segundo Sorti (2004), se pode apreciar que,

É uma paisagem *construída* de extraordinária beleza, manifestação de uma relação estreita entre o homem e a natureza e património, mas também é uma paisagem que, paradoxalmente, está em perigo de desaparecer, sobretudo, como resultado do continuado abandono dos característicos terraços de produção vitícola por parte do homem. Na verdade, só nos últimos anos tem se começado a falar da "questão Cinque Terre", no sentido estrito de advertir tanto as relações entre a agricultura, paisagem e turismo, tanto o "papel duplo" que o *agricultor ou arquiteto de paisagem*, produtora de vinhos finos e "guardião" da estabilidade hidrogeológica. De fato, em um contexto como este, é posta em discussão a presença antrópica sobre o território, que gerou um mecanismo perverso de degradação do meio ambiente difícil, se não impossível, de conter (Storti, 2004, p 10, tradução nossa; grifo no original).

FOTOGRAFIA 62, 63 E 64 – FOTOS ANTIGAS DO CULTIVO E COLHEITA DA UVA

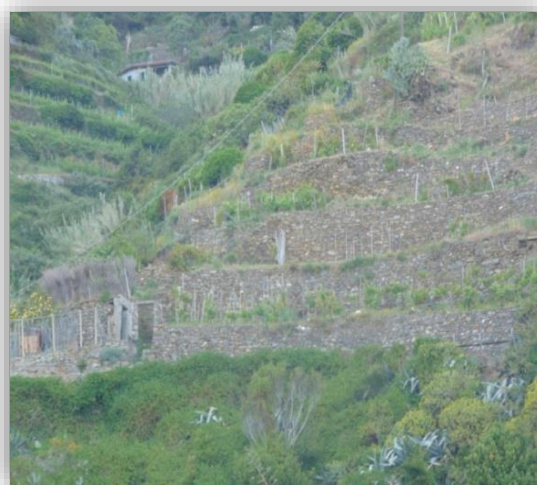




Fonte: Parco Nazionale delle Cinque Terre, cidade de Manarola, 2016

A característica principal desta paisagem é o desenvolvimento da técnica do *terrazzamento* que, com mais de 1000 anos, foi transformado num símbolo paisagístico agrário que tem conseguido manter o acesso a este território por meio de uma gestão eficiente do recurso hídrico por parte do seu primeiro agente transformador, o camponês, a partir do cultivo da uva (Fotografias 65, 66, 67, 68, 69 e 70), o qual representa a identidade local, pois foram os camponeses que desenvolveram diferentes tipos de vinhos.

FOTOGRAFIA 65, 66, 67, 68, 69 E 70 – PAISAGEM DE *TERRAZZAMENTI* NOS DIFERENTES POVOADOS DAS CINQUE TERRE





Fonte: Arquivo pessoal, 2016

De acordo com a pesquisa de Bonardi e Brandolini (2007), os principais cultivos nas Cinque Terre são o vinhedo (73%) e o olival (21%), e com um papel secundário na paisagem se podem encontrar cultivos para consumo próprio como algumas frutas. Embora, alguns cultivos muito antigos sejam pouco preservados, por exemplo, a produção do *Sciacchetrà*, vinho branco caracterizado por ser doce e de alta gradação, somente oito produtores continuam com este tipo de produto. Como menciona Starti (2004), o

terrazzamento que segue as curvas de nível ocupa aproximadamente 2000 hectares no Parco delle Cinque Terre, ou seja, 65% do território.

Os problemas basilares que este maravilhoso território exhibe são causados, fundamentalmente, por ser declarado Patrimônio da Humanidade, o qual permitiu o reconhecimento da sua paisagem cultural no mundo, porém, aumentou o fluxo turístico, atingindo um nível de massa, sendo os estadunidenses, australianos e alemães os que mais visitam o local. A importância turística do parque tem crescido de tal forma, que hoje pode-se afirmar que esta atividade econômica é a mais importante, porque tem mudado a produção agrícola, porém, ao mesmo tempo, também tem aumentado os deslizamentos e as ruínas hidrológicas por não ter mais cultivos, o que gera um risco permanente para os habitantes e os turistas (BONATI, 2015).

Com relação ao risco que apresenta o local e o aumento desmedido do turismo, o qual o Parco Nazionale delle Cinque Terre calcula que seja aproximadamente de um milhão de pessoas por ano, porém não tem certeza do valor total, porque nesse parque é possível entrar por diferentes meios de transporte e rotas, impossibilitando assim a contagem e o controle. O mau estado das trilhas que unem os povoados faz que não seja bem vista a gestão do parque, pois por causa dos deslizamentos já ocorreram alguns incidentes, nos quais morreram estrangeiros e nativos. Os casos mais lembrados são o deslizamento no ano de 2012 da trilha mais bonita e visitada, a “*Via dell’amore*” (Fotografia 71), quando foram feridos quatro turistas australianos, e ainda continua fechada, e o desastre que aconteceu no mês de outubro no ano de 2011, quando, depois de uma forte chuva, um deslizamento destruiu várias casas e cultivos dos povoados de Vernazza e Monterosso al Mare, estragando uma parte da praça principal e deixando doze pessoas mortas, sendo considerado este episódio como um desastre hidrológico.

FOTOGRAFIA 71 – TRILHA VIA DELL'AMORE FECHADA

Fonte: Arquivo pessoal, 2016

Outro aspecto para salientar é o processo de abandono da montanha e a diminuição significativa dos cultivos, por exemplo, no ano de 2002 até o ano 2008 o *terrazzamento* produtivo nos povoados de Vernazza e Riomaggiore era de 25,32% e o improdutivo de 74,68%, e, no total das Cinque Terre, 46% dos cultivos em estado de abandono, 32% produtivos e 22% sendo mal utilizadas (BONATI, 2015). Para os agricultores é muito mais rentável deixar de produzir para poder vender suas terras, ou simplesmente alugar suas casas para o turismo, que tem se transformado num turismo de elite pelos preços muito altos tanto na comida quanto na hospedagem, deste jeito para estes agentes é muito melhor não trabalhar mais a terra, pois esta tem valor alto e os ganhos são poucos. Mais de um elemento é afetado pela declaração da UNESCO, pois como se mencionou anteriormente a mudança da economia local, deve se acrescentar a perda de identidade, o qual se expõe no abandono de terras, o pouco conhecimento e capacidade para fazer o “*muretti a secco*”, a permanente situação de risco ambiental e a migração, principalmente dos jovens para as capitais. Pode-se salientar que esta migração vem desde o começo do século XIX, passando de 7.920 habitantes no ano de 1921 a 4.425 habitantes em 2001 (STORTI, 2004).

Por último, podem-se fazer algumas considerações sobre esta paisagem. Primeiro, o professor Massimo Quaini sugere que as Cinque Terre precisam de uma intervenção social,

pois a intervenção física não é suficiente para fortalecer o sistema produtivo, tendo em vista que é muito importante não depender unicamente do turismo, aliás, o mesmo salientou a possibilidade de introduzir uma nova condição agrícola e advertiu que a administração do Parco Nazionale delle Cinque Terre deve mudar seu propósito, permitindo-se a instalação de outras iniciativas no local, como uma adega destinada para todos os habitantes.

Em relação ao parágrafo anterior, a habitante de Vernazza e Presidenta da fundação TU QUOQUE Margherita Ermirio expressa sua inconformidade com a gestão do parque, pois relatou que as condições atuais não são as melhores e que o turismo faz com que seja insuportável morar nesse local e que na estação de verão seja impossível caminhar. Também destaca que os poucos agricultores são velhos, os mais jovens têm 45 anos, e a produção de vinhos que é vendida como local não necessariamente o é, já que trazem vinhos de outras regiões e é colocado o selo de Cinque Terre. O parque também tem apresentado problemas de corrupção e abandono de infraestruturas turísticas (Fotografias 72, 73, 74 e 75), passando atualmente por problemas econômicos. A atividade principal de Margherita Ermirio com sua fundação é a construção do *muretti a secco*, que aprendeu com seu pai, que é agricultor, e realiza esta atividade com ajuda de voluntários jovens estrangeiros que ficam alguns dias e depois voltam. A dificuldade que ela encontra com a administração do parque é que eles têm destruído alguns dos muros que já foram feitos e trazem uma pedra que não é a correta para este tipo de construção. Seu compromisso é tão grande que ela é reconhecida por esta atividade e tem participado de vários eventos, além de ser feitas reportagens porque esta técnica é considerada como perdida e de conhecimento ancestral de poucos.

FOTOGRAFIA 72, 73, 74 E 75 – INSTALAÇÕES TURÍSTICAS AVARIADAS E FECHADAS

Fonte: Arquivo pessoal, 2016

As duas experiências exemplificam cenários reais de paisagens culturais declaradas pela UNESCO, e permitem fazer algumas aproximações com o contexto da paisagem cultural cafeeira após ser declarada como patrimônio. Tanto estas duas paisagens visitadas quanto a estudada na pesquisa estão passando por um processo de elitização, pois o turismo aumentou e os turistas são, geralmente, pessoas estrangeiras que pagam caro por um “bem” que tem sido *patrimonializado*, fazendo que só uns poucos possam ter acesso a esse “bem”, neste ponto lembra-se que os agentes que ajudam a tornar a paisagem num postal estático são os agentes privados, empresas com um capital significativo para adequar infraestruturas que fazem parte de um pacote turístico oferecido. Uma das principais críticas, foca-se na pouca interação que tem estes agentes privados com os moradores do lugar, quer dizer, os produtores que tem construído determinada paisagem cultural, por isso, eles não ficam sabendo das intervenções próximas a sua moradia e como elas podem afetar seu estilo de vida.

Segundo o parágrafo anterior, não é negativo que um lugar tenha como atividade econômica o turismo, o problema é que os esforços sejam concentrados só nesse tipo de atividade, desconhecendo problemas e conflitos da população em outras áreas. Por exemplo, a região cafeeira nos últimos dez anos tem sofrido uma diminuição de hectares do cultivo que passaram para outros usos do solo como gado, porém, o problema se compõe de dois variáveis, a primeira o pouco incentivo que recebem os camponeses para diversificar seus cultivos e evitar a dependência a um só, caso que acontece na Itália (Cinque Terre) e no qual o órgão gestor do parque nacional que conserva essa paisagem tem feito muito pouco para a preservação dos cultivos de vinho e, segundo, os agricultores preferem deixar suas terras e alugar sua casa como hotel ou pensionato para os turistas, ou simplesmente, alugar a casa completamente e morar em cidades próximas.

É recomendado para contribuir na gestão da paisagem cultural cafeeira, primeiro a diversificação de cultivos, o que permitiria o auto-abastecimento para o agricultor e evitaria a dependência a um produto só; segundo é necessário aceitar que a paisagem cafeeira é cambiante e se não existe condições para morar no campo, este cultivo se acabará; o

terceiro está relacionado com o melhoramento à formação dos cafeicultores para que eles possam conhecer e desenvolver outras atividades acorde à cadeia global, e com maior confiança estabelecer negócios com os clientes para exportar o café transformado, e pronto para o consumo a partir da organização de seu próprio *marketing*, e para isto é imprescindível uma mudança ou reestruturação da institucionalidade cafeeira que permita maior participação dos cafeicultores de base e facilite a exportação do café transformado por parte dos pequenos cafeicultores. E, por último, a inclusão dos jovens nas atividades do campo, mas esse campo deve ser rentável que permita gerar melhores condições de vida e empoderamento para enxergar outras formas de trabalhar no campo sem repetir as histórias de seus avós e pais.

Assim, o embasamento das recomendações parte da necessidade de pensar primeiro no pequeno cafeicultor e depois na cafeicultura, pois é indispensável que exista uma articulação entre as políticas públicas focalizadas no social e no produtivo. Os dois enfoques se complementam porque o cafeicultor e sua família devem contar com ferramentas e estratégias que lhe permitam ter ingressos e melhorar as condições de vida tanto na roça quanto no município, porque é preciso, fundamentalmente, contar serviços básicos adequados como saúde, educação e infraestrutura. Porém, as condições atuais no campo (falhas no mercado laboral, pouca rentabilidade das atividades produtivas, ausência de proteção social/subsídios) devem ser melhoradas a partir da articulação de políticas entre o governo e a *Federación Nacional de Cafeteros*, pois são agentes que têm transformado historicamente a paisagem estudada, virando-se o café mais que em uma mercadoria, uma forma de vida, símbolo de identidade e orgulho nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme a política agrária atual da Colômbia, um cafeicultor, individualmente, não teria condições de entrar no mercado de exportação do café, pois, a mesma *Federación Nacional de Cafeteros* dispõe de regras e normas legais que se contrapõem. Quando os cafeicultores conseguem se organizar a partir de uma cooperativa, podem vender o grão verde no exterior de uma forma mais fácil, como se mostrou no decorrer do nosso texto, principalmente, pela pressão exercida por uma demanda que se vale das *commodities* e não permitirá no curto prazo, perder o grande ganho da transformação do café.

Nestes casos, foi identificado que as condições de vida deles, os cafeicultores associados, melhoram progressivamente vendendo o grão de café a um bom preço, pelo menos mais justo, porém, fica a inquietação e vontade de exportar o café pronto para o consumo, o qual é mais bem pago pelo valor agregado na transformação, por enquanto, parte dos ganhos fica com os donos das torrefadoras e, claro, com os intermediários.

A Colômbia, como um dos mais importantes países produtores de café no mundo, conhecido por produzir um *café suave*, mormente participa do mercado como produtor de grãos e não como transformador da matéria-prima, processo que geraria mudanças significativas na economia do país e, principalmente, poderia servir de base para a autonomia econômica do cafeicultor. É necessário relembrar que os cafeicultores estão divididos em dois grupos, o primeiro, são aqueles sujeitos que estão fortalecendo o setor empresarial e, o segundo, são os camponeses, pequenos produtores proprietários que estão no primeiro elo da cadeia produtiva, os que realmente absorvem as crises do setor e sofrem os impactos do mercado internacional.

A transformação da paisagem cafeeira na região configurou-se a partir das mudanças das políticas agrárias que se acomodavam de acordo às exigências do mercado internacional, assim a cafeicultura no país passou a ter cafezais com características particulares como o café sombreado, para café a pleno sol, que estava associado a outros cultivos (milho ou banana-da-terra) e permitia uma agricultura mais dinâmica, diversificada e menos dependente de um único mercado, além de ser um princípio de

segurança e soberania alimentar. A estratégia mais recente que tem sido implementada pela institucionalidade cafeeira é a intensificação do cultivo em pequenas áreas, além da imposição de uma variedade única para ser cultivada (*Castillo*) com o pretexto de ser maior produtiva e não precisar de uma alta dose de insumos químicos, gerando a homogeneização da paisagem e um rápido desgaste dos recursos naturais como solo e água.

Um fato determinante que ajuda a diferenciar a cafeicultura tradicional da considerada moderna tem a ver com a divisão do trabalho: na primeira, o trabalho se estruturava de acordo com a organização da família e, na segunda, a mão-de-obra passa a ser profissional, ou pelo menos externa à unidade produtiva, ou seja, com a contratação de trabalhadores assalariados. Assim, mais um acontecimento deve ser levado em conta para estudar e analisar o *Eje Cafetero*, o qual consiste na diminuição considerável, nos últimos anos, da produção dos grãos, além da dificuldade de encontrar pessoas da região para trabalhar, pois as novas gerações não se interessam pelas tarefas do campo.

A produção cafeeira foi transformada num símbolo cultural tão forte que, desde o começo parece “estar no sangue” dos camponeses, frase que não se afasta da realidade atual, pois a maioria dos cafeicultores, quando entram em crise, não pensa em deixar o cultivo que foi herdado dos seus pais e avós, para eles é difícil mudar sua produção agrícola ou vender a terra, além de persistirem veementemente noutras formas de vender o grão por meio da formação de cooperativas ou outro tipo de organização, com o objetivo de juntar forças e vender no exterior maior quantidade, não somente um produto melhor, também com condições diferenciadas. Além da transformação do grão, há um sem-número de benesses, como maiores garantias de participação nas organizações, excedentes de reinvestimento social, autonomia e justiça social, vendas diretas com o comprador, já que a *Federación Nacional de Cafeteros*, como intermediária, compra exclusivamente o café não-transformado. Deste modo, um produto transformado, o qual é mais bem pago, requer também o cumprimento de uma série de exigências, para entrar no mercado, ou seja, relacionadas com a formação, capacitação e investimentos como certificados e melhoramento das estruturas de processamento do café.

Considerando-se a *Paisagem Cultural Cafeeira da Colômbia* e as experiências estudadas na Itália, o *Parco Nazionale della Cinque Terre* e a *Paisagem Vitivinícola de Monferrato e Barolo*, percebe-se, guardando as devidas proporções de contexto, que existe uma tendência a que estes lugares sejam transformados em territórios de turismo da elite e, sobretudo, de pessoas estrangeiras, fazendo que os nativos possam perder o interesse tanto da produção local quanto da cultura, aquela que foi identificada e destacada pela UNESCO, podendo possivelmente, perder a identidade construída ao longo do tempo. É claro, que nenhuma declaração institucional pode encaixar ou parar no tempo uma cultura dinâmica e transformadora, que requer ser ressignificada constantemente pelos seus próprios atores.

REFERÊNCIAS

ALZATE, C; DURÁN, L. Perspectivas de sustentabilidade territorial no cenário da paisagem cultural cafeeira: o papel das organizações cafeeiras de economia solidária no departamento de Risaralda/Colômbia. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, I, 2015, Matinhos. **Anais**. Em processo de publicação.

ARANGO, O. **Un contrato Plan para el Paisaje Cultural Cafetero**. Oficina de Comunicaciones UTP. Disponível em: <<http://www.utp.edu.co/cms-utp/data/bin/UTP/web/uploads/media/comunicaciones/documentos/CONTRATOS-PLAN-PCC-230212.pdf>>. Acesso em: 01 de fev. 2015.

ARDILA, G. **Territorio y Sociedad**: El Caso del Plan de Ordenamiento Territorial de la ciudad de Bogotá. Bogotá: Ministerio del Medio Ambiente – Universidad Nacional de Colombia, 2003.

ASSOCIAZIONE BENI ITALIANI PATRIMONIO MONDIALE UNESCO. **Beni Italiani Unesco**. Disponível em: <<http://www.sitiunesco.it/?p=5>>. Acesso em: 28 set. 2015.

AZEVEDO, L. O rural e o urbano na teoria de Henri Lefebvre. In: JORNADA DO TRABALHO: “A III Reformabilidade do capital e os conflitos territoriais no limiar do século XXI. Os novos desafios da geografia do trabalho”, XIII., 2012, Presidente Prudente. **Anais**.

BRASIL. **O que são cafés especiais**. Brazil Speciality Coffee Association. Disponível em: <<http://bsca.com.br/cafes-especiais.php#>>. Acesso em: 23 de jun. 2015.

BRASIL. **Federación Nacional de Cafeteros de Colombia: 80 años**. Revista Cafeicultura. Disponível em: <http://www.revistacafeicultura.com.br/index.php?tipo=ler&mat=11124>. Acesso em: 4 de jan. 2016.

BONARDI, L; BRANDOLINI, P. Curati com le fasce. **Meridiani**, n 157, p. 74 – 79, abril, 2007.

BONATI, S. **I paesaggi vulnerabili tra percezione e resilienza: l'isola di Madeira e le Cinque Terre come casi di studio**. 2015. 232 f. Tese (Doutorado em Ricerca di Studi Storici, Geografici, Antropologici) – Università di Padova, 2015.

CARLOS, A. **O lugar no/do mundo**. 1. Ed. São Paulo: Edição Eletrônica/LABUR, 2007.

CASTELLANI, L., MANCUSO, T., MASSAGLIA, S., BORRA, D., MAZZARINO, S. “Enoturismo e ruolo della vendita diretta in provincia di Cuneo tra Langhe e Roero”, in Boatto e Gennari, **La roadmap del turismo enologico**, p. 70-105. 2011.

CHARDON, A-C. **Un Enfoque Geográfico de la Vulnerabilidad en Zonas Urbanas Expuestas a Amenazas Naturales, el Ejemplo Andino de Manizales, Colombia.** Manizales: Centro de Publicaciones, Universidad Nacional de Colombia: 2002.

COLÔMBIA. **Informe sobre el impacto de la minería en el Paisaje Cultural Cafetero de Colombia 2011 - 2015.** Bogotá: Ministerio de Cultura, 2015.

_____. **El sector cafés especiales. Perfiles ocupacionales para la cadena productiva de cafés especiales.** Bogotá: Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo (PNUD), 2014.

_____. **Evaluaciones agropecuarias municipales 2014.** Pereira: Departamento de Risaralda – Secretaría de Desarrollo Agropecuario, 2014.

_____. **Política para la preservación del Paisaje Cultural Cafetero de Colombia.** Bogotá: Consejo Nacional de Política Económica y Social República de Colombia Departamento Nacional de Planeación, 2014.

_____. **Diseño y estructuración de productos turísticos del Paisaje Cultural Cafetero.** Pereira: Fontur Colombia, Ministerio de Comercio, Industria y turismo, 2013.

_____. **Encuesta de gasto en turismo interno – EGIT 2012-2013.** Bogotá: DANE e MINISTERIO DE COMERCIO, INDUSTRIA Y TURISMO, 2013.

_____. **Evolución de la Balanza de Pagos Enero a Junio de 2013.** Bogotá: Banco de la República, 2013.

_____. **Guía para la incorporación del Paisaje Cultural Cafetero en la revisión y ajuste de los Planes de Ordenamiento Territorial (POT, PBOT, EOT).** Bogotá: Ministerio de Cultura - Federación Nacional de Cafeteros, 2012.

_____. **Diagnóstico de Risaralda 2012.** Pereira: Gobernación de Risaralda, 2012.

_____. **Caracterización del empleo en la industria del turismo en Colombia.** Bogotá: Dirección de metodología y producción estadística, DANE, 2011.

_____. **Contratos Plan. Manual Operativo.** Departamento Nacional de Planeación. Bogotá: 2011.

_____. **Manual del cafetero colombiano: investigación y tecnología para la sostenibilidad de la caficultura Tomo I.** Bogotá: Federación Nacional de Cafeteros – CENICAFÉ, 2005.

_____. **ECORREGIÓN EJE CAFETERO: UN TERRITORIO DE OPORTUNIDADES.** Pereira: CARDER, 2004.

_____. **División Político Administrativa.** Conceptos básicos. Departamento Administrativo Nacional de Estadística. Bogotá: 2000.

_____. **Variedades de café sembradas en Colombia.** La cartilla cafetera. Bogotá: Federación Nacional de Cafeteros, 1998.

_____. **Caracterización del departamento de Risaralda.** Pereira: Gobernación de Risaralda, Fondo para el Financiamiento del Sector Agropecuario, Instituto Geográfico Agustín Codazzi, S/D.

DANSERO, E.; GIACCARIA, P.; GOVERNA, F. O desenvolvimento local: contextos nacionais em confronto. In SAQUET, M.; SPOSITO, E. (Org.). **Territórios e territorialidades:** teorias, processos e conflitos, 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 249-270.

DAVIRON, B; PONTE, S. **La paradoja del café:** Mercados Globales, Comercio de Bienes Primarios y la Esquiva Promesa del Desarrollo. New York: Zed Books, 2005.

DEMATTEIS, G; GOVERNA, F. Territorio y territorialidad en el desarrollo local. La contribución del modelo SLOT. **Boletín de la A.G.E.**, n. 39, p. 31-58, 2005.

DURÁN, L. Transformações do território cafeeiro e a configuração de um habitat urbano-rural no departamento de Risaralda, Colômbia. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE, XI., 2015, Presidente Prudente. **Anais eletrônicos do XI -ENANPEGE.** Presidente Prudente: UNESP/PPGG/Faculdade de Ciência e Tecnologia, 2015. p. 6865 – 6876. Disponível em: <<http://www.enanpege.ggf.br/2015/anais/arquivos/24/667.pdf>>. Acesso em: 16 dez 2015.

FIQUE, L. Hábitat: Hacia un modelo de comprensión. In: YORY, C (Org). **Pensando en clave de hábitat:** Una búsqueda por algo más que un techo. Colombia: Universidad Nacional de Colombia. Facultad de Artes, 2008.

GALVÃO, A; FRANÇA, F; BRAGA, L. O território e a territorialidade: contribuições de Claude Raffestin. In: SAQUET, M; SOUZA, E (Orgs). **Leituras do conceito de território e de processos espaciais.** São Paulo: Expressão Popular, 2009.

GANDY M. Paisagem, estéticas e ideologia. In: CORRÊA, R. ; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagens, textos e identidade.** Rio de Janeiro: EDUERJ. 2004, p. 75-90.

GOUËSET, V. El Territorio Colombiano y sus Márgenes. La Difícil Tarea de la Construcción Territorial. **Revista Territorios**, Universidad de Los Andes, Bogotá, n. 001. Janeiro de 1999.

GUHL, A. La influencia del café en la evolución y consolidación del paisaje en las zonas cafeteras colombianas. In: López, C; Cano, C. **Cambios ambientales en perspectiva histórica:** ecología histórica y cultura ambiental volumen 2. Pereira: Postergraph S.A., 2006. 245 p., p. 191 – 206.

HÀGERSTRAND, T. "Reflexiones sobre '¿Qué Hay acerca de las Personas en la Ciencia Regional'". **Serie Geográfica 1**. UNIVERSIDAD ALCALÁ DE HENARES, p. 111-118, 1991 b.

HAESBAERT, R. Des-caminhos e perspectivas do território. In: RIBAS, Alexandre Domingues, SPOSITO, Eliseu Savério, SAQUET, Marcos Aurélio (Orgs). **Território e desenvolvimento: diferentes abordagens**. Francisco Beltrão: Unioeste, 2004.

_____. Identidades territoriais. In: CORRÊA, R.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999, p. 169-190.

_____. **Des-territorialização e identidade: a rede "gaúcha" no Nordeste**. Niterói, RJ: EdUFF, 1997.

HURTADO, J. **Metodología de la investigación Holística**. Caracas: Fundación Sygal, 2000.

ITÁLIA. **I paesaggi vitivinicoli del Piemonte: Langhe-Roero e Monferrato**. Asti: Associazione per il patrimonio dei paesaggi vitivinicoli di Langhe-Roero e Monferrato, 2015.

LANZANI, A. **In cammino nel paesaggio**. Questioni di geografia e urbanistica, Roma: Carocci, 2011.

LEFF, E. **Saber ambiental, sustentabilidad, racionalidad, complejidad, poder**. Ciudad de México: Centro de Investigaciones interdisciplinarias en ciencias y humanidades – UNAM. Programa de Naciones Unidas para el Medio Ambiente –PNUMA, 2004.

LUCHIARI, M. A (re)significação da paisagem no período contemporâneo. In: CORRÊA, R.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001, p. 9-28.

MACHADO, G. **Transformações na paisagem da bacia do rio Marrecas (SW/PR) e perspectivas de desenvolvimento territorial**. 2009. 285 f. Tese (Doutorado em Geografia) –UNESP/Campus de Presidente Prudente, 2009.

MONTES, L.; HOYOS, C.; LOPEZ, S. Interfases territoriales y construcción histórico ambiental del hábitat: tramo urbano Rio Otún, Pereira-Colombia. **PerCursos**. Florianópolis, v. 16, n. 30, p. 07-33, jan./abr. 2015.

OLWIG, K. "The practice of landscape Conventions and the just landscape: the case of the European Landscape convention". **Landscape Research**. Sweden, vol 32, n 5, p. 579 – 594, october, 2007.

PALACIOS, M. **El café en Colombia (1850-1970): una historia económica, social y política**. 4 Ed. México: El Colegio de México, 2009.

PARSONS, J.; ROBLEDO, E. **La colonización antioqueña en el occidente de Colombia**. 4 Ed. Bogotá: Banco de la República, 1997.

PASSOS, M. **Paisagem e meio ambiente (Noroeste do Paraná)**. Maringá: Eduem, 2013.

PEREIRA, M. **As tramas da segregação – privatização do espaço público**. (Tese de livre docência). São Paulo: FAU/USP, 1998.

PETTENATI, G. **Costruire il patrimonio. Luoghi, processi, attori e politiche nella territorializzazione dei paesaggi culturali Unesco in Italia**. 2014. 405 f. Tese (Doutorado em Ambiente e Território) – Politecnico di Torino e Università degli Studi di Torino, 2014.

PNUD. **Perspectivas para un segundo Informe de Desarrollo Humano en el Eje Cafetero**. Colombia: PNUD, 2006.

PNUD. **Un pacto por la región: “Informe regional de Desarrollo Humano 2004”**. Colombia: PNUD, 2004.

RAFFESTIN, C. A ordem e a desordem ou os paradoxos da fronteira. In: OLIVEIRA, T. (Org.). **Territórios sem limites: estudos sobre fronteiras**. Campo Grande/ MS: Ed. UFMS, 2005.

_____. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAMÍREZ, A. **Perfil administrativo y prácticas agrícolas de una finca cafetera certificada con la norma UTZ**. 2013. 105 f. (Monografía em Administración de Empresas)- Universidad Católica de Pereira, Pereira, Colombia, 2013.

RAMÍREZ, R. Formas de organización del trabajo y agentes laborales en la caficultura tradicional colombiana, 1882-1972. In: López, C.; López, L.; Pineda, J.; Vanegas, S. (Org.). **Vías y escenarios de la transformación laboral: aproximaciones teóricas y nuevos problemas**. Bogotá: Editorial Universidad del Rosario, 2008. 424 p., p. 179 – 203.

RAMÍREZ, S; SALDARRIAGA, C. **Usos y abusos del paisaje cultural cafetero: una reflexión desde el concepto de patrimonio**. Revista Jangwa Pana. Vol. 2. P.115-128. 2013.

ROBLEDO, C. **Imaginarios regionales del eje cafetero de Colombia: paisaje de paisajes**. 2008. 289 f. Dissertação (Mestrado em Desarrollo Regional)-El Colegio de la Frontera Norte, Tijuana, México, 2008.

RODRÍGUEZ, D. Universalización del patrimonio y desarrollo. El caso del “Paisaje Cultural Cafetero” (Colombia). In: CONGRESO DE ANTROPOLOGÍA, XIII, 2014, Tarragona. **Anais da Federação de Associações de Antropología del Estado Español**, 2014. p. 2959 – 2980. Disponível em: <http://digital.publicacionsurv.cat/index.php/purv/catalog/book/123>. Acesso em: 30 nov 2015.

RODRÍGUEZ, D.; DUQUE, A. El Paisaje Cultural Cafetero: Reflexiones desde la diversidad agrícola y las percepciones históricas de la naturaleza y la cultura. In: López, C.; Hernández,

U. (Orgs.). **Diálogos entre saberes, ciencias e ideologías en torno a lo ambiental**. Dosquebradas: Publiprint Ltda, 1 ed., 2009.

RODRÍGUEZ, D; DUQUE, A; CARRANZA; J. El enfoque agroecosistémico como herramienta de análisis patrimonial en paisajes culturales. El caso del paisaje cultural cafetero de Colombia. In: SEMINARIO DE PATRIMONIO AGROINDUSTRIAL: PAISAJES CULTURALES DEL VINO, EL PAN, EL AZÚCAR Y EL CAFÉ, I., 2008, Mendoza **Anais**.

SALDARRIAGA, C.; DUIS, U. **Paisaje Cultural Cafetero Colombiano**. Colombia: Universidad Tecnológica de Pereira, Universidad del Quindío, Red Alma Mater, Centro de Estudios e Investigaciones Regionales-CEIR, 2010.

SAQUET, M. **Il territorio della geografia**. Approcci a confronto tra Brasile e Italia. Milano: FrancoAngeli, 2012.

_____. **Por uma Geografia das territorialidades e das temporalidades**: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial. São Paulo: Outras Expressões, 2011.

_____. **Abordagens e Concepções de Território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

_____. **Os tempos e os territórios da colonização italiana**. 2002. 259 f. Tese (Doutorado em Geografia) –UNESP/Campus de Presidente Prudente, 2002.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. 5. ed. São Paulo, 1998.

_____. **A natureza do espaço: técnica, e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SPOSITO, M.; WHITACKER, A. **Cidade e campo**: relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

STORTI, M. **Il paesaggio storico delle Cinque Terre. Individuazione** di regole per azione di progetto condivise. 2004. 497 f. Tese (Doutorado em Scienze Tecnologiche) – Università di Firenze, 2004.

TOCANCIPÁ-FALLA, J. El juego político de las representaciones. Análisis antropológico de la identidad cafetera nacional en contexto de crisis. **Antípoda**. Bogotá, n 10, p. 111 – 136, junio, 2010.

TORO, G. Eje cafetero colombiano: compleja historia de caficultura, violencia y desplazamiento. **Revista de Ciencias Humanas**. Pereira, n 35, p. 127 – 149, enero – junio 2005.

TUAN, Y. "Sign and metaphor", **Annals of the Association of American Geographers**, vol, 68, n 3, p. 299 – 320, 1978.

VALLEGA, A. Geografia culturale. **Luoghi, spazi, simboli**. Torino: UTET, 2003.

VEGA, L. **Gestión Ambiental Sistémica**: Un nuevo enfoque funcional y organizacional para el fortalecimiento de la gestión ambiental pública empresarial y ciudadana en el ámbito estatal. Colombia: SIGMA, 2001.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio G. (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Guanabara, 4a. ed., 1987.

YORY, C. Del espacio ocupado al lugar habitado: Una aproximación al concepto de topofilia. **Serie Ciudad y Hábitat**, Barrio Taller, Bogotá, n. 12, 2007, p. 47-64.

ZAMBRANO, C. Territorio, diversidad cultural y trabajo social. **Revista Trabajo Social**, Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, n. 12, 2010.

ANEXOS

ROTEIROS DE ENTREVISTA E QUESTIONÁRIO UTILIZADOS NO TRABALHO DE CAMPO

APÊNDICE A. ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS SETORES IDENTIFICADOS NA PESQUISA

Setor: Acadêmico

- a) ¿Qué ha sucedido con la herramienta institucional contrato-plan? ¿Ha podido ser aplicada?
- b) ¿Se han generado condiciones para la apropiación social del patrimonio cultural y natural en el departamento?
- c) ¿Está enterado sobre qué acuerdo, trato o instancia se llegó en las reuniones de los alcaldes del departamento(s) que hacen parte del Paisaje Cultural Cafetero?
- d) Desde la figura de Paisaje Cultural Cafetero se ha tratado de incluir el tema de cuenca, ¿sabe cómo va a ser manejada?
- e) ¿Está enterado sobre qué están haciendo el Ministerio de Ambiente y Cultura en relación al Paisaje Cultural Cafetero?
- f) ¿Cómo está siendo manejado el turismo y cómo beneficia a los campesinos?
- g) ¿Considera que es posible lograr la sostenibilidad de la cultura cafetera?
- h) ¿Ud cree que será posible conservar la figura de Patrimonio Cultural Cafetero? Y ¿qué faltaría para lograrlo?

Setor: Institucional e Produtivo

- a) ¿Qué variedad de café cultivan? Cuánto produjeron en la última cosecha? Cuál es el área utilizada? Cómo cultivan (técnicas, tecnologías y número de trabajadores utilizados).
- b) De acuerdo a las pérdidas tanto de miembros en la organización como del cultivo, ¿cómo han hecho para seguir en el mercado internacional? Dónde comercializan el café?
- c) ¿Qué se ha ganado algo con los paros cafeteros, especialmente con los dos últimos?
- d) ¿Cómo le ha afectado las actividades mineras en el municipio? y ¿las autoridades qué hacen al respecto?

- e) ¿Qué piensan del Paisaje Cultural Cafetero, y de verdad ayuda a conservar la cultura cafetera?
- f) ¿Cómo podría analizarse la actual economía cafetera en el país?
- g) ¿Cómo funciona el Programa de la Federación Nacional de Cafeteros como el programa Jóvenes Caficultores? Y ¿cómo este puede ayudar a la sostenibilidad del PCC?
- h) ¿Cómo es la competencia con Juan Valdés? Y Starbucks?
- i) ¿Cómo ven la sostenibilidad del paisaje cafetero?
- j) ¿A qué acuerdo, trato o instancias se llegó en las reuniones de los alcaldes del departamento(s) pertenecientes al Paisaje Cultural Cafetero?
- k) De acuerdo al tema de cuenca, ¿cómo va a ser incorporada manejada dentro de los Planes de Ordenamiento Territorial y el Plan de Manejo del PCC?
- l) ¿Qué están haciendo los Ministerios de Ambiente y Cultura en relación al PCC?
- m) ¿Ud. cree que será posible conservar la figura de Patrimonio Cultural Cafetero?
- n) ¿Cuáles han sido las estrategias de adaptación, ante aspectos cómo la crisis cafetera, el cambio climático, las plagas y enfermedades de los cultivos, entre otras cosas?

Setor: Institucional e Turístico

- a) ¿Cómo ven la sostenibilidad del paisaje?
- b) ¿Qué está haciendo el Ministerio de Cultura en relación al PCC?
- c) ¿Cómo le ha afectado las actividades mineras en el municipio? y ¿las autoridades qué hacen al respecto?
- d) ¿Cómo está siendo manejado el turismo desde que fue declarado el Paisaje Cultural Cafetero? y ¿Cómo beneficia a los campesinos?
- e) ¿Ud. cree que será posible conservar la figura de Patrimonio Cultural Cafetero?

APÊNDICE B. ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS LÍDERES DAS ORGANIZAÇÕES

- 1) ¿Actualmente cuántos/as asociados/as existen en la cooperativa? ¿Desde hace cuánto tiempo?
- 2) ¿Qué variedades de café han cultivado y en qué proporción?
- 3) ¿De lo que produce cuanto logra vender y a qué precio?
- 4) ¿De acuerdo a las pérdidas tanto de miembros en la organización como del cultivo, ¿cómo han hecho para seguir en el mercado internacional? ¿Dónde comercializan el café? ¿Tienen alguna estrategia de marketing? ¿Cómo funciona?
- 5) ¿Cuánto produjeron en la última cosecha?
- 6) ¿Cuál es el área media utilizada para cultivo de café de los asociados?
- 7) ¿Cómo cultivan (técnicas, tecnologías y número de trabajadores utilizados) aproximadamente?
- 8) ¿Qué se ha ganado algo con los paros cafeteros, especialmente con los dos últimos? ¿Resultados a corto, mediano o largo plazo?
- 9) ¿Cómo le ha afectado las actividades mineras en el municipio? y ¿las autoridades qué hacen al respecto?
- 10) ¿Qué piensan del Paisaje Cultural Cafetero, y de verdad ayuda a conservar la cultura cafetera?
- 11) ¿Qué perspectiva tiene de la actual economía cafetera en el país?
- 12) ¿Conoce de algún asociado que sea beneficiario de los programa de la FNC como Jóvenes Caficultores, entre otros? Y ¿cómo este puede ayudar a la sostenibilidad del PCC? ¿Cómo funciona la asistencia técnica de esta institución?
- 13) ¿Sabe aproximadamente cuántas fincas están dentro del área del PCC que pertenezcan a la cooperativa?
- 14) ¿Qué sellos tiene la cooperativa y/o sus asociados?
- 15) ¿Cómo ven la sostenibilidad del paisaje cafetero?
- 16) ¿Ud. cree que será posible conservar la figura de Patrimonio Cultural Cafetero?
- 17) ¿Cuáles han sido las estrategias de adaptación, ante aspectos como la crisis cafetera, el cambio climático, las plagas y enfermedades de los cultivos, entre otras cosas?

- 18) ¿Qué piensa del paro agrario?
- 19) ¿Cuáles son las dificultades actuales que está presentando la cooperativa?
- 20) ¿Cómo es la estructura de la cooperativa y dónde funciona?
- 21) En relación a las reuniones, ¿ocurren con cuánta frecuencia? ¿La participación es considerable?
- 22) ¿Cuáles victorias, conquistas, ganancias o beneficios la cooperativa ha alcanzado desde su fundación?
- 23) ¿Cómo está funcionando la organización?
- 24) ¿Con relación a los asociados, me podría hacer un perfil general del mismo, sexo, edad, ciudad/ de origen, profesión?
- 25) ¿Ud. tiene finca? Cómo es su experiencia con la cooperativa?
- 26) ¿Cuál es la extensión de la finca o terreno?
- 27) ¿El terreno está registrado a nombre de cuál persona? ¿Por qué?
- 28) ¿Cuáles son los productos más producidos en el terreno (área y/o producción)?
- 29) ¿Contrata mano de obra para alguna actividad? ¿Esa mano de obra es fija/temporal?
- 30) ¿De su familia, quiénes son las personas que trabajan con actividades agropecuarias en la finca?
- 31) ¿Qué animales son criados en el terreno? ¿Cuál es la cantidad? y ¿Quién es el responsable por los cuidados de cada tipo de animal?
- 32) ¿Cuánto es aproximadamente la renta agrícola anual obtenida con la producción de la finca? ¿Y solo con el café?
- 33) ¿Describa cómo percibe la región cafetera?
- 34) ¿Cómo era la región hace 20 y 30 años? ¿Mejor o peor que ahora? ¿Por qué?
- 35) ¿Cuándo piensa en su municipio, cuál es la primera imagen que aparece en su mente?
- 36) ¿Qué perspectivas tiene sobre el futuro del municipio, el departamento y la región?

- 37) ¿Qué paisajes, o cuáles elementos de los paisajes le molestan más? ¿Cualquier cosa que Ud. considere negativo y que le gustaría que desapareciera?
- 38) ¿Qué paisajes piensa que deberían ser fotografiados debido a que puedan desaparecer?
- 39) Si pudiera cambiar algo en el paisaje local, ¿qué sería? ¿Agregaría o quitaría? ¿Por qué?
- 40) ¿Qué significa para Ud. el paisaje cafetero o cuál es su percepción?

APÊNDICE C. ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO PARA PRODUTORES

1. Fecha:
2. Horario:
3. Municipio:
4. Nombre del entrevistado:
5. Sexo: F M
6. Edad: 20 a 35 36 a 50 51 a 75 Outro
7. Conformación familiar:
8. Escolaridad:
9. ¿Ha realizado algún proceso de capacitación especial en áreas relacionadas con el cultivo, beneficio, transformación y/o comercialización del café?:
SI NO
¿Cuál?
10. ¿Tempo de atuação na Cooperativa ou organização?
11. ¿Pertenece a algún programa de asistencia social del estado?
SI NO
¿Cuál?
12. ¿Tamaño aproximado del predio (Hectáreas)?
13. ¿Tipos de café sembrados y sus áreas?
Tecnificado No tecnificado Orgánico Otro ¿Cuál?
14. ¿Número de trabajadores del predio?
Permanentes Temporales o de cosecha
15. ¿Certificaciones obtenidas?
Café de origen Café sostenible Cafés certificados Ninguna Otra
16. ¿Eslabones de la cadena productiva en las que participa?
Producción de semillas Comercialización Producción Acopio y beneficio Trilla Industrialización Exportación Otro

17. ¿Su ingresos principales se derivan de?
 Venta de café Venta de otros productos agrícolas Otros

18. ¿Vive usted en su finca, o por el contrario, algún familiar?
 SI NO

19. ¿Quién cree que ejercerá el relevo generacional en su caso?

20. ¿Pertenece a figuras asociativas pertenece?
 SI NO

21. ¿Su café lo comercializa a través de?
 Clientes propios Asociaciones de productores

22. ¿Cuáles son los beneficios que recibe por parte de la asociación a la que pertenece?

Financiación Asesoría Técnica Capacitación Otro

23. ¿Recibe apoyo técnico, economico, comercial u otro de algún tipo de institución gubernamental o no gubernamental?
 SI NO ¿CUÁL?

24. ¿Su café lo vende? cereza verde pergamino trillado, tostado y molido

25. ¿Qué procesos de beneficio del café realiza en su propia finca?

Despulpe secado fermentado lavado trilla

26. En relación a las reuniones, ¿ocurren con cuánta frecuencia?

27. ¿Cuáles victorias, conquistas, ganancias o beneficios la cooperativa ha alcanzado desde su fundación?

28. ¿De lo que produce cuánto logra vender?

29. ¿A qué precio?

30. ¿Dónde lo vende?

31. ¿Qué piensa del paro agrario y por qué?
32. ¿Y de los últimos paros cafeteros?
33. ¿Qué significa para Ud. el paisaje cafetero o cuál es su percepción?
34. ¿Hace cuánto vive en este lugar?
35. ¿Antes de estar con la cooperativa le vendía a la Federación? ¿Cómo fue esa experiencia?
36. ¿Su familia participa de las labores de la finca? ¿Qué hacen? ¿Está dentro del área del PCC?
37. ¿Percepción del paisaje cafetero entre los 90 y ahora?
38. ¿Cuándo piensa en su municipio, cuál es la primera imagen que aparece en su mente?
39. ¿Qué perspectivas tiene sobre el futuro del municipio, el departamento y la región?
40. ¿Qué paisajes, o cuáles elementos de los paisajes le molestan más? ¿Cualquier cosa que Ud. considere negativo y que le gustaría que desapareciera?
41. ¿Qué paisajes piensa que deberían ser fotografiados debido a que puedan desaparecer?
42. Si pudiera cambiar algo en el paisaje local, ¿qué sería? ¿Agregaría o quitaría? ¿Por qué?
43. ¿Qué significa para Ud. el paisaje cafetero o cuál es su percepción?